

Unicamp – Instituto de Economia – CEDE Centro de Estudos de Desenvolvimento Econômico

“Notas” de aula, 4ª. Edição, 2017

Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Econômico

Disciplina: HO-016 - Desenvolvimento Econômico -2017

Prof. Wilson Cano

I- Apresentação

II- Programa, Ementas e Bibliografia

III- Notas de Aula

Índice

I. Apresentação.....	02
II. Programa, ementas e bibliografia.....	04
III Notas de Aula	
Item 1. Introdução, apresentação do programa e algumas questões metodológicas (anexo) Alguns indicadores de desenvolvimento.....	14
Item 2. Capitalismo originário.....	21
Item 3. Expansão e Transformação do Capitalismo originário “concorrencial” ao “monopólico” (1820-1913).....	28
item 4. Capitalismo moderno nos países ”centrais” (1913-1973).....	39
item 5. América Latina: Antecedentes do Primário Exportador anterior à maturação da I Rev. Industrial. (antes de 1800-1820).....	48
item 6 Capitalismo moderno e periferia (1820-1973) (anexo: alguns indicadores internacionais de estruturas produtivas e de emprego.....	50
item 7 Teorias.....	61
7.1. Fisiocratas, Clássicos, Neoclássicos, Schumpeter e Keynes	
7.1.1. Fisiocratas (s. XVIII)	
7.1.2. Clássicos (sec. XVIII e XIX)	
7.1.3. Neoclássicos	
7.1.4. Schumpeter	

7.1.5. Keynes	
7.2. Marx.....	67
7.3. Algumas questões sobre Desenvolvimento em Myrdal, Hirschman e Kalecki.....	75
7.4. A Cepal e a problemática do subdesenvolvimento (período 1948-1970).....	78
7.5. Contribuições de Celso Furtado.....	84
7.6. Algumas contribuições de M.C.Tavares.....	93
8. Neoliberalismo, Globalização e Reestruturação nos países "centrais" (1973-2002)...	95
9 América Latina: "o sonho acabou"? (1973-74/2002).....	100
10. O período recente (2002...): nova economia e nova geopolítica (EUA, China e Rússia); o espraiamento internacional da crise.....	103
11. Visões e críticas recentes da problemática do desenvolvimento.....	107

I - APRESENTAÇÃO

Esta é a 4ª. Edição (2017) destas "NOTAS" Este curso, ministrado desde 1999 (até 2010 tinha a sigla HO-713 "Estratégias de Desenvolvimento"), foi concebido como a "espinha dorsal" do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Econômico, para proporcionar maior reflexão interdependente entre os temas centrais envolvidos nesse Programa: Desenvolvimento, Espaço, História, Meio Ambiente e Trabalho. É bom lembrar também que a estrutura da disciplina procura manter o espírito crítico que fundou o Instituto de Economia, desde seus primeiros passos, em 1968, no antigo DEPES.

Concebido no marco teórico histórico-estrutural, o curso tem uma perspectiva histórica que se inicia na transição ao capitalismo, atingindo sua contemporaneidade. Sua parte mais atual (itens 8 a 11 do Programa) é constantemente renovada em termos de temas específicos, países e textos, tendo como objetivo central melhor reflexão e entendimento do "momento atual" do movimento do capitalismo.

O eixo condutor do curso é o movimento interdependente da economia internacional, centrado nos principais países desenvolvidos, na América Latina e Brasil, e no período mais recente, inclui referências e bibliografia sobre China, Índia e Rússia, tendo em vista as principais transformações por que passaram esses países nas últimas décadas e o papel de destaque que ganharam no cenário internacional. Esse longo movimento histórico é visto em linhas mais gerais, aprofundando a análise em seus principais momentos de ruptura e transformação: transição ao capitalismo; 1ª e 2ª Revolução Industrial; a geração do subdesenvolvimento; 1ª. Grande guerra e os anos de 1920; "Crise de 1929"; o pós guerra e os *Golden Years*; o esgotamento desse período; reestruturação produtiva, neoliberalismo e crise atual, com a exacerbação da predominância do capital finance, inclui referências e bibliografia sobre o

No plano mais concreto, o curso examina as transformações dos principais países que se desenvolveram, suas estratégias de política econômica e o fundamental papel que seus Estados Nacionais exerceram. No caso dos países subdesenvolvidos, o curso mostra suas estruturas no momento de suas formações e os percalços por que passaram e passam, em suas tentativas de galgar o desenvolvimento.

No plano teórico o item 7 procura apresentar um balanço das principais escolas – Clássicos, Marx, Neoclássicos, Schumpeter e Keynes, para as reflexões sobre o desenvolvimento e a antiga escola Cepalina, de Prebisch e Furtado, sobre o subdesenvolvimento. No item 11, são apresentadas, e criticadas, algumas das “Novas” Teorias do Desenvolvimento, entre as quais a da “nova” Cepal, a do Neo Desenvolvimentismo, do Neo Institucionalismo e as Variedades de capitalismo, bem como são apresentadas reflexões mais atuais de Celso Furtado (entre elas, a das “Metamorfoses” do capitalismo, e ainda sobre a interdependência entre Desenvolvimento e Meio Ambiente. Incluo ainda neste item 11, uma crítica aos processos de Desindustrialização e de Construção e Desconstrução do desenvolvimento Brasileiro, que tratgo em dois textos recentes meus (Cano 2014 e 2017).

Por ser um curso complexo e extenso, envolve bibliografia extensa – em grande parte de leitura obrigatória - e exige do docente que a leciona, maior experiência e dedicação no preparo das aulas. Por essa razão, desde 2005 me preocupava com a proximidade de minha aposentadoria compulsória (12/2007) e o IE tentou contratar docentes que pudessem assimilar o curso ao longo de alguns anos. Contudo, até o momento, tenho contado apenas com a colaboração voluntária de alguns colegas, como os Profs. Cláudio S. Maciel, Humberto M. Nascimento, que ministram boa parte do curso, e de outros colegas do IE, principalmente na apresentação e discussão de alguns Seminários sobre temas específicos.

Nesse longo período em que tenho ministrado esse curso, além de acumular importante experiência e conhecimento, vi-me obrigado a produzir – além de alguns textos meus que o curso utiliza – “Notas de Aula” que constituem um útil instrumento auxiliar para o preparo de aulas. Fiz uma completa revisão de minhas “notas”, por entender que elas seriam importantes não só para os novos docentes colaboradores do curso, mas também para os alunos, facilitando, assim creio, uma transmissão gradual desta docência..

Essas “Notas de Aula” contemplam os 11 temas do curso, e podem constituir uma espécie de “Roteiro” ou “Guia” para docentes e também para alunos. A empreitada acabou gerando um longo texto de pouco mais de 100 páginas, que poderá também ser utilizado, no futuro, como embrião de um livro sobre essa complexa disciplina. Tomara que eu possa ter a disposição necessária para cumprir (ou ajudar a cumprir) essa importante tarefa.

Wilson Cano, **Campinas, julho de 2017.**

II - PROGRAMA^(*), EMENTAS E BIBLIOGRAFIA

Prof. Wilson Cano

1- Introdução: apresentação do programa e algumas questões metodológicas

- 1.1. A economia como ciência social: natureza e cultura. Sistema Econômico Nacional: economia, política e sociedade; setor público e privado. Dependência e Interdependência. Economia, Desigualdade, Política e Poder.
- 1.2. História econômica: estrutura, dinâmica, processo e periodização
- 1.3. Crescimento e transformação estrutural; desenvolvimento e subdesenvolvimento. Transformações históricas, “Metamorfoses” e “Variedades” do capitalismo.
- 1.4. Industrialização e desenvolvimento.
- 1.5. Capitalismo: previsão e incerteza; risco e especulação
- 1.6. Alguns indicadores econômicos e sociais: comparações internacionais históricas.

Bibliografia: Furtado 2008, cap. I, 1-4), Teixeira (cap. I); notas de aula.

2- O Capitalismo Originário (Séc. XV - 1820)

- 2.1. Formações Pré-capitalistas
- 2.2. Crise do Feudalismo e Transição
- 2.3. Capitalismo Originário e 1ª Revolução Industrial.

Bibliografia: Braudel (V1, Cap.8); **Dob** (Cap. II); Engels (1964); **Hobsbawn** (1978 Cap. 1 a 5); **Hobson** (Cap.I); Landes (Cap. 2 e 3); **Marx** (1984 A e **1984 B - Cap.XXIV; vol. I**); Polanyi (Cap. 3 a 10).

3- Expansão e Transformação do Capitalismo Originário (1820-1913)

3.1. Os países “centrais”

- Passagem da 1ª para a 2ª Rev. Industrial
- Grande empresa: tamanho e escala; concorrência
- C&T; Estado e Finança; o Padrão Ouro
- O Capitalismo Tardio

Bibliografia: **Hobsbawn** (1977 Cap. 1- 2 e **1978 Cap. 6 a 10**); **Hobson** (Cap.V, VI e VIII); Landes (Cap. 4 a 6); Gerschenkron ; List; **Marx** (1984 - Cap. XXIII; 1 e 2; vol. I); Mayer, **Oliveira** (2002, Cap.2 e 5); **Polanyi** (Cap. 3 a 10);Saul.

3.2. Alguns dos principais processos: Alemanha, EUA e Japão

(*) Os textos das bibliografias citadas em cada tópico são: i- os marcados **em negrito e grifados**, são de leitura obrigatória, e os alunos devem entregar, em cada aula, **resenha** de uma página, à qual deverá ser anexada uma questão (dúvida, contestação, esclarecimento, etc.), como se dirigida ao autor; ii- os apenas **grifados** são de leitura obrigatória; iii- os demais, de leitura recomendada.

Bibliografia: Gerschenkron, Oliveira (2002, Cap.5) / Maddison (1997); Moore Jr. (1975). Textos específicos: **EUA:** Fohlen (1980, segunda parte), Teixeira (1999) / **ALEMANHA:** Braga; Kemp (cap. IV, pp. 101-139; Borchardt (1987, pp. 78-164); / **ITÁLIA:** Cafagna, (1987, pp. 289-339); Kemp (Cap. 6 p 179-198) / **JAPÃO:** Chesneau (1980, Parte I, Caps 1-9); Hall (1986 cap. 14-16), Torres (1999).

4. Capitalismo Moderno nos países “centrais” (1913-1973)

- 4.1. Imperialismo e Colonização; grandes eventos populacionais
- 4.2. A 1^a Guerra Mundial, a década de 1920 e o Sistema Industrial dos EUA
- 4.3. A “Crise de 29” e as Políticas Anti-cíclicas; a II Guerra Mundial
- 4.4. Pós-Guerra: os *Golden Years*: Maturação e Esgotamento do Padrão de Crescimento. O "milagre" do Japão.

Bibliografia: Bleaney (1985, cap. 1 e 2); Coutinho (...2^a Guerra...), Cano (1996); Fajnzylber (Cap. I); Fano; Galbraith; Hobson (Cap. 10); Kindleberger (1985); Landes (Cap. 6 e 7); Lênin (2003); Maddison (1988 e 1997); Mazzuchelli (2009), Teixeira (Cap. II, 1983); Torres Fº (1983)

5- Primeira etapa da inserção periférica na expansão do Capitalismo (1820-1913)

- 5.1. Novo sentido da Colonização:
- 5.2. Capitalismo e a Nova Inserção Periférica: *o primário exportador*
- 5.3. Dinâmica e Estrutura; Potencial Transformador - o Subdesenvolvimento
- 5.4. Distribuição de Renda e Sociedade

Bibliografia: Cardoso de Mello (Intr. e Cap. I); Furtado (1978 Cap. I a V, VII e IX); Novais (Cap. II); Sunkel y Paz (II Parte)

6- Capitalismo moderno e periferia (1913-1973)

- 6.1. Primário Exportador e Diversificação da Economia
- 6.2. “Crise de 29” e as Diferentes reações dos Países Subdesenvolvidos
- 6.3. Substituição de Importações e Industrialização “Restringida”
- 6.4. Avanço da Industrialização (em alguns países); Modernização Agrícola e Urbanização
- 6.5. Progresso e Crise Social: a Heterogeneidade Estrutural

Bibliografia: Cano (2000 Cap. 1, 2006 cap. 4 e 2011, Parte II, artigos 4,5, e 6); Cardoso de Mello (Intr. e Cap. I; I-1); Fajnzylber (Cap.III); Furtado (1978 Cap 10 a 15); IPEA (2011); Kalecki (1973, cap. 2) Maddison (1988); Maddison (1997); Pinto (1965); Seers (1962); Tavares (1998, Cap. III; 1 e 2).

7- Algumas visões teóricas do Desenvolvimento e do Subdesenvolvimento.

- 7.1. Fisiocratas, Clássicos e Neoclássicos. Schumpeter e Keynes
- 7.2. Marx: dinheiro, capital, juros e crise. (ver programa complementar sobre “Finanças em Marx” e bibliografia específica, in Notas de Aula 7.2)

7.3. As visões de Gunnar Myrdal, Albert Hirschman e Michal Kalecki

7.4. A CEPAL e a problemática do subdesenvolvimento: o *Estudio* de 1949 e a contribuição de Raul Prebisch. Algumas visões críticas sobre dependência. A crítica à “razão dualista”.

7.5. A visão de Celso Furtado: Desenvolvimento; subdesenvolvimento, agricultura itinerante; decisões, estado e mercado; dependência e estagnação; o mito do desenvolvimento.

7.6. Algumas contribuições de M. Conceição Tavares no caso do Brasil.

Bibliografia:); Agarwala e Singh; Andrade e Silva (2010); Bamberger; Bielschowsky (2000 e 2007); Cano (2006 cap. 5 e 2015); Cardoso e Faletto (1973); Burgeño e Rodrigues (2001); Furtado (1966 e 1984); Dos Santos; **Furtado (1974 Cap. I, II e IV) e (2000 Cap. 8 e 13 a 22)**; Hirschman, (1958); Kalecki, 1977; Katz (7/2016); Marini (2000), **Marx (Cap. XIII-XV; vol. III)**; Miglioli (1980, cap. III); **Myrdal**, (1969); Ocampo y Parra; **Oliveira** (2003); **Prebisch** (1949); **Rodriguez** (1986 Cap. I e IX); Rodrigues (2009); **Schumpeter (1982 Cap. 2) e (1984, Cap XII e anexo A marcha para o socialismo)**; Sunkel y Paz (1970, III parte); **Tavares** (1996, 1999 e 2000) Tavares e Serra (1972); .

8- Neoliberalismo, Globalização e Reestruturação nos países “centrais” (1973-2002)

8.1. Crise Financeira Internacional e Debilitamento dos Estados Nacionais. A financeirização da riqueza e o capital fictício.

8.2. A retomada da hegemonia americana.

8.3. Neoliberalismo, Globalização, Capital financeiro e 3a. Rev. Industrial: “Todos Contra o Estado”

8.4. A Reestruturação Econômica nos países desenvolvidos

Bibliografia: **Belluzzo** (1999 e 2011); **Belluzzo e Tavares** (1980); Braga (1993); Coriat (2002); Coutinho (1992); **Fajnzylber** (Cap. IV); **Fiori** (1999 Introdução); Hobson (Cap. X), Medeiros (1998); **Tavares** (1997), **Tavares e Melin** (1997).

9- Neoliberalismo, Globalização e Reestruturação na “periferia” (1973-2002)

9.1. Endividamento (70’s) e sua Crise (80’s): a crise do Estado

9.2. Neoliberalismo e Agravamento da Crise

9.3. Ajustes Macroeconômicos, Estabilização e Abertura

9.4. Reversão do Setor Externo e Baixo Crescimento: consumismo, desemprego e crise social

Bibliografia: Cano (1995 - Cap. 1 e 6); **Cano** (2000 Cap 1)* ; **Cepal** (2006 Cap. II e Relat. recentes); **Fajnzylber** (Cap. II e III); **UNCTAD** (2003)

* já resenhado no item 6

10- O período recente (2002...)

10.1. Uma nova geopolítica (EUA, China e Rússia).

10.2. Expansão e crise dos EUA. Crise Europa

10.3. Expansão da China e o “efeito China”. Índia e Rússia. Os BRICs.

10.4. América Latina: linhas gerais do movimento dos principais países. Baixo crescimento e Maiores Tensões Políticas e Sociais A Desindustrialização este ponto passa para o item 11.2)

Bibliografia: AKB (2008); Belluzzo (2002); Cano (2009) e notas de aula; Cepal (2008 e 2009); Fiori (2008); Katz (5/7/2016); Medeiros (2005 e 2008); Monteiro Neto (2005); Nassif (2006) Serrano (2008); Singh (1993); Vidal y Guillén (2007).

11- Visões e críticas recentes da problemática do Desenvolvimento.

11.1. A problemática do desenvolvimento revista:

- o neo-estruturalismo da CEPAL e o “Novo Desenvolvimentismo”;
- novas reflexões de Furtado e as “Metamorfoses” do capitalismo;
- “Variedades” de capitalismo e o novo Institucionalismo; a Questão Ambiental
- Progresso Técnico e competitividade. Neoschumpeterianos.

11.2.. Industrialização e Desindustrialização:

- a diferença entre o sentido financeiro e o produtivo da desindustrialização;
- a desindustrialização na América Latina e no Brasil: uma “reprimarização”?
- as novas relações Centro-Periferia;

11.3. Crítica e alternativas ao modelo neoliberal:agravamento da crise econômica, política e social: a crise “permanente”, desemprego e precarização do trabalho; migrações; distribuição de renda; O caso do Brasil.

Bibliografia:

11.1. Albuquerque (2007) Alier (1987); Amitramo; Astarita; Bardhan (1996); Bresser-Pereira e Gala; Bielschowsky (2/007); Furtado (1992 e 1994); Gligo (1987); Gonçalves (2012), Gudynas (2009); Guillén Romo (2007), Hounie et. al; Medeiros e Sá Barreto; Medeiros (2001 A); Mujica (1991); Rodriguez e outros (1995); Rodrigues (2009); Serrano e Cezarotto, Tayllor;

11.2. Belluzzo (2014);Cano (2014), IEDI (2005; e vários docs.recentes); Dowbor, **FIESP (2011)**;Furtado (2002); Piketty; Ribeiro e Albuquerque; UNCTAD (2003);

11.3. Belluzzo (2002); Cano (2010, 2017 e notas de aula)); Cardoso Jr (2009); Fiori (2007 A);;Magalhães (2009); Sicsú e Castelar (2009); Sicsú e Miranda (2009).

BIBLIOGRAFIA GERAL (ver, em Notas de Aula 7.2, biblio específica sobre “Dinheiro e Capital Fictício em Marx”)

Agarwala, A.N. e Singh, S.P. (orgs.), A Economia do Subdesenvolvimento. Forense, RJ, 1969.

Albuquerque, E.M., Celso Furtado, a polaridade modernização-marginalização e uma agenda para a construção de um sistema de inovação e de bem-estar social. **in:** Saboia e Carvalho (2007)

Alier, J.M., *Economia y ecologia: cuestiones fundamentales*. **In** Pensamiento Iberoamericano n.12. ICI/CEPAL, Madrid, jul-dic. 1987.

AKB-Associação Keynesiana Brasileira. Dossiê da Crise (vários autores). In: www.ppge.ufrgs.br/akb. 2008.

Amitramo, C. R. Instituições e Desenvolvimento: críticas e alternativas à abordagem de “Variedades” do Capitalismo. Unicamp-IE, Tese de Doutorado, Campinas, 2010.

- Andrade, P. e Silva, R.C. Uma Mestra na Periferia do Capitalismo: A Economia Política de M. C. Tavares". *Revista de Economia Política*, Vol. 30, No. 4 (120), out-dez.
- Astarita, R. Neoschumpeterianos y Marx. Notas de clase. In: [HTTP://rolandoastarita.com/ncSchumpeterianosyMarx.htm](http://rolandoastarita.com/ncSchumpeterianosyMarx.htm)
- Bambirra, Vania(1986). *El capitalismo dependiente latinoamericano*, Siglo XXI, México
- Bardhan, P. Teoria del Desarrollo: tendências y desafios.. **in** Pensamiento Iberoamericano n. 29; Madrid; 1-6/1996.
- Belluzzo, L.G.M. *Finança global e ciclos de expansão*. **In** Fiori (Org., 1999).
- _____ Brasil, um desenvolvimento difícil... In: Castro (2002 v.2)
- _____ Sistema de Crédito, Capital Fictício e Crise. (cap. V do novo livro).
- Obtido no site de Carta Maior, em 14-6-2011.
- Belluzzo, L.G.M. e Tavares, M.C. Capital Financeiro e Empresa multinacional – o surgimento do capital financeiro. *Revista Temas de Ciências Humanas*, v.9, 1980. Republicado em: Belluzzo, L.G.M. Antecedentes da Tormenta, UNESP-Facamp 2009.
- _____ I A pulsão de vida do capitalismo é sua pulsão de morte: a acumulação e desigualdades permanente. Entrevista especial concedida ao IHU (obtido de IHU on line, no. 449, de 4/8/2014)
- Bielschowsky, R.(Org.), *Cinquenta anos de Pensamento na Cepal*. Ed. Record/Cofecon/Cepal; Rio de Janeiro, 2000, 2v.
- _____ As contribuições de Celso Furtado ao estruturalismo. **In** Saboia, J. e Carvalho, F.J.C.(Orgs) 2007
- Bleaney, M. The Rise and Fall of Keynesian Economics –An investigation of its contribution to capitalist development. London, MACMILLAN, 1985.
- Borchardt, K., *La revolución industrial en Alemania 1700-1914*, **in** Cipolla, C. The Fontana Economic History of Europe. Barcelona, Ed. Ariel, v. 4, 1987.
- Braudel, F., Civilização Material, Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII. Martins Fontes, SP, 1995, 3v.
- Braga, J.C.S., A financeirização da riqueza: a macroestrutura financeira e a nova dinâmica dos capitalismos centrais. *Economia e Sociedade, Unicamp/IE, Campinas, n. 21, 1993*.
- _____ Alemanha: império, barbárie e capitalismo avançado. In: Fiori (1999).
- Bresser-Pereira, L. C. e Gala, P. *Novo Desenvolvimentismo e Apontamentos para uma Macroeconomia Estruturalista do Desenvolvimento*. Revista da Cepal, no. 102, Santiago, abril 2010.
- Burgeño, O e Rodrigues, O. *Desenvolvimento e Cultura*. In Rego e Pereira (2001).
- Cafagna, L., *La revolución industrial en Italia*, **in** Cipolla, C. The Fontana Economic History of Europe. Barcelona, Ed. Ariel, v. 4, 1987.
- Cano, W., Reflexões sobre o Brasil e a Nova (Des)Ordem Internacional. Editora da UNICAMP, Campinas, 4a. ed., 1995.
- , *Notas sobre o Imperialismo Hoje*, **in** Crítica Marxista. Brasiliense, SP, V.1 n° 3, 1996
- Soberania e Política Econômica na América Latina. Unesp/Unicamp-Economia, São Paulo/Campinas, 2000.
- , *Crise de 1929, Soberania na Política Econômica e Industrialização* 2006. In: Cano, W. Ensaio sobre a formação econômica regional do Brasil, ED. Unicamp, cap. 4, 1ª. reimpressão 2006.
- , *Furtado: a questão regional e o subdesenvolvimento brasileiro (agricultura itinerante)*. In Ensaio, obra citada, cap. 5, 1ª. reimpressão, 2006
- , *América Latina: notas sobre a crise atual*. Rev. Economia e Sociedade, v.18, n.3, (37), 12/2009.

_____. *Uma Agenda Nacional para o Desenvolvimento*. Revista Tempo no Mundo, IPEA, Brasília, v. 2, no. 2, 12/2010. ISS 2176-7025N

_____. Ensaio sobre a Crise Urbana do Brasil. (Ensaio nos.4, 5 e 6 da Parte II) Ed.Unicamp, Campinas, 2011

_____. -(Des)Industrialização e (Sub)Desenvolvimento. Centro Internacional Celso Furtado. Cadernos do Desenvolvimento n.15, jul-dez/2014, Rio de Janeiro.

_____. Principais contribuições de Celso Furtado sobre a História Econômica do Brasil e o período recente. Centro Internacional Celso Furtado. Cadernos do Desenvolvimento n.17, jul-dez/2015, Rio de Janeiro

_____. Brasil: Construção e Desconstrução do Desenvolvimento. Unicamp/Instituto de Economia, Rev. Economia e Sociedade, agosto 2017, Campinas,

Cardoso Jr., J.C. (Org) Desafios ao desenvolvimento brasileiro: contribuições do Conselho e Orientação do IPEA. IPEA, Brasília, 2009.

Cardoso de Mello, J.M., *O Capitalismo Tardio*. Brasiliense, São Paulo, 1982.

Cardoso, F.H. e Faletto, E. Dependência e Desenvolvimento Econômico. Zahar, RJ, 1973, 2ª ed.

Castro, A.C., BNDES. Desenvolvimento em Debate. Novos rumos de desenvolvimento no mundo. BNDES, Rio de Janeiro, 2002, 3v.

Cepal. Panorama de la inserción internacional de América Latina y el Caribe. Cepal, Santiago, (relatórios anuais).

Chesneau, J., *A Ásia nos séculos XIX e XX*. SP, Ed. Pioneira, 1980.

Cipolla, C., *The Fontana economic History of Europe*. Barcelona, Ed. Ariel, v. 4, 1987.

Coriat, B. O novo regime global de propriedade intelectual e sua dimensão imperialista: implicações para as relações “Norte/Sul”. In: Castro (2002 v. 1)

Coutinho, L., *A Terceira Revolução Industrial e Tecnológica*, in *Revista Economia e Sociedade*, nº 1. Campinas, Instituto de Economia-UNICAMP, ago/92.

-----, *Das Políticas de Recuperação à 2ª Guerra Mundial*. Campinas, IE/UNICAMP, mimeo.

-----, *Os Anos Vinte na Europa*. Campinas, IE/UNICAMP, mimeo.

Dob. M. A Evolução do Capitalismo. Zahar, RJ, 1971, 2ª ed.

Dos Santos, Theotonio (1978). *Imperialismo y dependencia*, ERA, México

Dowbor, L. Como as corporações cercam a democracia. Blog Outras Palavras, em 25/6/2016.

Engels, F. A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. Vitória, R.J. 1964

Fajnzylber, F., *La Industrialización Trunca de America Latina*. Nueva Imagen, México, 1983.

Fano, E., *Crisi e Ripresa Economica nel Bilancio del New Deal*, in Teló M. (Coord.) *Crisi e Piano Alternative Degli anni trenta*. Bari - Itália - DeDonato Edit. Movimento Operario nº 58, 1979.

Fiesp. *O Processo de Desindustrialização*. Fiesp, SP, obtido de : <http://www.fiesp.com.br/economia/estudos-economicos.aspx>; em 8/8/2011

Fiori, J.L. Estados e moedas no desenvolvimento das nações. Vozes, Petrópolis, 1999.

_____. *A nova geopolítica das nações e o lugar da Rússia, China, Índia e África do Sul*. Revista OIKOS, Rio de Janeiro, n. 8, 2007 A. (www.revistaoidos.org).

_____. O Poder Global. Boitempo, São Paulo, 2007 B

_____. *O sistema interestatal capitalista no início do século XXI*. In Fiori, Medeiros e Serrano (2008)

- Fiori, J.L., Medeiros, C. e Serrano, F. O Mito do Colapso do Poder Americano. Record, RJ. 2008
- Fohlen, C., América anglo-saxônica de 1815 à atualidade. SP, Ed. Pioneira, 1980.
- Furtado, C. Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966.
- _____. O Mito do Desenvolvimento Econômico, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1974.
- _____. A Economia Latino- Americana. Ed. Nacional, São Paulo, 1978, 2ª ed.
- _____. Cultura e Desenvolvimento. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1984.
- _____. O Subdesenvolvimento Revisitado, in Revista Economia e Sociedade, nº 1. Campinas, Instituto de Economia-UNICAMP, ago/92.
- _____. A Superação do Subdesenvolvimento, in Revista Economia e Sociedade, nº 3. Campinas, Instituto de Economia-UNICAMP, dez/94.
- _____. Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico. Paz e Terra, SP, 10ª ed., 2000
- _____. Metamorfoses do capitalismo. (Conferência pronunciada na UFRJ, 2002). Extraída de: [HTTP://www.redcelsofurtado.edu.mx](http://www.redcelsofurtado.edu.mx) (em 27-6-2016)
- _____. Economia do Desenvolvimento. Arquivos Celso Furtado n.2. Centro Internacional C. Furtado. RJ, 2008
- Galbraith, J.K., O Colapso da Bolsa - 1929. SP, Pioneira, 5ª ed., 1988.
- Gentil, D.L. e Messenberg, R.P. Crescimento Econômico: Produto potencial e investimento. IPEA, Brasília, 2009.
- Gerschenkron, A. O atraso econômico em perspectiva histórica. In: Gerschenkron, A. O atraso econômico em perspectiva histórica e outros ensaios. Editora: Centro Internacional Celso Furtado/Contraponto, Rio de Janeiro, 2015.
- Giglo, N., Política, sustentabilidad ambiental y evaluación patrimonial.. *In* Pensamiento Iberoamericano n.12. ICI/CEPAL, Madrid, jul-dic. 1987.
- Gonçalves, R. Novo Desenvolvimentismo e Liberalismo Enraizado. Obtido em <http://reinaldogoncalves.blogspot.com.br/>; 9/11/2012
- Gudynas, E. Inserción internacional y desarrollo latinoamericano en tiempos de crisis global: una crítica a la CEPAL. In: www.globalizacion.org/observatorio/ (12/2009)
- Guillén Romo, H. De la orden cepalina del desarrollo al neoestructuralismo en América Latina. Comércio Exterior, vol. 57, núm. 4, abril de 2007
- Hall, J. W., El imperio japonés, Historia Universal. Siglo XXI, 1986.
- Hirschman, A.O., The Strategy of Economic Development, Yale University Press, New Haven, 1958.
- Hobsbawm, E., A Era do Capital (1848-1875). Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1977.
- _____. Da revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo. RJ, Forense, 1978.
- Hobson, J.A., A Evolução do Capitalismo Moderno. Ed. Abril, SP, 1993
- Hodgskin : A Defesa do Trabalho Contra as Pretensões do Capital.. In: List e Hodgskin. Ed. Abril Cultural, Coleção Os Economistas. São Paulo, 1983.
- Hounie, A et al. La Cepal y las nuevas teorías del crecimiento. Ver. CEPAL, n. 68, Cepal, Santiago, ago.1999.
- IEDI – Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial. Ocorreu uma Desindustrialização no Brasil? IEDI, São Paulo, 11/2005 (www.IEDI.org.br)
- _____. Carta Semanal IEDI e documentos Economia e Indústria-Análise IEDI (anos recentes)
- IPEA. (vários autores) Número especial sobre Heterogeneidade Estrutural no Brasil Radar n.14, IPEA, Brasília, 6/2011

- Kalecki, M. *Estúdios sobre la teoria de los ciclos econômicos*. Ariel, Barcelona, 2^a. Ed. 1973
- _____. *Crescimento e Ciclo das Economias Capitalistas*, Hucitec, 19, 77.C
- Katz, C. *La economia de Macri*. Buenos Aires, 5/7/2016. Obtido em www.lahaine.org/katz.
- _____. *El surgimento de las Teorias de la Dependência*. Buenos Aires, 23/7/2016. Obtido em www.lahaine.org/katz
- Kemp, T., *A revolução industrial na Europa do século XIX*. Lisboa, Edições 70, 1987.
- Kindleberger, C. *La Crisis Económica 1929-1939*. Ed. Critica, Barcelona, 1985.
- Landes, D., *Prometeu Desacorrentado*. RJ, Nova Fronteira, 1994.
- Lênin, V. I. *Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. Centauro, SP, 2003
- List, G. F. *Sistema Nacional de Economia Polítida*. In: List e Hodgskin. l. Ed. Abril Cultural, Coleção Os Economistas. São Paulo, 1983
- Maddison, A., *Dos crisis en América y Asia: 1928-1938 y 1973-1983*. Mexico; Fondo de Cultura Económico, 1988.
- , *The Nature and Functioning of European Capitalism: A Historical and Comparative Perspective*. *BNL Quarterly Review* n. 203, December 1997.
- Magalhães, J.P.A. *O que fazer depois da crise: a contribuição do desenvolvimentismo keynesiano*. Contexto, Rio de Janeiro, 2009.
- Marini, R.M. *Dialética da Dependência*. Vozes, Rio de Janeiro, 2000
- Marx, K., *Formaciones Económicas Precapitalistas*. (com Introdução de E. Hobsbawn). Ed. Critica, Barcelona, 1984 (A), 2^a e
- _____. *El Capital. Crítica de la Economía Política*. México, Fondo de Cultura, 3 v, 1973, 7^a. Reimpressão..
- Mayer, A.J. *A força da tradição*. –Cia. Das Letras, São Paulo, 1987.
- Mazzuchelli, F. *Os anos de chumbo*. UNESP-Facamp 2009.
- _____. *O pioneirismo de Smith*. Unicamp/IE, *Economia e Sociedade* n.18, 1-6/2002, Campinas
- Medeiros, C.A. *Raízes estruturais da crise financeira asiática e o enquadramento da Coréia*. *Revista Economia e Sociedade* n. 11, Unicamp/Instituto de Economia, dez/1998.
- , *Instituições, estado e mercado no processo de desenvolvimento econômico*. *Rev. de Economia Contemporânea*, v1, n1, Instituto de Economia, UFRJ, Rio de Janeiro, jan-jun/2001 A
- *A Economia Política da Crise e da mudança estrutural na Ásia*. *Revista Economia e Sociedade* nos. 17, Campinas, Unicamp/Instituto de Economia, dez/2001 B.
- , *A China como um Duplo Pólo na Economia Mundial e a Recentralização da Economia Asiática*. UFRJ-IE, mimeo, 5-2005
- _____. *Desenvolvimento econômico e ascensão nacional: rupturas e transições na Rússia e na China*. In Fiori, Medeiros e Serrano (2008)
- _____, J. L. e Sá Barreto. *Lukács e Marx e o “ecologismo acrítico”: por uma ética ambiental materialista*. *Economia e Sociedade*, Campinas, 8/2013.
- Monteiro Neto, A. *Moneiro Neto. Dilemas do Desenvolvimento na China: crescimento acelerado e disparidades regionais (da Revolução Comunista à Globalização)*. IPEA, Texto para Discussão n.1126, Rio de Janeiro, 10-2005
- Moore Jr., B. *As Origens Sociais da Ditadura e da Democracia*. Cosmos/Martins Fontes, Santos, 1975.

- Mujica, P. *Nuevos enfoques en la teoría del crecimiento económico: una evaluación*. CEPAL, Doc. de trabajo n. 2, Santiago, ago. 1991
- Miglioli, J. (Org. Kalecki. Atica Ed., São Paulo, 1980)
- Myrdal, G., *Economic Theory and Underdevelopment Countries*, trad. Port. Ed. Saga, Rio de Janeiro, (1ª edição 1957) 1969.
- Nassif, A. economia indiana no período 1950-2004: da estagnação ao crescimento acelerado. Lições para o Brasil? BNDES, Textos para Discussão 107, RJ, 2006
- Novais, F., *Portugal e o Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial: 1777-1808*. Hucitec, SP, 1985.
- Ocampo, J. A. y Parra, M. *Los términos de intercambio de los productos básicos en el siglo XX*. CEPAL, Revista de la Cepal n. 79, 4-2003, Santiago.
- Oliveira, C. Alonso B. de *Processo de Industrialização: do Capitalismo Originário ao Atrasado*. Unesp/Unicamp, SP/Campinas, 2002.
- Oliveira, F. *Crítica à razão dualista. O Ornitorrinco*. Boitempo, São Paulo, 2003.
- Orero, J.L. *Progresso Tecnológico, crescimento e as diferenças internacionais nas taxas de crescimento da renda per capita. Uma crítica aos modelos neoclássicos de crescimento*. Economia e Sociedade n. 12, Unicamp, Instituto de Economia, Campinas, 6/1999.
- Piketty, T. O capital no século XXI. Edit. Intrínseca, Rio de Janeiro, 2014. Edição digital www.intrinseca.com.br/ocapital
- Pinto, A. *Concentración del Progreso Técnico y de sus frutos en el Desarrollo Latinoamericano*. El Trimestre Económico, enero-marzo, 1965.
- _____. *Natureza e implicações da “heterogeneidade estrutural” da América Latina; in Bielschowsky, R. Cinquenta anos de pensamento na Cepal*, Ed.Record, RJ-SP, 2000, vol. 2.
- _____. *Heterogeneidade estrutural e modelo de desenvolvimento recente*. In Serra, J. (Coord.) América Latina: ensaios de interpretação econômica. Paz e Terra, RJ. 1979, 2ª ed.
- Polanyi, K. A Grande Transformação. Campus, RJ. 1980.
- Porcile, G.; Esteves, L.A. e Scatolin, F.D. *Tecnologia e Desenvolvimento*. In: Pelaez, V. e Szmrecsányi. Economia da Inovação Tecnológica. Hucitec São Paulo, 2006
- Prebisch, R. *O desenvolvimento da América Latina e alguns de seus problemas principais*. In: Bielschowsky (2000), v. 1.
- Rego, M. e Pereira, L.C.B. A grande esperança em Celso Furtado: ensaios em homenagem aos seus 80 anos. Editora 34, São Paulo, 2001.
- Ribeiro, L. C. e Albuquerque, E. M.. O papel da Periferia na atual transição para uma nova fase do capitalismo. Questões introdutórias nas mudanças da divisão Centro-Periferia. Centro Internacional Celso Furtado. Cadernos do Desenvolvimento n.17, jul-dez/2015, Rio de Janeiro
- Rodriguez, O., La Teoría del Subdesarrollo de la CEPAL. Siglo XXI, México, 5ª ed., 1986.
- _____. O Estruturalismo Latino-americano. Cepal-Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2009.
- Rodriguez, O. e outros. CEPAL: velhas e novas idéias. Ver. *Economia e Sociedade* n. 5, Instit. Economia, Unicamp, dez. 1995. Furtado e o século XXI: Editora Manole; SP, 2007.
- Saul, S.B. The myth of the Great Depression. MacMillan, 2ª ed., Londres, 1985
- Schumpeter, J.A. A Teoria do Desenvolvimento Econômico. Abril Cultural, _____ . Capitalismo, Socialismo e Democracia. Zahar, Rio de Janeiro, 1984.
- Seers, D. *Inflación y crecimiento: resumen de la experiencia en América Latina*. Cepal, Boletín Económico de América, vol VII, no. 1, Santiago, fev/1962.

- Serrano, F. A economia americana, o padrão dólar flexível e a expansão mundial nos anos 2000. In Fiori, Medeiros e Serrano (2008)
- Serrano, F. e Cesarotto, S. As leis de rendimento nas teorias neoclássicas do crescimento: uma crítica sraffiana. 1997, In: [HTTP://franklinserrano.files.wordpress.com/2008/03](http://franklinserrano.files.wordpress.com/2008/03)
- Sicsú, J. e Castelar, A. (Orgs) Sociedade e Economia: estratégias de crescimento e desenvolvimento. IPEA, Brasília 2009.
- Sicsú, J. e Miranda, P. (Orgs). Crescimento Econômico: estratégias e Instituições. IPEA, Brasília, 2009.
- Singh, A. The Plan, The Market and Evolutionary Economic Reform in China. UNCTAD, Discussion Papers n. 76, NY, 1993.
- Sunkel, O e Paz, P., El Subdesarrollo Latinoamericano y La Teoría Del Desarrollo. Ed. Siglo XXI, 1973..
- Tavares, M.C. - *Subdesenvolvimento, Dominação e Luta de Classes*. In Celso Furtado, Fund. P. Abramo, Belo Horizonte, 2000.
- _____. *A retomada da hegemonia americana*. In Tavares e Fiori (Org. 1997)
- , *Acumulação de Capital e Industrialização no Brasil*. Unicamp, Instituto de Economia, Campinas, 1998, 3ª ed.
- _____- *Império, Território e Dinheiro*. In FIORI, J.L. (Org.) *Estado e Moedas no desenvolvimento das nações*. Vozes, Petrópolis, 1999.
- Tavares, M.C e Serra, J. *Além da Estagnação*. In: Tavares, M.C. Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro. Zahar, Rio de Janeiro, 1972.
- Tavares, M. C. e Melin, L.E. *Pós escrito 1997: A reafirmação da hegemonia americana*. In Tavares e Fiori (Org. 1997).
- Tavares, M.C. e Fiori, J.L (Org.) *Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização*. Vozes, Petrópolis, 1997, 2ª ed.
- Taylor, L. *Crecimiento Económico, Intervención del Estado renda Teoría del desarrollo*. In Pensamiento Iberoamericano n.29, ICI/CEPAL, Madrid, 1-6/1996.
- Teixeira, A., *O Movimento da Industrialização nas Economias Capitalistas Centrais no Pós-Guerra*. RJ, IEI/UFRJ, Texto para Discussão, nº 25, 1983.
- _____. Estados Unidos: a curta marcha para a hegemonia. In: Fiori (1999).
- Torres Fº, E.T., *O mito do sucesso: uma análise da economia japonesa no pós guerra (1945-1973)*. UERJ/IEI, Dissertação de Mestrado (Texto para Discussão n. 37), 11/1983.
- _____. Japão: da industrialização tardia à globalização financeira. In: Fiori (1999).
- UNCTAD – *La acumulación de capital, el y Guillén económico y el cambio estructural*. UNCTAD-ONU, N.Y. 2003 (www.unicc.unctad).
- Vidal, G. y Guillén R. A. *Repensar la Teoría del Desarrollo en un contexto de globalización*. Clacso-UNAM-Red Celso Furtado, México, 200

III – NOTAS DE AULA - HO335 - Prof. Wilson Cano

1 - Introdução, apresentação do programa e algumas questões metodológicas

- Apresentação do Programa: estrutura, conteúdo, cronograma tentativo, abordagem teórico-histórica, etc.

1.1. A economia como ciência social: natureza e cultura

- A falsa separação pós “1840” da Economia e das Ciências Sociais, notadamente da Política
- Economia e C. Sociais são muito **≠s** das C. “Duras”, naturais e as exatas
- Elementos de uma TDE:

i • Economia Nacional: { Sistema político
Sistema econômico
Empresários
Governo
“Consumidores”, Trabalhadores, População

ii • Decisões
(Pol.Econ.)

Poder (≠) dos agentes:

Empresário,(Kn,Kx);
(Gr.Méd.Peq); ;Assoc. classista,
Consumidor, Trabalha,População
Estado,Instituições Pol.e Juríd.
Relações Internacionais

Poder e distribuição de renda e propriedade
Conflito: - Esfera econômica e esfera política

Poder Público e Privado

- **A Economia é Política**

iii – Dependência (decisões internas e externas):

Geopolítica; \$, C&T, Militar, Diplomática.

Economias de Enclave: fortemente dependentes

Excedente: Apropriação uso; controle nacional

Teoria de Acumulação de K → Teoria do Poder: produtiva
financeira

Teoria de estratificação social mercados

1.2 História e TDE (evolução)

1.2.1. Evolução

Antes e após a II Guerra:

“Crise de 29” abre espaço p/ Estado e Welfare State-; Distrib. Y; C &T

• Pós II: GG > Politização do Des. Econ.; Destaque p/ questões estruturais

- Nazismo x Democracia, Nazismo x Socialismo
- Welfare State (pol. Keynesianas)
- Desenvolv. e Crescimento.
- Descolonização
- Questões: Regional, Urbana, e Social
- Sindicatos, Partidos Progressistas
- Meio Ambiente

-1980's e 1990's: NL, Globaliz, Supremacia Financeira....

-Visões teóricas:

- Fisiocracia (ordem natural) /Sec. XVIII
- Clássicos Sec. XIX, Filosofia utilitarista, Benthan, Sec. XVIII
- Neo-Clássicos: (XIX) ordem natural e mercado;
- Marx – Materialismo hist.; Classes, hist., socialismo, Estado; final XIX
- Keines (XX), Kismo e Estado; Crises; pleno emprego?
- Schumpeter: Kismo e Empresário; C&T
- Cepal - C. Furtado: T. do Subd.; estruturalismo
- “novas” teorias: vários “neos”

1.2.2.- História Econômica

Dinâmica do Sistema Econômico:

- Mudanças das estruturas: Of: I, C&T, X, M, Produção e Emprego
- Idem, idem: D; Y, Distribuição Y, População, Efeito Demonstração,...

1.2.3 – Método histórico estrutural

- Estática, Estática Comparada e Dinâmica
- Processo; e temporalidade: (ciclo, tendência,):

(Cf. CF TPDE, cap. 6 e 7) Mudanças sociais e estruturais (processos). O estruturalismo latino-americano destacou a importância dos parâmetros não-econômicos no modelo (e análise) macroeconômica. Tais parâmetros podem se modificar, em processos sociais históricos. Assim, eles “retomaram a tradição do pensamento marxista na medida em que este destacou em primeiro plano a análise das estruturas sociais, para compreender o comportamento das variáveis econômicas”.

- Mudanças conjunturais e circunstanciais

Item 1.3 Crescimento e transformação estrutural

1.3.1 • Atraso e desenvolvimento: desenv., subdesenv., atrasados, “emergentes”;

1.3.2 • Desenvolvimento: $[\Delta y \text{ e } \Delta Pt]$ + transform. estruturais: MO, Q, X, M, Tribut., Cultura, Distrib. Renda...
Ampliar justiça social e democracia
Cultura e soberania nacional
Meio ambiente

1.3.3 • Subdesenvolvimento e Heterogeneidade estrutural

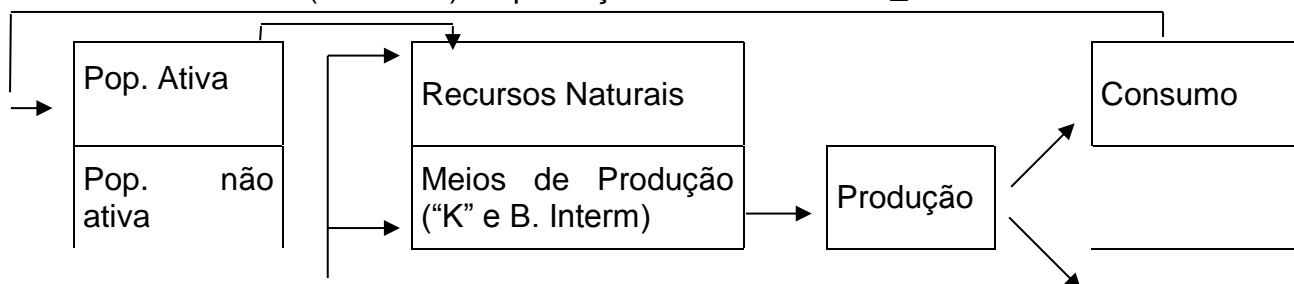
- Desenv. e Subdesenv. Não são etapas e sim processos
- Subdes. resulta da inserção de países periféricos na economia internacional (sec. XIX), superpondo estruturas Kistas a estruturas pré-Kistas do país, sem eliminá-las e aumentando sua dependência externa. Esta se “perpetua”, apenas alterando suas formas, com o que se mantém o subdesenvolvimento.

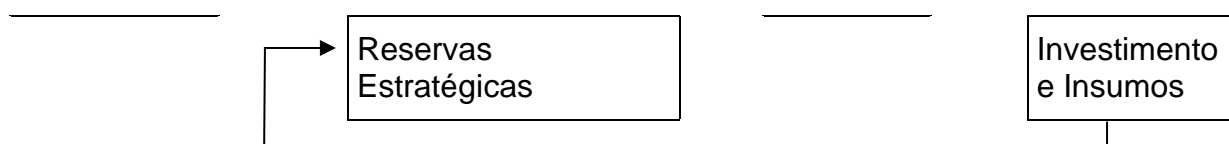
1.3.4 • Δ , desenvolvimento e excedente

- Excedente: (origem: $> \div$ trabalho, ΔPt , e/ou Acumulação primitiva)
 $Y - C$ “necessário” = excedente
 $Y - C = S = I$; $I = IR + IL$
Estado: estacionário ($IL = 0$); progressivo
 > 0 , regressivo < 0

- Sociedade antiga: reprodução simples. Exced. p/ ornamentos, monumentos, armas; Com. Ext: “meio de vida”; complem.D.
- Soc. “mais desenvolvida”: reprodução ampliada; uso produtivo e “improdutivo” do excedente; Com.Ext. c/ fins lucrativos

1.3.5 – Sentido (resumido) da produção econômica Kista_





- Produção – Eficiência; divisão do trabalho; ΔPt , ΔK
- Δy , ΔPt , C&T
- Apropriação: W, L; impostos, RLx
- Distribuição e: > Equidade
- Redistribuição ativos (Estado)
- Impostos – subsídios
- Preços e Serviços públicos
- Inflação
- Caridade, Marginalidade

1.4 – Industrialização e desenvolvimento

- Implantação de fábricas e Industrialização
- Industrialização originária e os retardatários (laters)
- Industrialização e implantação do modo especificadamente Kista de produção
- industrialização dos setores produtivos (Si, Sii, Siii)
- Industrialização e urbanização
- Desindustrialização

1.5 – Kismo: previsão, incerteza, risco, especulação

- Tendência e ciclo

1.6 - Alguns Indicadores econômicos e sociais (tabelas e transparências anexas)

PIB/HABITANTE						
	1963	1676	1991	2004	2015	2015 US\$ correntes
EUA	100	100	100	100	100	55.800
Japão	36	62	121	92	58	32.500
França	63	83	92	83	65	36.200
Espanha	33	44	56	62	46	25.800
Portugal	21	21	27	41	34	19200
Coréia do Sul	9	6	28	36	49	27.200
Argentina	38	20	17	10	22	12.500
Brasil	22	14	13	8	15	8.500
México	24	14	13	16	16	9.000
Chile	31	13	10	15	24	13.400
Índia	6	2	1,5	1,6	2,8	1.600

Fonte: BIRD e OECD. (Índices calculados pelos valores em US\$ correntes)

**Disparidades Extremas da Renda Regional por Habitante
(Renda por habitante do país = 100)**

EUA				BRASIL		
	Região de mais alta renda (A) Connecticut	Região de mais baixa renda (B) Mississippi	A/B	Região de mais alta renda (A) São Paulo	Região de mais baixa renda (B) Piauí	A/B
1960	127	52	2,4	194	24	8,1
1970	125	62	2	206	20	10,2
1980	117	71	1,6	178	21	8,4
1991	136	70	1,9	166	22	7,7
1994	135	73	1,9	165	22	7,4
Canadá				Reino Unido		
	New Foundland	North-West territories	A/B	South East	Northern Ireland	A/B
1990	162	70	2,3	121	76	1,6

Fonte: OECD; CEE, FIBGE; FGV.

Participação Setorial no PIB e no Emprego

	PIB (%)									EMPREGO (%)								
	1960			1991			2002			1960			1991			2002		
	I	II	III	I	II	III	I	II	III	I	II	III	I	II	III	I	II	III
EUA	4	39	57	2	33	65	1	22	77	8	34	58	3	29	68	2	22	76
Japão	13	43	44	3	42	55	1	31	68	30	29	41	6	34	60	5	29	66

Itália	13 41 46	4 33 63	3 28 70	33 37 30	10 31 59	5 32 63
Brasil	20 32 48	10 39 51	8 28 64	52 13 35	23 23 54	15 20 65
México	17 31 52	9 30 61	4 27 69	54 19 27	27 23 50	18 25 57
Paquistão*	40 20 40	26 25 49	24 23 53	57 17 26	47 20 33	42 21 37

Distribuição Pessoal da Renda

População (ou Domicílios) %	a) Dos Domicílios Urbanos								b) Pessoas de 10 anos ou mais idade, com rendimentos					
	México				Argentina (*)				Brasil					
	1984	1992	2002	2015	1984	1992	2002	2015	1960	1970	1980	1991	2000	2015
até 10%	3,2	2,7	3,1	1,6	2,8	2,3	1,8	1,4	1,2	1,2	1,1	1,1	1,0	0,8
10% a 20%	4,7	3,8	4,0	2,8	4,8	3,9	3,4	2,8	2,3	2,2	2,1	1,7	2,1	2,0
20 a 30%	3,4	2,9	2,9	2,1	2,4	...
30% a 40%	4,7	3,7	3,7	3,0	3,2	...
40% mais pobres	20,2	16,6	17,9	12,8	18,2	14,9	14,4	13,0	11,6	10,0	9,8	7,9	8,7	9,8
40% a 50%	6,1	4,9	4,4	3,9	4,2	...
50% a 60%	7,7	6,0	5,5	5,1	5,1	...
60% a 70%	9,4	7,3	7,2	7,0	6,7	...
70% a 80%	10,9	9,9	9,9	9,7	9,3	...
40% "médios"	38,6	33,0	35,6	32,2	37,4	35,1	30,7	34,8	34,1	28,1	27,0	25,7	25,3	30,4
80% a 90%	15,4	15,6	15,3	15,4	14,4	15,2	14,3	16,0	14,7	15,2	15,5	15,7	14,9	15,2
90% a 100%	25,8	34,8	34,3	39,4	25,8	34,8	34,3	36,7	39,6	46,7	47,7	50,7	51,1	44,4
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
5% mais ricos	27,7	34,1	34,9	37,4	38,1	...
1% mais rico	12,1	14,7	14,9	16,7	17,3	...

Fontes: Argentina e México: CEPAL; Brasil: - 1960: Langoni, C.G. "Distribuição de Renda e Desenvolvimento Econômico no Brasil: Expressão e Cultura, RJ., 1973; demais anos: FIBGE (Censos).

(*) Em 1980 e 1992, apenas a Região Metropolitana; em 2002, 32 aglomerados urbanos.

Indústria de Transformação

	Produto Real	Emprego	Produto Médio por Homem Ocupado (1)	Salário Médio Real (2)	Módulo Salário/Produtividade (2/1)
1955	100	100	100	100	100
1958	133	103	129	112	87
1962	197	130	152	114	75
1963	197	124	160	126	79

1964	206	127	162	126	78
1965	197	118	167	114	69
1975	532	190	280	128	46
1985	730	192	362	151	42
1990	738	200	369	124	34

Fonte: (1955/65): Cano, Wilson, Industrialização e Absorção de mão-de-obra no Brasil. Revista Indústria e Produtividade, Ano I, nº 1, R.J., 1968; (1965/90): Série encadeada com os dados das estatísticas industriais, FIBGE.

Distribuição Funcional da Renda (%)

	Renda do Trabalho (1)	Renda Mista do Trabalho e do Capital (2)	(1) + (2)	Renda da Propriedade
Estados Unidos				
1899-1908	59,2	25,0	84,2	15,8
1904-1913	59,8	23,8	83,6	16,4
1944-1953	71,0	17,4	88,4	11,6
1948-1957	72,6	15,2	87,8	12,2
1960	70,9	29,1
1970	75,5	24,5
1980	75,6	24,4
1994	73,4	26,6
Brasil				
1947	56,0	26,0	82,0	18,0
1955	63,0	17,0	80,0	20,0
1960	65,0	15,0	80,0	20,0
1980	38,4	61,6
1985	42,4	57,6

Fontes: EUA: Kusnetz, Simon; Economic Development and Cultural Change, vol. V, número 1, 1956 (apud Castro, A. e Lessa, C., Introdução à Economia, 1ª ed., Forense, RJ, 1967, p.143); Brasil (contas nacionais): 1947/60, F.G.V., compreende apenas a renda do setor urbano; 1980/85, FIBGE, PIB total.

NOTAS DE AULA – HO-016 - Prof. Wilson Cano

2 - Capitalismo Originário

2.1. Relações Pré Capitalistas

“Estágios” do Desenvolvimento: No início, Marx aceitou a formulação do sec. XVIII; mais tarde reformula (v. Grundrisse e Formac. Pré-Kistas): 1- comunismo primitivo; 2- escravidão; 3- Feudalismo (não houve na América); 4- Kismo; 5- Socialismo..

Sec. XX c/ URSS, complicações políticas com o “MODO DE PRODUÇÃO ASIÁTICO” (PROPRIEDADE DO ESTADO; Inv. em irrigação;” Soc. Imutável (só muda com o Imperialismo-Colonialismo”). I- na Rússia Czarista: classe dominante, sem propriedade privada, domina o Estado; ii- na Rússia socialista: a burocracia, sem propriedade privada, também domina o Estado! Com esses 2 problemas i) e ii), como se pode transformar essa sociedade: com a “ajuda” do Imperialismo-Colonianismo”

Síntese: a Soc. Antiga é Formação Social c/ vários modos de produção, sendo apenas um o dominante.

Tanto na Soc. Antiga (civiliz. Grego-Romana, Feudalismo) quanto na moderna Soc. Kista, conviveram com ≠s regimes: escravidão, trab. Livre, e servidão

Arqueologia ciência muito nova no sec.XIX e tinha como base as ciências naturais (e não as sociais) e o nacionalismo (no Oriente, a base era a Bíblia)

História estudos anteriores ao sec. XV eram muito precários

(Engels, F “A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.” Estágios (Morgan)

I - Selvagem

I. 1 – Inferior – 3.000.000 anos AC

- a) floresta tropical ou subtropical
(árvores [alimentação; abrigo, defesa])
- b) linguagem articulada

I. 2 – Médio – 100.000 – 50.000 anos AC

- Fogo
- Animais aquáticos
- Pedra lascada

- Caça (lança, clava, machado) – permite a migração

I. 3 – Superior – 35.000 – 10.000 anos AC

- Arco-flecha/Piroga/Construção madeira
- Família

II– Barbárie (10.000 a 5.000 anos AC; Neolítico;

1 – Inferior

- Cerâmica
- Domesticação de animais → maior poder do Homem
- Cultivos
- Gens romana: - (Surge em I.2; apogeu em II.1)
- Gens---→ Fratria → Tribo → várias tribos → Povo→ Cidade→Estado

Antes só havia mães (família consanguínea); Sexo com todos de cada grupo: avos//pais-mães//irmãos-primos Direito materno; não herança de pai, Agora também se conhecem os pais→ Direito mat. - → paterno; herança; divórcio – filhos ficam com a mãe

Transformação: família/ estágio/ poder/ propriedade

2 – Médio

- Δ agricultura
- Casa de pedra ou tijolo
- Cidade – fortaleza, muros
- Guerra -→ escravidão; Δ riqueza
- Fim do trabalho comum
- Propriedade privada/ divisão de trabalho

Gens – tribo – povo

- Defesa/ org/ Chefe militar – Força Pública
- Assembléia do povo
- A riqueza – guerra – muros
- Δ divisão trabalho: classes/ nobre/ ricos/ servos escravos/
- Δ Trocas: comércio com “estrangeiros”, usura, dívida, hipoteca

3 – Superior (germanos, gregos, persas, vikings)

Metalurgia ferro

Escrita, alfabeto

pastagem

carros de guerra, espada, barcos

III – Civilização:

“Culturas superiores” 5000 – 300 A.C. (Egito, Babilônia, Persas, Creta, Fenícios, hebreus)

- Civilizações Clássicas:
- Grega 1.200 A.C 100/200 D.C.
- Romana 1.000 A.C – 300- 450 D.C.

- Δ imperial > Δ escravidão, Δ emigração para áreas conquistadas
(Δ servidão, Δ escravidão, Δ pobres) expansão da agric. nas áreas conquistadas e restringida em Roma
- Δ classe “parasitária” (1/3 pop. Roma 330.000 hab. nas costas do Tesouro): ΔM agric. (trigo) > Δx agric; ΔC luxo; Δ Guerra: \rightarrow abandono terras, mato, peste sec. II e III, malária, Δ mortalidade. (\rightarrow Δ Gr. Propriedade, \rightarrow crise, \rightarrow invasões, \rightarrow Feudalismo)
- Crise (sec. I- VI D.C.) invasão dos Bárbaros
- Roma 450 A.C.
- Leis das 12 tábuas [Testamento + Igreja]
- Herança: Filho, Parentes dos pais, gens
- Cemitérios das gens
- Religião
- Casamento fora da gen
- Terras: posse comum
- Terras: solidariedade
- Direito de usar o nome da gen
- Adoção
- Eleição- Reposição chefe

Marx (Formações Pré Capitalistas)

– Pontos Básicos

- Propriedade comunal não visa Excedente para troca e sim para uso
- Guerra – expansão comercial [\$, X, M \rightarrow concentra riqueza e propriedade] \rightarrow diferenciação, escravidão, servidão,
- p.37-41 Relação trabalho/propriedade: passa de primitiva para histórica:
- Dissolução relação homem/terra
- Dissolução da relação do homem como proprietário daquela terra
- Muda possibilidades do homem obter sua própria subsistência
- **Antes**, o homem era parte objetiva das condições da produção (embora houvessem \neq s entre o homem tribal, escravo, servo, assalariado,)
- Origem do K: é o \$ (riqueza em forma de \$), surgido de: X, M, usura, pilhagem, guerra, etc.
- Riqueza \$: é a pré-história do K

(ver mais críticas de E. Hobsbawm)

resumo: i- não propriedade da Terra pelo trabalhador

ii- não propriedade das ferramentas pelo trabalhador

ambos não são comunitários o que leva à dominação da vontade e da subsistência (servo e escravo)

- Fórmulas do K (transformação v. uso) K (transformação v. uso em v. de troca)
- Expropriação propriedade. Terra
- Idem dos Instrumentos de trabalho pelo artesão

- Relação de dominação: propr. Meios de subsistência senhor/mercador/mestre Guilda

Ganhar \$ (Pilhagem, comércio, usura) → (Δ\$, riqueza monetária)

Δ comercial Δ manufatura: produção em massa (na zona rural e não na cidade, dados os Grêmios) p/ X

Δx, Δm Δ Comércio, da Navegação (descobertas S.XV – XVI)

→ problemas externos, saques, pilhagens, roubo, calotes, →

Necessidade de Expansão Estado: → mais \$, mais tributos, dívida pública, guerra, policia, FFA

Urbanização (Braudel):

Asiática: cidades criadas pelo estado

Europa: Imp. Romano (cidades medievais)

Feudalismo (cidade como “Quartel”, Paiol, fabricação de armas, comércio, administração, clero,)

- Δ agrícola -> Δ cidades: e vice versa (como nos EUA); Δ vias urbanas
- Δ Pop. cidades: i Δ mortal. > i Δ nascimentos → aceitar estrangeiros
- Δx, ; Muralhas; surgem sec.. XI- XII

2.2. Feudalismo (Dob)

i - Civilização Grega (1.200 A.C./ 300 A.C/ Helenismo 200 D.C.)

Civilização Romana (1.000 A.C /500 A.C./ 500 D.C.)

Império Bizantino sec. II – XV

Civilização Islã Sec. VI – XV

Sec. III – IX: obscurantismo: -Δ (x, m), bárbaros

ii – Feudalismo “início” sec. III – IV Auge XI – XIII declínio XIV – XVI Europa – Ocidental; XVIII – XIX - Europa Oriental

Bases – Origem

- Fragmentação de civilizações antigas
- Invasões bárbaras
- - Δ Peq. Propriedades
- > Apropriação de terras (Igrejas, nobres, guerreiros)

Relações: rei (soberano): concede: cargos, terras, pedágios aos seus vassalos (condes, viscondes, duques, cavaleiros)

Vassalos se obrigam a financiar a guerra, tributos ao rei

Vassalos Direitos: leis, guerras, tributos, excedente e domínio sobre camponeses (vilões, escravos, servos)

Evolução... ΔX, ΔM, Δ agric. e Δ X

Declínio:

Causas principais:

- Relações sociais – senhor-servos
- A guerra, cruzadas
- Gastos festas, perdulários; -Δ excedente x baixo emprego e baixa PT da terra;

- Guerras; fuga de servos (banditismo, cidades)
- Δ arrendamento terras/ camponeses livres ou comerciantes; Δ \$ para servos comprarem liberdade
- Δ concessões (“direitos”) aos camponeses (w, contratos,...)
- Δ controle do rei sobre a nobreza \rightarrow - Δ poder feudal
- Outras causas: Peste (bubônica) “negra” (sec. XIV)// guerra 100 anos (1337-1453)
Fr/INGL// Δ x-m// Δ cidades// Δ burguesia

Extinção: 1646. Revolução INGL (1640-89): \emptyset posses feudais

Rev. Gloriosa 1688

Rússia: Sec. XI

2.3. Kismo. Originário

I – Δ K originária (ou primitiva) (longo processo de transformação de valores de uso em valores de troca)

ii-As fórmulas do K

1 – Separação crescente entre propriedade de terras e MO

.2– Separação crescente entre meios de produção e artesão não comunitário

3 – Separação crescente entre homem e obtenção de meios de subsistência: longo processo de transformação valores de uso em v. troca (escravidão, servidão, mercadorias...)

iii – Origem do K : o \$: surge no comércio, pilhagem, usura, ...etc. “riqueza ou \$ é a pré-história do K”

iii- Δ K originária: (Marx, XXVI) (formas para apropriar riquezas e excedentes)

- Expropriação de camponeses
- Lei dos pobres (servo – operário)
- Δ jornada de trabalho
- Destruição do artesanato
- Descoberta ouro e prata
- Escravidão moderna
- Pilhagem
- Colonização/ Dominação AFR, AL, Ásia
- Dívida pública: j e negociabilidade Tit. Gov., Tit.Gov. como lastro para emitir \$
- Usura: Δ “poupança” camponeses, arrendatários, comerciantes, \rightarrow bancos

.... é com \$ que se compra o K

.... é o \$ que cria o mercado de trocas (MO, terra, insumos, BK, BC, ...e do \$)

.... a existência prévia no artesanato para o início da grande Δ comércio...

K: relação social de dominação:

iv- Δ Comercial e Δ Manufatura

- Δ X, Δ M: início especiarias, produtos exóticos. Após sec. XIII: Δ manufaturas
- Δ navegação: Descobertas: {AFR, Ásia, AM...}
- Δ rotas terrestres {transformação e evolução soc. Antiga}
- Δ C&T: madeira > ferro > vapor > motor a combustão interna...

- Δ comercial $>$ Δ Estado [Impostos, dívida pública, FFAA, \$, guerra, polícia, regulamentação]

II – Do artesanato à grande indústria (Hobson I, IV; Marx XXIII)

- Pequeno comércio interno e artesanato (“são apenas meios para ganhar a vida”)
- Excedente e sua Δ : ΔK originária
- Δ população: Δ saúde pública, novos alimentos, Δ agric.
- Expropriação MO rural \rightarrow MO urbana (enclousures, ΔPt , $\Delta C\&T$, novas culturas da AM (batata, milho, nabo)

Evolução e controle. Kista	MO	Local	Instrum. de Trabalho	Matéria prima	Força física	Força Motriz
Artesanato	XXX(MO)	XXX(MO)	XXX(MO)	XXX(MO)	XXX(MO)	-
Putting Out	“w”(MO)	XX(MO)	XX(MO)	-(K)	XXX(MO)	-
Fábrica Manufatura	w (K)	(K)-	(K)-	(K)	XX(MO)	X(K)
Maquinário (Gr. Ind.)	W(K)	(K)	(K)	(K)	X(MO)	XXX(K)

- * Ferramenta \neq máquina

Transformações na passagem da Manuf. p/ a Gr.Ind.: custos: maior peso dos C. Fixos; MO praticamente fica só como C. Variável. Surgem novos problemas com Escalas e Estoques

III – Kismo

III. 1 como modo de produção

- 1.1. Q é para venda e não para uso próprio; Δ B.S. “Luxo”
- 1.2. Mercados: mo/w; \$/j; terra/y; preços de mercado p/bens;
- 1.3. Troca via \$: **M – D – M** e **D.M.D´**
- 1.4. Kista, “Gerente”, organização e disciplina do trabalho; divisão do trabalho
- 1.5. \$/ crédito; débito/ crédito; controle decisões; financiamento
- 1.6. propriedade privada meios de produção
- 1.7. Concorrência dos Ks individuais nos mercados (bens, Mo, \$, terra)

III. 2 Fases: XV – XVIII “Kismo mercantil”; após final XVIII: Kismo industrial

- 2.1 [assalariado, BK, Máquinas, energia motriz]; surge a Economia Política
- 2.2 Kismo “concorrencial” até 1870; “monopólico”: pós 1870; “monopolista de estado”: EUA e outros. Na passagem dessas fases se dão outras transformações:
 - Δ “socialização” da produção Kista; e da propriedade via S/A;
 - A Mais Valia relativa supera a absoluta; Δ divisão do MO
 - Após $\Delta X M$ bens, há a $\Delta X, M K, \$$
 - Δ crédito e financiamento

IV – porque na Inglaterra?

- (Jobson) A historiografia ingl. separa os sec.XVI, XVII e XVIII, mas não se pode separar a revolução Inglesa (sec. XVII) da Revolução Industrial (sec. XVIII); o que as une: Δ xm ingleses no mundo + as transformações estruturais agrícolas e agrárias.; Não são 2 as Revols.: (a "Puritana" 1640 e a "Gloriosa" 1688; e sim 1. Os ingls."ocultam" a 1^a., dado o enorme sangue derramado.Delas decorreram importantes transformações do Estado.:
- nova arquitetura do Estado" → -Δ Poder monárquico: controle de \$ e verbas; confisco propriedades e terras idem da aristocracia e da Igreja (esta submetida ao Rei e não ao Papa); terras confiscadas p/ a produção; ascensão pequena classe média rural;

Δx mundiais da Ingl. Eliminação corporações de ofícios; eliminação de privilégios; maior atuação Armada e Marinha Mercante; e melhor Política Colonial;

V – porque não na Holanda?

Explicar os problemas vários enfrentados pelo país: domínio e muitas guerras (Frances, espanhol e austríaco); divisão do território; línguas e religiões diversas, etc.. Holanda tinha no XVII-XVIII um Kismo comercial e financeiro adiantado; tinha a maior frota mercante.

NOTAS DE AULA – HO-016 - Prof. Wilson Cano

3. – Expansão e Transformação do Kismo originário (“concorrencial”) ao “monopólico” (1820-1913)

3.1. Os países “centrais”

3.1.1. Breve repasse: Marx (artes – manufatura – grande indústria – cap. XII, XIII)
(máquinas)

	Trabalho	Local	Instrum. de trab./maq.	Mat. Prima	Força Física	Força Motriz	Produção
Artesania	x1	x1	x1	x1	x1	-	x1
Putting Out	x1	x1	x1	x2	x2	-	x2
Gr. Ind.	x3	x3	x3	x3	-	x3	-

Controle e comando por: x1: artesão/produtor; x2: K mercantil; x3 Kista incl.:

3.1.2. Hobson (resumo itens principais):

- Processo produtivo, integração
- Integração mercado nacional e externo
- Especialização e > interdependência em processos (Peq, Média, Gr), setores (agric., indústria, comércio, serviços), segmentos (vestuário, química, siderurgia, máquinas)

Alterações estruturais em marcha:

TAMANHO: > estoque de K, e/ou > emprego; e/ou > faturamento

ESCALA: $T_2 > T_1$; $I_2 > I_1$; mas $T_2/T_1 > I_2/I_1$ (na maioria dos setores industriais); $I_2/I_1 = (T_2/T_1)^\alpha = (\log I_2 - \log I_1) = \alpha (\log T_2 - \log T_1)$

CUSTO TRANSPORTE E LOCALIZAÇÃO

Locais: MP, mercado consumidor, mercado insumos, fonte energia

FORMAS JURÍDICAS E ACORDOS

- Empresas Indiv., Familiar, etc
- Concentração e centralização
- S/A; Holding; Truste, (controle acionário)
- Associações “civis”: “Soc. Brasileira da Ind. Alimentar...”
- “Conferência” de Fretes; “Pools”
- Cartéis e sindicatos de Venda/Compra
- Açambarcamento

- Franchising (W. Cano)

ESTRUTURA DE CUSTOS

Custos Fixos (... depreciação)

Custos Variáveis (trabalho direto)

Investimentos e Financiamento

3.1.3. Landes (caps.2, 3 e 4): sobre algumas inovações/invenções importantes

- Δ mecanização têxtil; vidro; metalurgia; química inorgânica
- > escala; disseminação C&T para agricultura, transportes, serviços;
- (Inglaterra pós 1840): Liberalização da exportação de BK, e de K \$, emigração técnicos e operários

3.1.4. Polany (cap. 3 – 10)

- O “Moinho Satânico”
- Sociedade e sistema econômico
- Economia, política e mercado
- Mercados fictícios
- Trabalho, miséria
- Ideologia e Teoria Econômica

3.1.5. Padrão ouro

- Inglaterra; Sec. XVIII (de fato); Sec. XIX (de jure)
 - Pós 1870: Δ produção prata \rightarrow - Δ preço da prata
 - EUA pós 1830 (bimetalismo); França pós 1850; demais pós 1870
 - $\Delta x.m$ Inglaterra:
 - $\Delta x, \Delta m; \Delta$ re-exportações
 - Δ marinha mercante (e, obviamente, da Armada)
 - Δx “\$” e Δx seguros
 - Telégrafo (década de 1850)--- operações internacionais com Reservas em £ e Letras de Câmbio em £ e não mais com antigas Letras de Câmbio
 - Padrão-Ouro: £ = x grs. ouro; US\$ = y grs, ouro \rightarrow “gold points”
- C/ > ou < Of £ \rightarrow < ou > valor US\$
- \sum \$ Nac. \equiv (via taxa de Câmbio) \sum R ouro [ou £, no padrão ouro – câmbio ou US\$]
- Teoria Clássica: País A ($M > X$) \rightarrow X ouro \rightarrow : - Δ Of \$a > deflação > $\Delta x > \Delta$ Of ouro
 - Δij para atrair ouro
 - $\pm \Delta x \rightarrow \pm \Delta Y(\pm(w, l, j, \text{aluguéis}))$
 - \pm taxa de câmbio e $\pm \Delta ij > \pm \Delta ix$ e \pm especulação
 - Padrão ouro e a Pax Britânica
 - Crise 1913 – 1919
 - Restauração precária (padrão – ouro – câmbio) 20’s

- Colapso 29 – 33

316- Tipologias de industrialização e confronto internacional::

o ‘princípio unificador’ (o atraso alto, méd. ou peq) de Gerschenkron. Como “fator explicativo” da tipologia que constrói para comparar diversos casos europeus de industrialização. A crítica de A. Teixeira: é centrada justamente no uso dessa tipologia, que resulta na tentativa de generalizar uma “explicação” dos processos de industrialização, via exame de dados de alguns países europeus. Acrescento (WCano) a essa crítica, o fato de que Gerschenkron não faz menção ao caso dos países subdesenvolvidos.

317-Estudos de Caso: serão examinados e discutidos em aula/ou seminário os casos dos EUA, Alemanha e Japão

3.1.8. Principais transformações ciência e cultura: 1830 – 1914 (Burns)

“Processo intelectual” (1830 – 1914)

- Biologia: (Embriologia, Citologia, Bacteriologia (Pasteur 1865))
 - Darwin (1809 – 1882)
 - De Vries (1848 – 1935)
- Medicina
 - Vacina varíola 1796
 - Uso ÉTER 1842
 - Assepsia 1847 (nas mãos)
 - Teoria microbiana (Pasteur, Koch)
 - Vitaminas, hormônios 1900 – 1914
- Física

Lei atômica (1810)

 - 1º Termodinâmica (1847) (conservação da energia)
 - 2º Termodinâmica (1851) [(dissipação da energia utilizada)]
 - Luz, ondas elétricas, Raio X, (1865-1895)
 - Urânio 1895, Rádio 1896
 - Revisão Teorias da matéria 1902; Einstein 1905
- Ciências sociais
 - Sociologia (Comte, Spencer)
 - Antropologia
 - Psicologia (separação da Filosofia).....{Psicanálise Freud}
- Filosofia:
 - Darwin (Evolucionismo)
 - Spencer (“)
 - Nietzsche: eliminar a religião, pois ela protege os fracos....
 - Pragmatismo (EUA)
 - Neo Idealismo (Hegel, Kant,- Croce, Bradley)

- Neo Realismo: ciência é a verdade (B. Russel)
- Estética, satisfação da (...nihilismo....)
- Realismo Literatura. Balzac, Flaubert, Zola, Dickens, Shaw, Wells, Mann, Ibsen, Dostoievsky, Tolstoi...
- Arte Moderna:
 - Romantismo
 - Realismo
 - Impressionismo (Manet, Monet, Renoir)
 - Pós – impressionismo (Cézanne, Gauguin, Van Gogh,)
 - Cubismo (Matisse, Picasso)
- Escultura Rodin
- Arquitetura Barroco “Estilizado”, Clássico; Pós1840: arquit. funcional
- Música Romantismo (até 1840 Chopin, Schumann, Liszt... Nacionalismo Wagner; Escola Russa; Realismo (Strauss); Impressionismo (Debussy)

3.2. Principais casos: EUA, Alemanha e Japão

3.2.1. EUA

- FOHLEN

Sec. XVI – XVII

- Os “donos”: Espanha, UK (13 colônias: NE: Mass, N.Hamp, R.Island, Connec.; CE: NY, NJ, Pens., Delaware; SUL: Virg, Maryl, CN, CS, Georgia), Rússia (Alaska), França – (Louisiana)
- Políticas: comércio com Antilhas > ΔX agric. e inds, ΔY e Δ agric. Familiar
- Independência (1776) Δ conflitos c/ Inglaterra

Δ Territorial { Δ EF, Canais} (ver mapas), = 1803 – 1850

Oeste agric. e pecuária;

SUL agricultura escravidão: algodão, fumo; **NE** Kista, ind., protecionista

1860 Lincoln: Secessão no Congresso → Confederação Estados Sul

Guerra Civil 1861 – 1865

Ø escravidão,, EF transcontinental

Sistema bancário nacional

Δ Tarifas

1862 Homestead Act // corrida do ouro

. (ver também: A. Teixeira in Fiori Estados...).

-a violência de 3 guerras + GC, 1ª. GG, 2ª. GG

- Kismo selvagem: “os Robber Barons”
- Kismo dos EUA: não é simples prolongamento do Kismo europeu:
- monopolista (não como "etapa superior" ..)....

a Gr. Agropecuária, a Gr. Indústria a GR. EF, o Gr. Comércio: fatores decisivos: fusão K banc c/ K ind.

Δ Cotton: 1800 – 1850 (já em 1753 a invenção da “Cotton Gin”)

Δ Oeste: Δ farms; (5 milhões imigrantes 1787 – 1850)

Pós Guerra Civil

- NO (+ CO, sem escravos)
- Ø escravidão 1863 [“40 acres + 1 mula”????]
- Δ poder central Governo União
- Δ protecionismo [1861= 20% tarifas passam a 49% e + altas nos 80’s e 90’s (A. Hamilton)
- Regulamentação do sistema bancário nacional
- Terras para EF
- Estímulos para imigração

Pós Guerra Civil: Y 1906 = 4 Y 1876; população 40 milhões → 90 milhões

EF 300.000 k; Apenas 25 Gr. EF controlavam 2/3 da oferta

Grandes empresas modernas (Corporation)

- Vapor/ferro/carvão/Construção: alta concentração; efeitos das compras do Estado
- Comunicações
- Escolas de Engenharia
- Bancos e Δ mercado financeiro
- Novo sistema administrativo e controle descentralizado
- Telégrafo 1850 (Western + 5 exemplos)
- Telefone 1890 ATT (1 só!)
- Revolução comercial (bolsas, lojas de departamento, venda postal: alta concentr. K)
- Petróleo 1883
- Metal-Mecânica; química
- 1902. T. Roosevelt: reformas leis trabalhistas, IR, FED, Sindicatos

EUA (base: B MOORE)

- Guerra civil 1861 – 1865 (GC) --- Revolução EUA → Φ “escravidão”; esta não foi um grilhão para o NO e sim p/ a democracia não e sim para democracia política;
- A GC não alterou fundamentalmente a estrutura da sociedade; foi uma luta entre interesses comerciais Inglaterra x EUA

144: Há conflito entre o SUL escrav. e o NO Kista? O algodão do SUL aumentava os lucros da ind. NO. É ≠ caso alemão [junkers submetiam os trabalhadores + aliança com ind.] → menos democracia

A composição dos EUA: Sul escrav, /Oeste, agricultores livres / NO ind.

1815 – 1860: Δ algod. > iΔY EUA [e era o NO que efetuava o transporte, seguro e comércio algodoeiro]

Sul: 1860 população 6 milhões; 25% eram proprietários de escr.

Algodão esgota o solo → necessidade migração novas terras p/ Oeste → Δ conflitos União x SUL; c/ a proibição do tráfico → Δ PR. escravo

“Proclamação da Emancipação” excluiu o SUL

- com Δ Oeste e Δ ind. NO → Δ x, m no Oe no NO e - Δ importância do Sul
 - com Δ ind. → Δ pressões para governo Δ tarifas, → Δ conflitos c/ SUL
- ΔOeste → Δ emprego → Δ migração p/ Oeste → e Δ ocupação terras com trabalho livre ou familiar, Δ conflitos O/S e N/S

P. 165 Causas da GC

P. 165 Necessidades de K: Sul: + terras virgens e + escravos; NO + infra, tarifas,, \$ estável, trabalho livre, (“não há razões econômicas p/ justificar a GC” WC: entendo ser equívoco do autor)

Diferenças estrutura social: SUL agric. Plantation escravista; N ind. e agric. Familiar (questão “moral”....!???)

Novos Estados e Territórios: se estes adotassem a escravidão → Δ poder econ. E político do S → tornar incerto o futuro do Poder Central

P. 174 “O elo capitalista progressista N/OESTE não necessita de aliança anterior: elites urbanas e os ruralistas do SUL reacionário. Por outro lado, os EUA não tinham nenhuma ameaça externa, ao contrário da Alemanha e do Japão

P. 178 os Republicanos Radicais NO (T.Stevens) propuseram “quebrar o S”: confisco terras > 200 acres e dar a cada liberto 40 acres e 1 mula..... Stevens: é preciso dar direitos civis e políticos aos libertos

P. 182-3 Recuperada a economia e restauradas as propriedades do S, os ricos voltariam a negociar e ter poder no NO e no S..... aí foi possível se fazer uma aliança conservadora .

Gov.Fed.! “Ao que tem será dado...”!

Tarifa 1861 passa de 25% p/ 49% e aumentaria ainda mais nos 80’s e 90’s, e isto não decorreu da GC

Grande expansão EF, terras, madeira, minas, agric. e pecuária...

P. 187 se o S tivesse Δ a escravidão e “dominado” a nação, esta seria pouco democrática e teria uma classe industrial fraca e dependente.

3.2.2. ALEMANHA

Borchardt, K. La revolución industrial em Alemania (texto um pouco conservador)

P. 93 pré 1850: 1816/50 População 25 milhões → 36

Fim sec. XVIII fábricas isoladas, inds. Rurais

1806-13 Bloqueio Continental → estímulos à ind. têxtil algodão

1803: Lei seculariza terras da Igreja

P. 97 França invade 1794 -> tomada de consciência da fraqueza da ind. Alem.

p 98 Refs. Políticas 1807”¿ Abolição da Servidão, liberdade de movimentação, eliminação propriedade comunal;

p.100: 1811-1850 leis que permitem aos camponeses comprar terras, mas como os obrigava a indenizar o antigo dono, → grande apropriação de terras pela nobreza; as mudanças foram pequenas no Leste. O acesso à terra facilitou a grêmios: tinham pouca importância (havia sido dissolvidos no mas ainda eram tolerados)

P. 105 O papel do governo era pequeno (...???): é contradição do autor, pois no mesmo § mostra várias ações do Gov.; estrutura tributária regressiva

- Embora já tivesse crescido o putting out, predominava a ind. Artesanal, salvo a têxtil algod. que era grande.

Até 1870 era difícil abrir uma S/A

P 105: 1830's Δ número: Grandes empresas e EF

Zolverein: até 1834 para alguns estados; ; até 1867 só faltavam 2 (Hamburgo e Bremen) que entraram entre 1885 – 1888. O Zolverein aumentou a proteção, estimulando o ingresso de Kx suíças, belgas e francesas.

- Δ rodovias; Δ EF facilitad. Transporte carvão e ferro estímulos metalurgia, bens de capital e energia térmica
- Melhorias na navegação dos rios e Δ canais (pós1830)
- Até 1850 X Alem/X mundial era pequena

P. 111-128 Δ serviços e urbanização; ver Estrutura emprego (gráfico). Até 1882 predominava o putting out na têxtil, que empregava 1/3 dos trabalhadores inds.

P 141 Cartéis 1907: concentravam: papel 90% / mineração 74%, aço 50%/, cimento 48%/ vidro 36/vagões 23/

1880 –1913: Xindus.manuf./X totais 53%, Xsemi indus. 21% (financiamento de l.p. p/ X); a relação entre as M manif.(M total era de 9% e a das M smimanuf./M total, de 15%

P. 146 Colonialismo: Bismarck se opõe e só após 1870 a Alem. Expandirá domínios na Af. e Ásia, porém de importância econômica pequena.

Pós 1870: estatização EF;

P. 159 Bismarck (anti-socialista) nos 70's amplia sobretudo a seguridade social e "limpa" o Estado dos liberais ; Δ Protecionismo.

(Ações do Estado: (1862 – 1890!)

BRAGA “Alemanha” (in Fiori)

P.194 o passado

- fim do XVI ao fim do XVIII:constituição do estado nacional // montagem de uma Administração (Cameratismo)
- Frederico Guilherme I (1723) cria o General – Direktorion (organização administrativa e militar)
- A forma de “convite” real concede incentivos p/ ind. têxtil, vinho, metais.
- Empresas Estatais: já existiam no XVIII

séc. XIX :

- 1834 Zollverein (19 dos 38 estados): tarifa comum e várias medidas reguladoras e integradoras

1846 Banco Real, Banco Prússia, emissão \$ prata

- 1850: Δ EF
- 50-60's:: Ø obstáculos ao Kismo; Ø várias \$ regionais; liberalização X e M; Δ sistema transportes; ordenamento jurídico; inovações formas de financiamento (Bancos/Ind);
- 1870 – 1873: unificação da Alemanha; \$ marco/ouro; vitória frente à França (70) anexa Alsácia e Lorena;
- Reichsbank (75); Política protecionista (79)
- Educação (básica, compulsória desde XVI); Δ quantitat. e qualitat, juntando teoria + prática
- 1875 – 1900: Δ ind. química, material elétrico e naval

- (200) “Houve subordinação ao livre comércio e à ortodoxia \$ do padrão-ouro”? Não:
- 1879 Pol. protecionista; alta concentração dos Bancos (c/ alta % de ações dos cartéis) -(Δ Of \$ para ind.// estímulos aos cartéis);

Estatização EF pós 1870

Bismarck “política de potência e de bem estar” (Enciclopédia: Bismarck: 1o.Ministro 1862, Chanceler 1871-1890) ---*afasta a Áustria e consolida a Alemanha); 70 – 71 guerra com França; 78 – 80 \emptyset câmbio livre; 83 – 85 cria a previdência soc.; Δ a política social; 90 cai

(p 202)

- Δ militarismo “a nação armada” 1870-000
- 1900 Δ imperial
- 3 colapsos: 1a GG, 2ª.GG (elevada inflação); 1929
- 1ª guerra Keynes: “ Al só pode pagar 1,5 bi £(já pagara 0,5 !) ; Versalhes exigiu 6,5 !!! ;
- 1923: hiperinflação;Plano Dawes; evitou a depressão e - \rightarrow KxEUA p/Alem. que financiou Δ X
- Weimar: 1933; Hitler 33
- (206) “29-32: Desemprego: 40%; conservadorismo elites \rightarrow + crise, + apoio ao grande K, apoio ao nazismo
- Nazismo; guerra; hiper inflação 45-48; ; perdão 2/3 dívida com os EUA;
- retomada do Kismo organizado
-

212. O padrão alemão contemporâneo..A Economia Social de Mercado”

- Altos w + Alta seguridade social -(Alta Pt -(alta competitividade
- Subsídios à indústria:7% Y em 1979, 3,75% nos 80’s e 3,25% nos 90’s
- Empresas G: EF, telecomunicações, kWh, água, habitação; Bancos, seguros
- Privatização 1959/65: “Kismo popular”: ações para população de baixa renda
- Kohl tenta Privatização 1982: mas as resistências políticas (regionais e populares impedem 54% ativos bancários são de Bancos Públicos
- XAlem/ X mundiais 3,5% 1950; 12,1% 1990; câmbio só ficou conversível em 1958

3.2.3 Japão

- Biblio utilizada: Enciclopédia, Hall Cap. 14, E. Torres (in Fiori), B. Moore
- Shogun chefe military; Daymio Senhor Feudal; Samurais: guerreiros, intelectuais, servidores públicos; Zaibatsu conglomerado industrial e financeiro

Era Tokugawa 1600 – 1868

- 1616 centralização do Estado; gov. liberal
- Δ a presença ocidental \rightarrow x, m e \rightarrow Δ Nacionalismo
- \rightarrow fechamento do Japão com expulsão de estrangeiros \rightarrow isolamento
- 1853 recebem missão EUA (Perry)
- 1858 idem Inglaterra, França, Rússia, Holanda
- 1859 – 1865 Δ a repulsa ao estrangeiro: EUA bombardeiam Japão; São assinados os Tratados Infames (5% tarifa; livre Trânsito ao Kx); várias revoltas camponesas;.

- 1867 Ø duplo governo (imperial. e o shogun); restauração poder do príncipe Meiji

Restauração Meiji:

- “Golpe de estado” apoio dos principais Daymios contra Tokugawa
- Não há revolução camponesa
- 69/78 restantes Feudos x Governo Centralizado
- Organização exército → Ø Samurais
- Organização diplomacia → “renegociação” com Kx
- Diferentes impérios estiveram ocupados com guerras: Criméia, China, EUA, França, Prússia, → certa ”folga” p/ o Japão
- Agricultura: permite arrendamentos em 1883, pesados tributos sobre a (área) terra; → várias rebeliões camponeses x burocracia e o comércio
- Meiji prometeu terras aos camponeses, mas não deu...
- Sistema P.A.D. (Chinês) grupo de 5 chefes de família na aldeia representam a ordem, tributos, costumes, religião, etc..

1- Unificação do poder no Estado

- Bases: acordo com Kx
- “País rico, FFAA fortes” → Δ economia, C&T, Indústria e agric.
- Samurais e Daymios trocam Poder por Pensão \$

2- Unificação território nacional: EF, telégrafo, marinha (guerra e mercante); Δ têxtil, (algodão e seda); material bélico)

- Bancos emissores com lastro em títulos do governo (parte dos títulos recebidos em troca das antigas pensões monetárias dos Daymios, que viram banqueiros)
- Mais tarde Bancos compram minas e indústrias e formam os Zaibatsus

3- Unificação da \$ nacional

- IEN início conversível, depois 25% inconversível; 1880: 80% inconversível;
- 1882 Banco do Japão centraliza a emissão
- 1897 Padrão Ouro (paridade 50% < 1871!!!)

Chá + seda= 56% X; 1881 curto período de liberalização → -SBC e -R ::

1878 – 1885: crise, mas Japão optou por ajuste recessivo ortodoxo (-Δy 21%, - Δ\$ – 32%) e + impostos, recusando-se a tomar empréstimos ao Kx

1885 – 1895: - Δ PR. seda; valorização da Prata e do IEN

Δ Imperialista:

1894: x China → indenização paga ao J = 0,29 Y + colonização parcial de Taiwan

1897: Padrão ouro para poder fazer o jogo internacional

1899: Ø a extraterritorialidade, negociada como Kx

Pós 1902: acordo \$ com Inglaterra \$ e militar x Rússia

1905 x Rússia; conquista Ilha Sacalina

- Segue c/ Δ ind. Pesada, mas a Δ dívida externa → Δ Inflação e - STC.....

1914: I Guerra → Δ XII para Ásia

E. T. Torres 80

1868 – 1913

De Meiji ao Imperialismo

Tokugawa 1605 – 1868

1616: centralização estado; liberal

Δ presença ocidental → . Δ Com x, m; - → Δ nacionalismo

→ fechamento, no Japão com expulsão de estrangeiros.

Sec. XIX (Ø duplo governo: Imperialismo Shogun 1867) (passa o poder a Meiji)

1853: recebem “Missão” EUA; 1858: chegam na Inglaterra, França, Rússia, Holanda.

55.65: Δ repulsão ao estrangeiro

Meiji: Ref., Δ direitos e liberdades

69.78: substitui poder feudal por poder centralizado

- Organização exército → Ø samurais
- Diplomacia --- novas relações com o estrangeiro (renegociação)

1894: Vitória x China Taiwan....

1902: (Aliança com a Inglaterra): Coréia e Manchúria (temporária)

1904 – 1905: x Rússia

1914 x Alemanha (vence)

1915 x China (vantagem comércio)

1918 com Inglaterra põe tropas na Sibéria

1932 Manchúria

Meiji:

- Dada a base eminentemente agrícola, é obrigado a diferentes acordos com imperialismo (renegociação)
 - Reformas: “país rico, FFAA fonte”
- 1 – Centralização política econômica e financeira; Ø direitos feudais; unificação \$nac., Daymios doaram terra por pensão; Samurais: Ø poder militar
 - 2 – unificação território nacional: telégrafo, EF, marinha de guerra e mercante; industrialização: têxtil, seda, algodão, metalurgia, material bélico
 - 3 – unificação \$ nac.: no início apenas 0,75 % conversível; em 1880 cai p/ 0,2%; 1897: desvalorização mundial da prata → desvalorização IEN 1897 padrão-ouro
- Bancos emissores com lastro em Tit Gov. os próprios Daymios (pensões reformuladas de \$ p/Tit.Gov.),
Que assim viram banqueiros
Bancos: compram indústrias e minas -> constituem Zaibatsus
1882 centralização emissão \$ no Banco do Japão (BC)
X Chá+seda: 56% X; M (baixa tarifa e poucas barreiras, dados os Acordos → déficits comerciais e -AR: entre aceitar empréstimos de Kx ou desacelerar optaram por ajuste recessivo p/ manter autonomia
---- 1878/1885: ajuste ortodoxo, -ΔY 21% e -Δ\$ 32%

- 1885-1895 situação adversa: $-\Delta Pr.$ Seda e dada a valorização da prata o IEN se valoriza, aumentando os déficits comerciais

- Imperialismo: ganha indenização da China = 0,29 Y + colônias
- 1897: assume padrão-ouro para poder “jogar” no comércio externo com outras
- 1899: Renegociação com Kx $\rightarrow \emptyset$ extraterritorialidade
- Pós 1902 acordo com a Inglaterra $\rightarrow \Delta Kx$ p/ enfrentar em 1905: x Rússia
- \rightarrow Necessário Δ ind. pesada e bélica: mas isto \rightarrow novos déficits \$ externos e inflação e crise
- 1914 I GG, Δ industrial; e ΔX ind. p/Ásia

B. MOORE. Meiji: “Golpe de estado” de alguns Daymios x Tokugawa

- Diferente burocracia na China
- Ausência de revolução camponesa; \emptyset Sr. Feudal e cria Sr.Rural
- Várias rebeliões camponesas x burocracia e comércio
- Revoltas com samurais que perderam comando
- 1873 Δ impostos \rightarrow revoltas; em 1877 $-\Delta$ impostos
- Controle eleitoral: população 50 milhões e eleitorado de 460.000!
- Imposto rural era sobre a capacidade produtiva da terra e não sobre a produção- $\rightarrow \Delta Pt$
- (P306) PAD (sistema Chinês c/grupo de 5 chefes de família na aldeia responsável pelas pessoas do grupo; tinha $>$ autoridade p/ cobrar impostos; manter a ordem e Controle sobre costumes, religião, negócios transparentes...
- (p. 345) a natureza do fascismo japonês

NOTAS DE AULA – HO- 016 - Prof. Wilson Cano

4 – Capitalismo moderno nos países ”centrais” (1913-1973)

4.1 Imperialismo e Colonização; os grandes eventos populacionais

S. XIX – 1919

Até 1913:

- Auge do velho imperialismo e Início do novo imperialismo
- Industrialização e K Financeiro
- 1. Colonialismo: 1890's: 90% África, 99% Polinésia, 57% Ásia
- 2. Concentração e Centralização do K; o K financeiro
- 3- Protecionismo/ Nacionalismo
- 4- K financeiro
- Δ S/A: Empresário e financista;
- Δ Mercados financeiros e Bolsas de Valores
- Δ e diversificação dos ganhos do K financeiro:
 - Ganhos do lançador; ganhos de especulação
 - Ganhos de dívida pública
 - Ganhos de j (f) > necessidade e demanda \$ pelas empresas
 - Controles diretos e indiretos sobre a produção

Δ Competição Internacional; Extroversão Internacional

Δ rivalidades

Divisão Colonial do mundo: Ásia: Japão, Inglaterra, França;

África: Inglat. França e Alemanha

Oriente Médio: Inglaterra, França e Alemanha

EUA: a doutrina Monroe: “a América para os Americanos”

Os impérios Japão x Rússia (1904-05)

O imperialismo hoje (texto Wilson Cano)

- I- Da ΔK originária ao Imperialismo
- II- Manifestações na 2ª R.I. (Lênin)
 1. A concentração do K e da produção
 2. Passagem da pequena e média indústria à GR ($kC \rightarrow K \text{ ind.} \rightarrow K \text{ financ.}$)
 3. ΔX de K; [$\$n$: £, US\$, DM,...]
 4. Divisão dos mercados mundiais
 5. Divisão territorial (África, Ásia, Polinésia)
 6. Δ K financ. + Δ S/A > criação *rentiers*

7. Colonização, (MP, mercados,...) colonização (novos interesses, área de influência, etc.)

III- Pós 1945: Descolonização

- Guerra Fria: ajuda, reconstrução

IV- Pós 1973: [crise financeira/ crise dívida externa/ financeirização mundial/ Δ Off Shore]

- NL x crise estados nacionais – desregulamentação, monopólios, privatização, descentralização

- Δ uso C & T

Δ concorrência > Δ concentração K, Ets: globalização financeira e produtiva

- Blocos (tríade) (ALCA, NAFTA, EU, EURO ZONE,...Bloco Asiático)

3^a. R.I. – Sucateamento BK

- Novos insumos

- Novos processos (prod., admin., \$, comerciais)

- Flexibilização mão de obra

- ETs; “bancos não bancos”

Reação passiva no PSD – reestruturação NL, Guerra Fiscal, Pol.Econômica “engessada”

- Guerra fiscal

- Política Econômica

Emigração	1821 – 1915	1821-1880	1881-1915	Total	
Europa	(milhões)	11,5	32,1	47,5	Aprox.15/20% pop.
Ásia					1,5/2,0%

Imigração	1821 - 1880	1881 - 1915	Total	
EUA pop.	10,1	21,8	31,9	Aprox. 40% total
BR	0,5	3,0	3,5	10%
ARG	0,4	4,3	4,7	25%
Total	14,8	36,6	51,4	

Total Europa: 1920-1940 8,0 aprox. 2% popul.: foram p/ EUA 3,2 3% popul.

BR 1,0

ARG 1,7

AUSTRAL 1,1

Grandes Perdas Populacionais: (pop. Total Europa fim sec. xix: aproximad. 260/300 milhões)

-emigração 43,5 milhões 15/20 % popul.

-I^a GG 8,0

-2^a GG 50,0 (em ambas GG: aproximad. 20/25% popul.

Gripe Espanhola 20%/40%

Participação mundial Y Ind. Transformação (%)

	EUA	Alem	UK	Fr	Japão	URSS
1913	36	14	14	7	1	4
1929	42	12	9	6	2	4
1936/38	32	11	9	5	4	18

4.2. 1ª. GG e década de 20

Hegemonia: Δ Inglaterra + Δ EUA

Δ mercados financeiros: NY Londres Paris: Δ instabilidade, especulação e hot Money

Δ Imperialista – 1ª Guerra (7/14-11/18)

Pretextos para a 1ª Guerra:

- Alemanha: ganhou a Alsácia e a Lorena na Guerra Franco-Prussiana de 1871
- Imp. Austro-Húngaro queria controlar o Egeu e os Balcãs; a Rússia: o Oriente e Ásia; Alemanha: o leste...
- A E.F. Berlim-Bagdá; x interesses de Rússia, Inglat. e França
- O assassinato do futuro Imperador (Princ. Francisco Fernando) do Imp. Austro-Húngaro
- Sabotagens em fábricas nos EUA; submarinos alemães atacaram navios dos EUA

Tríplice Aliança: Alemanha, Áustria, Itália

Entente Cordiale: França, Inglaterra, Rússia.

Pan-Germanismo x Pan-Eslavismo (a Grande Sérvia); em 1908 anexação ao Imp. AH a Bósnia e a Herzegovina)

Os impérios Japão x Rússia (1904-05)

Balanço trágico: total FFAA 65 milhões; 8,7 milhões mortos; 21,2 milhões feridos 3 a 4 milhões mutilados; prisioneiros e desaparecidos 7,8 milhões

(20's) O pós GG: os maus resultados de Versalhes

Dívida exorbitante imposta à Alemanha/represálias da França

Desequilíbrio financeiro pós 1ª GG -> hiperinflação

Keynes sugere uma "Clearing" p/as grandes dívidas (em bilhões de US\$) da 1ª. GG, pois:

- 1- deviam aos EUA: Ingl. 4,7; Fr. 4,0; Outros: 3,2
- 2- deviam à Ingl.: Fr. 3,0 ; Outros : 3,1
- 3- deviam à Fr: Outros: 3,

Δ protecionismo; comércio mundial contraído e em parte restringido, formando "áreas das principais moedas" US\$, DM, FF, LIT,

Δ C & T: Δy ind. transformação; Δ aplicação Investimentos referentes à II R.I: KWH; EF, Química, automóvel, rádio, telefone, avião; Alteração na moda: rayon, meias femininas, roupa interior....

Europa: recuperação agrícola e industrial

EUA: $-\Delta$ (forte) preços agrícolas; surgem outros sintomas de queda de D e/ou de atividade industrial; crises imobiliárias.

A tentativa da volta ao Padrão Ouro: (a £ sobe de US\$ 3,4 p/ 4,7) deflação e valorização cambial na Ingl.; $-\Delta$ Investis.

Hiper inflação – Europa 1919-1923.

Pós 24: (após estabilização)

Boom das BV; Δ volatilidade \$ e títulos nos EUA

França: desvaloriza o FF + valorização da Ingl. \rightarrow fortes ganhos comerciais e financeiros p/ a Fr.

Alemanha:

- Punição: Perda de Territórios antes conquistados; França invade e toma o Rhur; perdas de BK e Mat. Transporte
 - (Indenização paga 0, 6 bilhões £)
 - Valor imposto da Indenização = 6,6 bilhões £ (aprox. 33 bilhões US\$)
- Keynes estimou que uma imposição entre 1,5 e 2 bilhões de £ já seria elevada demais
- hiperinflação e estagnação 19-23; 24-29 baixo crescimento;

França

Grande participação na Guerra;

Vingança contra Alemanha (dívida e Rhur)

19-25 desvalorização FF \rightarrow Δ competitividade e X; inflação- \rightarrow deflação a partir de 26

Δ EUA: Y29 = 2 Y13; boom de 14 – 18 e o de 24 – 29 (crise 20 – 21)

- 50% Σ R-ouro do mundo
- ajuda \$ EUA p/ Europa (principalmente Alemanha): créditos de c.p. que foram utilizados em refinanciamentos de l.p.
- Hegemonia: Militar/Econômica; C&T; Ix; Diplomacia
- SBP: – antes 1^a. GG: X>M mas X\$<M\$ \rightarrow após 1^a.GG: +: X>M (mercadorias e \$)

Inglaterra (ver texto Fred). (houve reestruturação industrial c/ modernização) 1918 – 1919 “Boom” Δ y e Δ preços \rightarrow

- 19-25: ortodoxia: Pol. Recessiva 1919 – 1920: Δ juros; $-\Delta$ crédito \$; equilíbrio fiscal
- Como voltar ao câmbio 1913 £/US\$ de 4,86? \rightarrow grande perda de competitividade da Ingl.

9/31 desvalorização cambial e abandono do Padrão Ouro: melhoria das condições, Δ CC e mercado interno

O Sistema Industrial Americano (fazer síntese c/ texto Cap. I e 2 de Aloísio Teixeira e os primeiros caps. de J.Hobson)

4.3 - Da “Crise de 29”, as políticas anti-cíclicas e a II GG;

As explicações (pela instabilidade e tempo da crise)

- Neoclássicas “negócios mal feitos” – Δ m.o (f) Δ W

- Freedman [- Δ Money 29-33: aproximad. 33% (via quebra dos bancos); Δ ij FED 28-29 \rightarrow restrição \$ (ver Fearon)
- Keynes e a D Efetiva, Δ Gasto Gov., mais “alguma” defesa do protecionismo...

Crise Galbraith (O colapso da Bolsa,, cap. X) Causas e Conseqüências

- A bolsa: (em síntese: a toda alta especulativa corresponderá uma baixa)
- O complicado é explicar a depressão
- a “depressão” (o que a causou?)
- Índices Y indl. começam a baixar desde 6/29
- 19/29: Δ PT 43%, c/ W e PR relativamente estáveis e grande Δ lucros
- i Δ prod. BCD 19/29: 2,8% a/a
- i Δ prod. BK 6,4% a/a
- como manter alto Δ I?
- Causas p/ - Δ I: alta ij; e - Δ CBCD (CC, casas)

As 5 principais fraquezas da Ec. EUA:

1. Má distribuição Y: 5% pop./33%Y > dificuldades p/ alargamento do Cf
 2. Má estrutura das empresas: (desorganizadas, aventureiras,...)
Holdings [debêntures \rightarrow altos pagamentos de j ao invés de L moderados: se J se elevam \rightarrow pressionam L e I para baixo
 3. Má estrutura bancária: (estrutura fraca): “bancos interligados como num jogo de domínio quebra de x e quebra de y, z,... 1-6/29: quebraram 346 Bancos nos EUA
 4. SBP EUA: antes da 1ª guerra – SBP
- Pós 1ª guerra: $x > m$ e $[x \$ > m\$ > \Delta$ dívida e empréstimos para resto do mundo (Alemanha, América Latina, ...)
- $-\Delta$ m (notadamente de prod. Agrícolas) países endividados e $\rightarrow \Delta x$ p/ EUA
5. Indigência da política econômica
 - HOOVER corte Gg; e Δ impostos ao mesmo tempo em que solicita às empresas para manter I e W

Campanha Roosevelt: “equilíbrio fiscal” e “corte Gg”. Embora progressista, aparentava ter grande medo da inflação em pleno 29-32, em que havia deflação e Δ Reservas-ouro....

- Influência do crack

 1. Afetou os mais ricos – (os que mais investiam (ações) e consumiam (BCD))
 2. Holdings de unidades produtivas: - Δ PR. Ações e Pactos de juro \rightarrow retração de Invests produtivos
 3. Retorno do exterior de K dos EUA $\rightarrow - \Delta x$ e - Δy
 4. Pânico pelo empobrecimento e pelo medo de vir a ficar pobre...

(notas de rodapé)

p. 46: Inglaterra – França -Alem. início 1927 pedem ao SRF p/ “abrandar a Pol. \$”, p/EUA reduzirem a taxa de desconto de 4 p/ 3,5%, o que $\rightarrow \Delta$ venda Tit.Gov e Δ \$ p/ bancos e pessoas (aumentando ainda mais o movimento especulativo)

2/29 Banco da RF de NY propõe Δ de 5 para 6% e SRF não dá

p. 90 “nada pode deter o movimento ascendente”....; “bônus da Liberdade”

“Goldman, Sachs & Company” (consórcios de invest.) 104 US\$ \rightarrow 1.75

p. 158 J.D.Rockefeller “eu e meu filho.....” 24/10 Quinta negra”; 29/10 “devastador”

p. 109 Soc. de Economia de Harvard (dissolvida em 1931) 124 Irving Fisher (Yale) 15/10/29: “Espero que.....”

Cap. II Bolha da Flórida 1925-26

Fano, E. *Crisi i Ripresa Econômica nel bilancio del New Deal*

p. 61- Roosevelt: política econômica incerta, ambígua, mas consegue fazer com que Δ Lucros e W, embora controle os Sindicatos

p. 66- 3/33 Emergency Banking Act: centraliza o controle bancário e monetário; garantia depósitos bancários; controle das políticas de crédito e liquidez; criação das NRA; AAA (Agriculture Adjustment Administr.); Política contra a deflação dos empresários; p/ evitar níveis baixos dos PR e W; Δ Gg p/ Gsociais e obras públicas

p. 69 - Keynes em 33 altera s/ ponto de vista sobre os EUA; em 31,32 e 33 antecipação pagto Pensões de Guerra

p. 70- Conselheiros de Roosevelt: 1º grupo: planejamento, intervencionista,2º grupo: “juristas”, anti-truste (mais liberais)...

NRA: (incentivo via marca da águia azul, para público consumir produto das empresas que aderiram à NRA...!Mas resultou em: > cartelização e não controle estatal-→ manter PR mas não Δ produção, o Inv. e o emprego}

AAA (situação agric. EUA: deteriorada nos 20's pós boom 1ª guerra). Objetivo: manter PR + ajuda crédito-→ Pr. agr/Pr. ind: 1933 =: 55/100 e 1935 = 90/100

p. 72-73 -Contradições e problemas: com a política era regionalizada ocorreu que: **no sul** os produtores foram pagos p/ não plantar algodão e plantar mais grãos; **no Meio Oeste** fizeram exatamente o contrário, não contendo os excessos de produção O Racismo: impedia atendimento melhor aos negros do Sul

p. 74- A questão sindical –no discurso: proteger os pequenos produtores e os assalariados, mas as restrições (art.º 7º da lei NRA) > Δ proteção dos sindicatos de empresas mais que aos trabalhadores (AFL apelidou a NRA de *run-around* ou “evasiva”

- No. de sindicalizados AFL: 1920: 4 milhões/ 1929: 3 milhões/ 1933: 2 milhões
- Δ repressão (milícias contratadas pelas empresas (junto aos desempregados (negros), e por governos locais

Fim da NRA

1935: - desemprego 10 milhões; dependentes da assistência social: 20 milhões; capacidade ociosa da ind.: 50%;

Corte Suprema extingue a NRA

[p/ se defender da manutenção de salários e do sal. mínimo, as empresas Δ preços para manter Lucros sem Δ Inv. e Δ produção.

p. 78 – II New Deal

(34 – 35: Δ a luta operária e as reivindicações dos agricultores

Roosevelt tenta passar alguns projetos de lei (imposto progressivo...)

(reeleição Roosevelt 1936: com apoio > da AFL)

- Vence a corrente antitruste; 35–37: a ΔY se deu via ΔGg e não pelas empresas cartelizadas

p. 80- ΔFL -CIO (Comitê of Industrial Organization) p/emprego setores de massa (automobilístico,p.ex.), $\rightarrow \Delta$ Sindicalizados 1937; Δ greves via ocupação fábricas (automobil. C/ sucesso

1936-37 Farm Security Act; TVA, apoio aos camponeses

Housing Act habitação a baixo preço com crédito

Fair Labor: Standards Act: apoio ao sindicalismo (e fim do Wagner Act)

Combate empresarial, Corte Suprema e dos congressistas (orçamento equilibrado) \rightarrow Roosevelt produz em 1938 forte – $\Delta Gg >$ “recessão de Roosevelt” com o que o – MO sobe a 11 milhões e em 40 cai a 10 milhões!

- A inconsistência política: (Roosevelt colabora com a ”morte” do ND)

1. Silêncio de Roosevelt pós agressão policial aos grevistas de Chicago e da Pensilvânia: 5/37

2. Política Econômica recessiva 37/38

3. Guinada para a mobilização bélica

Eleições de 38: Δ conservadores no Part. Democrático

92: O keynesianismo sairá vitorioso ,basicamente pós 38, na “economia do esforço bélico”

98: Guinada sindicalista a “direita” em 39

[lembrar de Kalecki e “os aspectos políticos do pleno-emprego”: o lema empresarial: i- Estabilidade \$ e disciplina na fábrica; ii- Não ao déficit grande

(resumo de Bleaney)

Cap. 2

1- **EUA** – ΔY : 29/30: – 9,9,% ; 30/31: -7,7%; 31/32: -14,8%;

$Y_{ind. 32} = 0,53 Y_{25}$; -MO 33 – 25%;; crise bancária 33

Hoover 30: pequena Δ impostos; 31 Congresso autoriza antecip. Pagtos (vencíveis em 1945) aos veteranos 1^a.GG

31–32: tenta Δ impostos ao mesmo tempo em que a Inglaterra em 31 abandona o padrão-ouro- \rightarrow **fuga de K dos EUA que também convivem c/ Δij**

Roosevelt (eleito 3 2 posse 2/33)

1- Desvalorização US\$ aprox. 41%; fixa preço ouro 35US\$/onça em 33-1/34;

$\rightarrow + \Delta X - \Delta m$; ΔKx nos EUA; Δ liquidez nos bancos;

2– ij empréstimos (altera as políticas da Reconstruction Financ. Corp, criada em 32)

3-NRA em 33: cria a NIRA –indl. Reconstruction - ({a mais ambiciosa iniciativa do ND}):

- Dá Incentivo para $\Delta i_{indl.}$, “via” ΔPR e ΔC via pequenos Δw

- Preferência para produtos marca “águia azul”

- Suprema Corte 35 – declara a NIRA inconstitucional

4- NRA cria também a AAA (Agricultural Adj. Administr.), p/ proteger o setor e manter preços elevados

5- Criação da THE Public Works Administr. e a Civil Works Administr. \rightarrow : TVA; estímulos à CC pesada e a BK;

- ΔS para municípios e estados para política do bem estar social
- C. civil

Alguns efeitos e fatos:

- $i \Delta y$ 3334: + 9%; 34-35 + 10%.: $Y_{37} = Y_{29}$; mas o I em 37 = 0,71 I 29; (fraco I priv.,; IR progressivo, novas leis estimulando o MO; “Renda Mínima”;
- 34-35 melhoram as finanças públicas;
- no fim de 36 o temor de inflação e déficit \rightarrow : ΔD_p compulsória bancos $\rightarrow \Delta ij$
- 8/37 recessão: $Y_{38} = 0,74 Y_{37}$
- Roosevelt pede ΔG_g ao Congresso mas este rejeita “intervenção de estado”

Contudo, o **ND abriu caminho p/ a Pol. de Wel Fare State**

2-Suécia (um dos raros casos sem militarismo, mas com Δx estimuladas pelo esforço bélico alemão)

- 9/32 eleição gov. trabalhista ($Y_{32} = 0,89 Y_{29}$); Myrdal em 31 introduz a noção de “ex ante e ex post”
- Y_{34} aprox. = Y_{29} ; Y_{35} : 1,07 Y_{28} ; pós 35 amplia ΔY
- a pol. anticíclica: Gov. Trabalhista: na crise: ΔG_g e dívida p/ obras públicas, planejando p/ dali a 7 anos: Δ impostos IR e grandes propriedades p/ conter ΔC e pagar dívida e acertar fiscalidade.

Greves conservadores prejudicaram obras pública (4/33 – 2/34)

- Δx foi importante dado o alto x/y da Suécia: min. Ferro, aço, madeira (p/rearmamento europeu)

$I_{35} > I_{29}$

3- França:

$Y_{38} = 0,83 Y_{28}$; $Y_{39} = 0,95 Y_{28}$ (já com o rearmamento)

- os 30's: prolongada estagnação
- \$FF desvalorizou nos 20's, mas a desvalorização da £ em 31 e do US\$ em 34 \rightarrow - Δx e $m > x$

Tenta restaurar o padrão-ouro > deflação de PR e w

1936 Vitória socialista (Leon Blum): principais efeitos e fatos:

- ΔC via Δw 12%; obras públicas via empréstimos
 - Δ liberdade sindical; semana de 40 h e férias de 15 dias; $\rightarrow \Delta$ 40% custo mo;
 - Controle rígido sobre K_x ; \rightarrow redução líquida e sangria no SBP; fuga de ouro e $-\Delta R$;
 - 7/37 desvalorização \$FF (cerca 25% sobre o de 34) >: Δ PR.agric., industriais e inflação (custo de vida + 27%) ; w/h + 60%; que erodiu a desvalorização
- Governo cai em 38

4- Alemanha

- Crise muito grande em 33: – MO 6 milhões: $Y_{30} = 0,6 Y_{29}$; $Y_{38} = 1,25 Y_{29}$
- Crise já era severa em 29; houve $-\Delta$ impostos e fuga K_x
- Em 30 (pol. Deflacionista) Brüning Min. Conservador: Δ protecionismo p/ tentar – Δm ; Δ imposto consumo; e tenta $-\Delta G_g$; $-\Delta w$; e seguro desemprego; $-\Delta ij$
- 5/31 crise bancária; 30-32 grande $-\Delta R_g$ (Min. Von Papen)
- 32. Novo programa obras públicas: > renovação de créditos; > prazos e > j sobre Tit. Gov. (não há recuperação e a crise se agrava)

- 33 Hitler “Plano de Ø do – MO em 4 anos” (Em 34 nomeia Dr. Schacht Min “mago” das finanças e da economia que assim fica até 37, caindo em 38 pois achava que a inflação estava alta e era preciso acabar com o deficit público. Faz isso, justamente no espocar da IIGG...

Ø sindicatos/ Ø partidos políticas/ trabalho compulsório; Programas de emprego e habitação

Retorno obrigatório de alguns trabalhadores urbanos para o campo;

Empréstimo ao casal, se a mulher abandonar emprego;

Pós 35: Δ MO público e militar; programa automotriz;

Desemprego: 32 6 milhões; 34 2,7 milhões dada o Δ de I e da prod. Indl.

Rígido controle Pr; de x e m.; fixação preços e w;

Cap. 3: Impactos da guerra

- Ø –MO.; ΔY : 34-38 Inglat. 31%; 38-42 EUA 50% Inglaterra plano de seguro social para acabar com a pobreza (dado o clima político) Triunfo Keynesianismo: metas do pleno emprego

Keynes propõe adiar Pagto % dos W, mas venceu a pol. de racionamento;

1945: Coligação conservadora modifica o plano, de “full employment” p/ “maximum employment”

EUA e Inglaterra: prevalece as políticas de baixos deficitos, mas aceitam >: papel do governo

4-4 - Pós-guerra; os Novos rumos até a crise de 1973

-os *Golden Years*: Maturação e Esgotamento do Padrão de Crescimento. O “milagre” do Japão.

-o processo de debilitamento da hegemonia dos EUA **nota: este subitem será detalhado no tópico 8. Aqui, a aula dará apenas breve referência aos vários percalços sofridos pelos EUA ao longo do período: a forte diminuição dos efeitos positivos do comércio exterior; a passagem de “maior credor” à de “maior devedor” internacional; a desvalorização do US\$; desaceleração do**

ΔY e da Pt. e outros.

Esse debilitamento coincidiria com a aceleração do forte crescimento da Europa e do Japão, graças à reconstrução industrial e agrícola e retomada do comércio exterior.

NOTAS DE AULA – HO-016 - Prof. Wilson Cano

Item 5 América Latina: Antecedentes do Primário Exportador anterior à maturação da I Rev. Industrial. (antes de 1800-1820)

1- algumas características Geográficas

- Amazônia (floresta e bacia hidrográfica); Andes; Litoral;
- Desertos e Semi áridos (México, litoral Peru e Chile, Patagônia, NE do Brasil)
- Cordilh. dos Andes; Central (Colômbia e Venezuela); e Sierra Madre (Mx)
- Canal Panamá 1904
- Geopolítica: Caribe, NE BR, Pacífico; Rio da Prata

2- Administração Política

- 1535 Nova. Espanha (só México e AC após 1543)
- 1543 V.R do Peru (restante da AL)
- 1717 VR Nova Granada (desmembramento, do VRP, compreendendo área do atual Panamá, da Colômbia, Venezuela e Equador.
- VR Peru (BO-PE) + (Arg. Paraguai + Uruguai). O Chile constituía uma Capitania Geral, com tratamento especial em relação aos demais territórios.
- 1777 V.R do Prata, desmembramento do VRP, abarcando Arg., Paraguai e Uruguai
- 1778 – Abertura comercial para o Atlântico

- Brasil – a expansão territorial: i- do Tratados de Tordesilhas (1494) ao de Sto. Ildefonso (1.777, ampliando juridicamente o território).; ii- o fenômeno do Bandeirismo na ocupação do território; iii- a expansão da pecuária (do NE rumo ao NO e ao sertão de MG e BA } ; iv- 1904 – incorporação do Acre

Capitanias Hereditárias, Sesmarias; Estados do Maranhão e do Brasil (depois Geral);

3- o sentido da colonização

- as principais diferenças entre as Colônias de Povoamento (A. Norte) e as Colônias de Exploração (A.L);
- o sentido da colonização à época (sec. XVI-XVIII): i - : **produção complementar** à Metrópole, não concorrencial a ela; ii- a instituição e permanência do **Exclusivo Metropolitano**; regime de **Trabalho Escravo** (e/ou Servidão)

3.1- Produção colonial e inserção externa: bases

Mineração: i- Sec. XVI – XVII na AM. Espanhola (principalmente ouro, prata e mercúrio; ii- principalmente ouro e diamantes no Brasil, sec. XVIII;

“Produtos agropecuários tropicais”: açúcar, algodão, café, fumo, couro, carne salgada, guano, salitre,

- Urbanização precária e concentrada em poucas cidades;

- Plantation açucareira NE

Arg, CH, U: produtos de agric. Temperada; Br, Co, Mx, Ven, prods. Tropicais; Pe, Bo, Mx.Ch mineração

A despeito de que já desde o sec.XVI fomos inseridos, via Metrópole, no comércio internacional e no nascente Capitalismo – ainda predominantemente mercantil – algumas atividades como a açucareira, p.ex., já tinham uma característica moderna de escala, padronização e preço internacional. Esta é uma etapa inicial e precoce daquilo que viria a ser a futura *moldagem da periferia pelo capitalismo*, que ocorreria com as expressivas transformações estimuladas ou causadas pela constituição da hegemonia do Capitalismo Originário “Industrial” (Inglaterra), enraizando e fortalecendo nossa condição de **subdesenvolvimento**.

4 - Colônia e relações sociais

- ≠s instituições Am. Lat. Afr. Muçulmana, Oriente
- Repartimento (índios distribuídos por área),
- Encomienda, (pessoa): Senhores cobram tributos p/ alguns “benefícios” concedidos
- Mita 1/7 índios (p/ mineração em trabalho compulsório);
- Dizimação sec. XVII
- Escravidão, servidão: herança social - violência marginalização, índio, negro e pobre
- Religião: Europa e novo mundo: cristãos e muçulmanos (negro africano); AL: gentios; índios: catequizáveis; negros: > parte muçulmanos ---> escravizar como motivo p/ catequizar
- Elite branca nascida na Espanha ou em Portugal (“reinóis”)
- “criollos” os descendentes do branco na AL esp; no Brasil: “paulistas, mineiros,...”;
- na escala social, seguem-se os mestiços (branco-índio) e mulatos (branco-negro). No Peru, como foram os “coolies” que substituíram os escravos negros, são eles o “último degrau” da escala.

5- Crise do sistema colonial

A expansão e o amadurecimento da I Revol.Indl aumenta as pressões inglesas contra o escravismo e o Exclusivo Metropolitano. O dinheiro e as armas inglesas combaterão ambos, deflagrando, onde foram necessárias, as Lutas pela Independência, entre 1804 a 1825 (a > parte da A.L., salvo Caribe e Guianas).

Diante dessas pressões, a Espanha 1778-82 instaura Reformas institucionais e algumas concessões liberais de comercio exterior.

Com a notável Δ comércio \rightarrow Δ burguesias e conflitos mercantis entre colônias e metrópoles. Movimentos e lutas p/ a independência (Chile, Buenos Aires, Méx.,Caracas: BR.) \rightarrow independências e rupturas ou abalos no sistemas internos de dominação (Revol. Mx 1910) consolidação estados nacionais

NOTAS DE AULA – HO-016 - Prof. Wilson Cano

Item 6 Capitalismo moderno e periferia (1820-1973)

6.1 Primário Exportador (sec. XIX até 1929)

i- No Kismo “comercial e nos primórdios do Kismo “industrial” colônia, servidão, escravismo;

ii- No Kismo “industrial”: colônia (alguns casos na Am.Lat.), escravismo → transição para o trabalho livre. (mostrar as diferenças de custos fixos e variáveis e Investimentos) e Economia Nacional

6.1.1- **Dinâmica externa:** no transcurso de 1780-1830 amadurece a I RI, agora altamente maquinizada, com grande e crescente volume de produção e de exportação, que necessita ampliar sobremodo suas importações de alimentos e matérias primas e seu barateamento. Para isso requer transformações de várias ordens no próprio capitalismo originário (1846 – 1849 Inglaterra Ø barreiras p/ X e M (bens, trabalhadores e \$).

No resto do mundo, notadamente no que viria a se constituir a periferia, subdesenvolvida por essa inserção, a maior parte de seus territórios eram áreas colonizadas pelos países que se industrializaram e isso seria um obstáculo à expansão mercantil. Essas transformações, resumidamente foram:

- i- na infraestrutura:
- ia- investimentos e financiamentos externos para a disseminação da EF e construção de portos;
- ib- evolução técnica da navegação: barco metálico 1820; introdução da Hélice 1840; barco a vapor 1850; depois motor a combustão interna, e barco refrigerado 1870 (permite X de perecíveis);
- ii- nas estruturas políticas, sociais e econômicas, disseminar o modo capitalista de produção, e, para isso, fez-se necessário, no caso da AM. Latina, seu apoio técnico, militar e financeiro em suas lutas de independência, convertendo-os de Colônias em Estados Nacionais:
- iia- abolição do Exclusivo Metropolitano e liberdade concorrencial;
- iib- decisivo combate à escravidão, impondo o trabalho livre;

6.1.2-Dinâmica interna:(discutir os conceitos de ec. Reflexa e de enclave; decisões e acumulação “endógena-exógena”).Embora as decisões sobre investir/produzir/exportar fossem internas, isso era estimulado/desestimulado por fatos externos: $\pm \Delta D$ e Preços (f) auge ou crises cíclicas; efeitos de substitutivos,, $\rightarrow \pm \Delta I, Y, e L/K,, // \Delta x e \Delta pr //$

Na mineração, poderia ocorrer : colapsos nas crises; na agropecuária, dependendo da natureza dos produtos (pecuária, lavouras temporárias ou permanentes). Flutuações mais graves de PR e/ou Q causariam repercussões negativas no BP, Câmbio e na Dívida Externa.

Acumulação de K, Padrão-Ouro e Financiamento. Na crise efeitos \neq s na mineração, na pecuária, no agro tropical e no temperado;

Na escravidão: ajuste p/ contrair gastos de M c/ bens de C e de K; (após o assalariamento: desequilíbrios de balanço de pagamento e na receita

Fiscal)); DI e DII = importações de BC, BI e BK (exclusive os de subsistência);

- a $\Delta K \rightarrow \Delta$ terra, Δ mo, Δ infra, Δ \$.: baixo conteúdo C&T

i- Δ \$: resultado de excedentes mercantis acumulados e financ.externo

ii- **Infra** transporte: até 1860: dificuldades internas, minoradas pela EF;

iii- **terra**: acesso fácil ou difícil; estrutura. :latifúndio atrasado; propriedade familiar de baixa (ou alta) PT; agric. moderna; a Lei de Terras no Brasil.; Ocupação terra x índios (e caboclos): pampa Arg.; centro-sul Chile; açúcar e café Brasil. (ver CF A Agricultura Itinerante)

6.1.3– Estruturas econômicas e sociais: a observação e análise dessas estruturas e de suas mudanças históricas forneceu as bases p/ a elaboração teórica da Economia Política da Cepal (Teoria do Subdesenvolvimento):deterioração dos preços de intercâmbio; desemprego disfarçado; inflação estrutural; balanço de pagamentos, e outros.. A maior parte das bases dessas estruturas se origina no período anterior, modificando-se pela intensificação da produção e do comércio exterior.. A partir de 1860-1870, cresce a infra estrutura (notadamente portos e ferrovias); maior uso de K e de C&T em mineração e um pouco em agric.. temperada.

Dessas estruturas decorriam as da fiscalidade; do poder do Estado e da oligarquia, da distribuição de renda; do mercado de trabalho; e outras

Delas decorreram também grande parte de n/ herança social, o surgimento da classe média, e as questões básicas da marginalidade rural e urbana, do preconceito racial e da , violência.

-as estruturas produtivas:

Setor subsist. Agrop. (grande Q MO; of. Alimentos simples; demanda manufat.. simples (alguns importados)

Setor subsist. Indl. (Incipiente): setor induzido pelo setor exportador; manuf.. leves; M insumos e BK. A despeito do avanço industrial que ocorre nos principais países da AM Lat., ele é induzido pelo setor exportador, não se podendo falar, portanto, em industrialização propriamente dita, que ocorrerá após a “Crise de 29”.

Setor Exportador: realiza a maior parte da produção agrop. e mineral; gera divisas p/pagar M e outros gastos externos

Estado e Fiscalidade: base tributária: imp. Indiretos sobre X e M

Nas crises a RG é negativamente muito afetada; nos pontos de auge, expande a RG e proporciona mais recursos p/ infra. A precariedade da estrutura fiscal implica em permanente tensão de déficit público e endividamento externo

Desequilíbrio cambial: problema estrutural, que surge principalmente nas crises (ou em prolongados períodos de desequilíbrio comercial externo). Na economia escravista, o “ajuste” do BP se faz através da contração de M. Na economia assalariada, enquanto X é negativamente afetado, M (que foi gerada pela renda auferida no período imediatamente anterior), ainda tem demanda elevada (gerada pela renda anterior) agravando o déficit. Pelo lado financeiro do BP, o desequilíbrio será permanente (dívida, juros, empréstimos),..

Estrutura da propriedade e distribuição de renda: mantém estruturas anteriores, com alta concentração fundiária, pouco ampliando a peq. e média propriedade, salvo em algumas áreas do sul do país;

Urbanização: concentrada; alta nas capitais; 1800: Caracas e Bogotá 40.000; RJ: 110.000; Buenos Aires 40.000; Mx 120.000; →1870: 50.000, 267.000, 178.000 e 230.000. Redes urbanas precárias; algumas regiões c/ forte dispersão, como o NE do Brasil

Tipologia das estruturas nacionais resultantes ((p.55/57 CF A Ec. AL. Caps IV a VI):

Essas estruturas subdesenvolvidas, modificadas historicamente, e as circunstâncias que determinam a dinâmica da economia mundial, definirão os graus de liberdade e o espaço para o exercício da Política Econômica., mormente a de Desenvolvimento . Uma reflexão sobre a síntese apresentada no quadro a seguir, nos permite pensar nos limites resultantes da interação dessas estruturas, como por exemplo, o tipo de emprego e de mercado de trabalho,.distribuição de renda; concentração fundiária e distribuição de renda; regressividade fiscal, interação de C&T; estruturas detentoras de poder político; principais interesses e conflitos econômicos e outras questões.

	Agrop. Temperada	Agrop. Tropical	Mineração
Terra	extens., alta Pt	extens. baixa PT	pouca e intensa
Infraestrutura	armaz, silos, transporte, portos, frigorific.	transporte, porto	Específica
C&T	maior, via Europa e EUA	baixa, primitiva	alta (II RI), > escala, Kx
Concorrência	zonas temp (eur., EUA...)	zonas trop. Sul EUA	enclave; oligop.
Trabalho	média; qualif	muito, não qualif	pouco; qualif.
Concentr. Y e Propr.	Média/alta	alta	Alta
Δ Dem. Ext.	Médio, pr menos instáveis	Baixo, pr.inst.	médio, pr. menos inst.
Estado, classe domin.	olig. Agr.	Olig. agr	Kx. Gov., olig. Agr
Fiscalidade	imp. Ind	imp.ind	royalties imp. Ind.

6.2 “Crise de 1929”: as diferentes reações dos países subdesenvolvidos; o caso do Brasil

Biblio básica: CF (FEB), Cano (Crise de 29), Maddison (88), Seers (62)

6.2.1- Os 20`s - desestruturação pós 1ª. GG;

- instabilidade e volatilidade financeira internacional; o “boom” dos EUA; A L nos 20`s;
- **a cafeicultura no Brasil: expansão, auge e prenúncio da crise**
- reajustamento do pós guerra; avanço industrial; Padrão Ouro e livre cambismo; Estado Liberal; avanço do setor exportador;

6.2.2- a crise no Brasil (CF e Cano)

. Safras médias: anos; volume, milhões sacas (SP/Br): 1918-27, (9/13); 1927/28, (18/27); 29/32 (19/28);

. Estímulos da Pol. de defesa do Café; L/K do café;

. Impossibilidade, no período, de diversificar culturas de exportação;

. Impossibilidade acordo internacional p/ conter produção/exportação;

(WCano): além da superprodução do café o setor industrial – principalmente em SP – havia feito grandes I e gerado grande capac. ociosa (principal. têxtil algodão). Assim, inevitavelmente, o Br teria, “em 29” **independentemente da crise internacional**, duas crises sérias: a do café e a da indústria.

- crise e alternativas: colher (e destruir) ou não o café; se colher, quem financiaria?

Estoque café 1929: ≈ 10% Y; impossibilidade (ou grande dificuldade), já no prenúncio da crise, de obter financiamento externo; a partir da crise: fuga de Kx, crise BP e liquidação de Reservas; Pol. \$ do Governo: temor liberal da inflação

. - Δ preços p/ o exportador: US\$/lp 9/29-9/31: 0,225 → 0,08 p/ consumidor nos EUA: 0,479/0,328 → - Δ de -60% Capac. de M

- ΔXQ : 29/31: -25% \rightarrow - $\Delta X\$$ -50%

(entre 33-37 os EUA defenderam os preços de s/s X, e aumentaram fortemente suas tarifas de importação)

Pol. de Defesa da Econ. Nac.: (CF: uma antecipação a Keynes)

- 1- impostos sobre novos plantios;
- 2- impostos sobre cada saca exportada;
- 3- quota de sacrifício ao fazendeiro (p/ destruição) 30% a 40%;
- 4- rígido controle de estoques; queima/destruição 78 milhões de sacas;
- 5- pol. de sustentação do preço interno;
- 6- financ.: recursos déficit e BB;
- 7- pol. cambial desvalorização (aprox.. 100%); outras restrições (leilões cambiais, monopólio, etc.); moratória da dívida;
- 8- mercado de trabalho: queda dos salários nominais e reais.

CF estima que o I em 33 com a estocagem de café já representava um I equivalente ao nível de 29 (10% de Y), c/ os financiamentos e compras do café pelo Gov.; isto se fez majoritariamente c/ \$ Gov. (TN e BB) e o “efeito multiplicador” foi rápido e teria sido de 25% a 30% da Y já em 33; além disso, houve “transferência de recursos” do café p/ outros setores, notadamente o algodão. [WCano (crítica a Carlos M. Peláez)]

- argumento da transferência de recursos: esta pode se dar não apenas em \$ (lucros/poupanças) mas (principalmente na crise) em recursos físicos::terras, infra, implementos, etc.); Peláez inclusive acusa CF sobre coisas que CF não escreveu; ignora ainda as diferentes formas e apropriações do K, por exe. O papel dos Bancos;
- argumentos p/ negar a recuperação furtadiana:
 - i- o peso do gasto público teria sido bem menor do que disse CF: CMP tenta manipular informando apenas os gastos feitos até 1934, quando o foram até cerca de 1943 totalizando 78 milhões de sacas destruídas;
 - ii- o imposto adicional (café) teria onerado o fazendeiro e não o consumidor nos EUA: ”esquece” que a **Elastic. y da demanda de café era baixa**;
 - iii- quanto à questão macro do efeito de X-M na Y, tenta fazer uma relação de “causa-efeito”, atribuindo o efeito positivo não à ação do G mas sim ao “comércio exterior”; e pratica erros grosseiros em s/ “análise”; Kaleck: analisa esse efeito, mas adverte que: o saldo pode ser positivo, tanto se X cresce $> M$ quanto se X cai $< M$, sendo contudo diferentes os efeitos macro da D ef. Por outro lado, é preciso ver a estrutura das M (quando os BC constituíam a parte $>$, mas já em 31-33 já eram apenas de 31%) p/ indagar os efeitos sobre o I e a Produção;
 - iv- a maior parte dos gastos G em 31 e 32 teriam sido com as secas e a Rev. de 32: mesmo se deduzirmos essas despesas, o déficit em 31 e 33 é o dobro do de 29; os de 32 e 34 são 4 vezes $>$;
 - v- afirma que o Ministro da Fazenda. era conservador e ortodoxo e a expansão \$ teria sido pequena: CMP “esquece” que o período é de deflação e não elimina esse efeito-preço;

6.2.3- a “Crise de 29” em alguns países subdesenvolvidos

Maddison mostra que alguns países dominados por potências (p.ex. Cuba em relação aos EUA) ou eram Colônias tiveram a impossibilidade ou sofreram fortes restrições para tentar se defender da crise. Acabaram por assimilar os prejuízos da crise, e servindo de

“amortecedor” da economia dominadora, transferindo-lhes renda. Foram os casos, entre outros, de Hong Kong e Índia para a Inglaterra, Coréia e Taiwan, para o Japão.

Seers, analisando alguns países da AL, agrupou-os em dois conjuntos:

i- os que tutelados ou fortemente “alinhados” com os EUA, como Equador, Venezuela, A. Central e parte do Caribe, mantiveram –até quando puderam – uma política liberal e livre cambista, retardando a recuperação e a industrialização pós 30.

ii- os que até o eclodir da crise eram também livre cambistas e liberais, mas que a partir de certo momento, pós 29, reagiram e eliminaram, pelo menos temporariamente, graus de subordinação externa, desenhando e implantando profunda reforma no Estado, formulando políticas anticíclicas e de industrialização. Foram: Argentina, Brasil (que teve a reação mais cedo, a partir da Revol. de 30), Chile, Colômbia, México, Peru e Uruguai.

6.3 A evolução da industrialização e seus principais problemas (1930-1980)

-a industrialização restringida *

(* Para o sentido deste termo ver os textos de MCT “Acumul. de Capital e ind. no Br” e de J.M. Cardoso de Mello “Capitalismo Tardio”, revendo o antigo conceito de “Substituição de Importações”)

Quando o processo de acumulação de capital tem seu centro dinâmico baseado no setor industrial, é lícito falar em *industrialização propriamente dita*, a qual comandará as principais decisões macro e micro da Política econômica (principalmente de I, e de Financiamento) e terá a predominância de seus interesses na administração pública. É ela que passará a irradiar a C&T e a Urbanização p/ o desenvolvimento..

Contudo, esse processo no subdesenvolvimento é truncado de diversas formas. A acumulação original que lhe deu sustentação, embora tenha tido algumas semelhanças de origem com a que tiveram os países centrais, teve destino limitado: sua aplicação produtiva foi muito mais mercantil do que industrial propriamente dita.

Nosso processo não transitou da manufatura para a Grande indústria, já se implantando nessa categoria. Mas, embora dominando a acumulação, não foi capaz de subjugar plenamente os demais setores da ec. e da soc., daí MCT tê-la denominado de *restringida*. Restringida por várias razões: por ter no setor rural (e no incipiente urbano) seu principal mercado de consumo; por ter as divisas necessárias à s/ reprodução continuarem a ser geradas pelo setor primário exportador; e ter de disputar com este, a estreiteza do mercado financeiro interno. Principalmente, porque não conseguiu se converter num modo especificamente Kista de produção, e com isso, manteve estreita sua base de acumulação e de consumo. Só ao final dos 50`s e nos 60`s ampliará sua base técnica, em alguns países (A, Br,Mx), instalando, com maior amplitude em sua estrutura, compartimentos dos setores de bens produção (insumos e BK)

Vejamos algumas questões centrais desse longo processo, a maioria tratadas nos trabalhos da “Velha Cepal” e de seus principais autores:**

(** ver item 7 tópicos Cepal e CF)

- **soberania na política econômica:** o longo período em que conquistamos maiores graus de soberania em nossa economia, dado que, nesses períodos, as grandes potências estavam enfrentando grandes problemas, não podendo, por isso, dar “grande atenção” à AL Por outro lado, pós 55 aumentam os interesses convergentes do Kx dada e extroversão internacional do Japão, EUA e MCE. (ver WCanó, Soberania, cap., 1):

29/37 – a grande depressão; 37-45 – a II GG; 46-50 – reestruturação internacional; revolução na China; poder nuclear (EUA 1945, URSS 1947; China, 1964); 51-53 –

Coréia; 48-71 Guerra Fria; 60`s – graves fatos nos EUA, Cuba e Vietnam; 70`s – crise internacional

- **Estado e políticas públicas:** a industrialização criou ou aprofundou vários problemas que precisaram ser enfrentados, e, para isso, os Estados Nacionais – em s/ maior parte -, tiveram que ser reestruturados p/ exercer s/ novos papéis, passando do livremercantilismo p/ o intervencionismo e o desenvolvimentismo, ao longo de todo o período. Para tanto foram feitas reformas na administração pública, nos sistemas financeiros nacionais; nas políticas cambiais e financeiras, tributária (embora regressivas, dado o conservadorismo das elites); instituição de sistemas de planejamento, e "concessão" de alguns direitos sociais e trabalhistas.

- **estruturas de poder:** elas eram predominantemente conservadoras, e a ausência de uma reforma agrária certamente contribuiu p/ a manutenção do poder oligárquico rural, dele fazendo parte não apenas o velho latifúndio mas também a agricultura que se modernizava. O K mercantil expandiu-se, com a construção civil, a Urbanização e a Infraestrutura, assim como com a expansão do sistema financeiro nacional e dos serviços. Embora a industrialização avançasse, o K industrial tinha uma conformação ambígua: era em parte Estatal (notadamente na ind. de base e infra), em parte Kx (setores modernos oligopolizados: BCD, BI e BK) e o Kn, predominante nos setores leves, e guardando um corpo industrial e uma "alma" ainda mercantil. Embora a classe trabalhadora tivesse crescido muito em termos absolutos, sua organização era também, em parte, conservadora. Só ao final do período surgiram movimentos que culminariam na constituição de um sindicalismo mais autêntico e combativo.

A industrialização, num país subdesenvolvido, gera mais tensões estruturais do que nos desenvolvidos, e essas tensões precisam ser enfrentadas e solucionadas, sob pena de obstar ou dificultar sobremodo sua evolução e diversificação. Na AL esse enfrentamento quase sempre se deu através da conciliação conservadora, via "soluções pragmáticas", indolores para as elites, que mais postergavam do que resolviam os obstáculos. Nas exceções, surgia a crise política, que em alguns importantes momentos, resultou em rupturas, como em 54 (suicídio de GV), crise de 61-64 e ditadura até 1985, no caso brasileiro, e os muitos golpes de estado latinoamericanos que se multiplicariam a partir dos 60`s.

Dessa forma acumulamos problemas e não realizamos as reformas de cunho econômico e mais democrático, que tanto precisávamos.

Mas as tensões no início dos 60`s ao ameaçar com uma ruptura à esquerda, conscientizou as elites de que algo mais profundo teria que ser feito, e que, portanto, "mais valia perder alguns poucos anéis do que perder os dedos". Assim, conspiraram e apoiaram todos os golpes de direita e tiveram que aceitar algumas reformas, ainda que as mesmas não as prejudicassem significativamente. Foi dessa forma autoritária e conservadora que se retomou o crescimento, que se modernizou o agro, a indústria, a infra e a urbanização, mas desprezando questões sociais como as da educação, saúde e distribuição de renda.

Assim, nos 60`s a AL toma consciência de que a industrialização por substituição de importações estava obstada, pois sua continuidade exigia soluções mais avançadas para o problema de balanço de pagamentos e de inflação.*** Para contorná-los, as elites aceitaram os golpes e os acordos internacionais com o Kx, ainda que temperados com

alguma dose de um suposto “nacionalismo desenvolvimentista”. A opção mais drástica e menos responsável foi a do endividamento externo, que causaria o conhecido desastre dos 80’s.

(*** os maiores obstáculos estruturais apontados pela Cepal e CF são: déficit do balanço de pagamentos, inflação, déficit público e problema de financiamento de LP, que serão examinados no item 7)

6.4 Evolução da industrialização e principais críticas (base F.Fajnzylber, La Ind. Trunca..Cap. III.) (Aos docentes: p/ uma síntese mais objetivada sugere-se, além de uma detida leitura do texto, examinar com cuidado principalmente as tabelas: 35, 38, 40, 41, 43, 50, 54-56, (ver tabelas 1,2 e 3 anexas em EXCEL)

1. Evolução e estrutura

- peso reduzido ind. Transformação/Y
- diversificação estrutural ind. Transf. modesta (baixo peso BK e natureza dos BK)

Razões:

- p/ BCND e segmentos mais simples de BCD, BI e BK
- interesses oligopolistas e restritos (principalmente) do Kx
- desemprego disfarçado, explosão demográfica + urbanização acelerada → ΔD **sociais** exigindo > \$ governo, mas → limitação \$ gov. p/ ΔI_g
- BK exige > escalas e > financ. de LP
- baixa % X manufat./X total
- padrão de C interno e distrib. de Y

Menor eficiência produtiva, Menor Pt, menor competitividade externa

Razões:

- “protecionismo frívolo” (tarifas e barreiras excessivamente altas), excessivos subsídios
- estruturas oligopólicas (mesmo em BCND)
- barreiras à entrada
- acesso mais difícil e caro à moderna C&T
- baixo volume de recursos em P&D
- pol. de X e M (maior esforço exportador só a partir dos 70’s)

6.5 Heterogeneidade Estrutural

(Wilson Cano); Base: A. Pinto “*Concentración del Progreso Técnico y de sus frutos en el Desarrollo Latinoamericano*” El TrimestreEconómico, enero-marzo, 1965; e *Natureza e implicações da “heterogeneidade estrutural” na América Latina*; in Bielschowsky, R. Cinquenta anos de pensamento na Cepal, Ed.Record, RJ-SP, 2000, vol. 2. Há uma discussão recente muito interessante, discutindo a HE em termos teóricos, setoriais e regionais, feita no IPEA (ver Radar, no. 14; 6/2011,

6.5.1- (HE) Heterogeneidade Estrutural; progresso e crise social:

- \neq s marcantes entre os setores produtivos no que tange aos níveis de Pt, emprego e salários bem como na conformação das estruturas produtivas e ocupacionais, fiscais e de comércio exterior; idem, idem, no confronto PD x PSD;
- \neq s marcantes na distribuição e no nível de renda, em termos pessoais, setoriais e regionais; idem, idem, no confronto PD x PSD;

- níveis expressivos de marginalidade e exclusão social;

6.5.2- A H E nos P. Desenvolvidos:

- ao nascer, o Kismo gerou enormes desigualdades, ao expulsar os homens da terra e dos meios de produção, aumentando a miséria no campo e na cidade, além de ampliar os desníveis produtivos, ocupacionais e salariais entre a indústria e os demais setores, notadamente o agropecuário;
 - no plano político e social, esses desníveis foram impostos à custa de violenta repressão aos protestos da classe trabalhadora;
 - à medida que a industrialização avançou ela irradiou C&T aos demais compartimentos, reduzindo os diferenciais de Pt setoriais e regionais;
 - incorporando crescentes volumes de emprego industrial amorteceu parte do êxodo rural ao mesmo tempo que estimulava a expansão dos serviços e do emprego urbano não industrial, com o que enxugava parte do desemprego aberto e do disfarçado (subemprego);
 - o amadurecimento da industrialização e da urbanização pressionam para baixo o crescimento demográfico. Além disso, devemos lembrar que a Europa, ao longo desse processo, se “livrou” de enorme contingente populacional, seja pela emigração (43,6 milhões de pessoas para as novas áreas do mundo, equivalendo a cerca de 15% a 20% da população) entre 1820 e 1915; seja pelos 8 milhões de mortos na 1ª. GG e dos 20 milhões (há estimativas que chegam ao dobro disto) de mortos pela “Gripe Espanhola”. Lembremos ainda que a maior parte dos 50 milhões de mortos da 2ª. GG eram europeus e russos.
 - isso certamente colaborou com a eliminação de parte substancial do subemprego, encurtando esse período de transformação, fortalecendo a classe trabalhadora com melhoria salarial e estimulando a luta sindical e dos partidos políticos progressistas;
 - obviamente, não se eliminaram em termos absolutos as diferenças de classe ou de setores, mas a HE foi fortemente reduzida.
- a questão central reside no fato de que esses países mantiveram elevado grau de soberania no exercício de suas políticas econômicas, o que lhes permitiu, inclusive, maior poder de criatividade de C&T.**

6.5.3. A Heterog. Estrutural nos PSD (AL)

6.5.3.1. No primário exportador (estrutura dual Sis: setor primário de subsistência, “atrasado”; Six: setor primário exportador, moderno)

Six: baixa absorção de C&T; alta Pt via Rec. Nat. e mo; altas RLx (remessas de renda ao exterior); baixos W

O modelo foi mais favorável onde: o Kn dominou as exportações; > Rg/X; <concentração da renda; > insumos nacionais/X

Obs.: A, Ch,U: mais favoráveis; Br: > concentração da renda, > ≠s regionais; AC: enclaves

6.5.3.2- a partir da industrialização (Sii industrial; Siii serviços: Δ e diversificação)

- > ΔPt (f) ΔI ii e Δ infra ; melhor pol.ii (e melhor preço relativo em relação aos importados, etc.)
- melhor irradiação C&T via Sii/Si; Sii/café (cereais ou gado ou alguma mineração, como no Ch); Sii/insumos nac; Sii/Siii serviços;
- nova dualidade: Sis/Sii; Sii/Siii não complementar a Sii;

- se mantém HE históricas e se criam novas: Sis/Six/Sii; Sii avançado/Sii mais atrasado; Sii região A; /Sii reg. B
- > concentração e disparidades renda (pessoal, setorial, regional)
- acentuação desequilíbrios regionais:
- ≠s Pt setoriais:

	Br		Mx	
	Agropec.	Indústria	Agropec.	Indústria
1950	4,7	29,1	2,0	10,2
1960	5,0	49,0	2,4	12,0
- alterações dinâmicas: embora apresentem resultados melhores, a HE se mantém e em muitos casos se acentua.
- quanto à questão do **subemprego**: à medida que a urbanização e a industrialização avançam e crescem mais do que a agropecuária, diminui o subemprego rural como proporção do subemprego total, mas o subemprego urbano aumenta, pela impossibilidade de criação suficiente de empregos efetivamente produtivos. Contudo, no longo prazo, o subemprego como proporção da ocupação total diminui. Essa relação caiu, no caso brasileiro, de cerca de 50% em 1950, para cerca de 20% ao final do século XX. Contudo, essa diminuição não elimina o problema da distribuição pessoal da renda, face aos demais elementos que a mantém (salários, Pol. Econômica, estrutura tributária, e outros.).

6.5.3.2.1 – efeitos da Pol. Econ. e Social

- câmbio: excessivamente valorizado (ou desvalorizado) permite, via X e M transferências implícitas de renda entre setores e regiões, alterando preços relativos e Pts e também atingindo a renda dos consumidores;
- estruturas tributárias regressivas como as que predominam nos PSD, comprometem elevadas frações da renda das populações com níveis mais baixos de rendimentos;
- idem, idem, com baixa tributação sobre herança;
- idem, idem sobre o consumo de bens suntuários (ou lhes concede subsídios);
- políticas salariais e previdenciárias constrangedoras da renda do trabalho e da previdência;
- outras pol. sociais pouco ativas; (habitação, saneamento, saúde pública,...);
- pol. restritiva de acesso ao crédito;

6.5.3.2.2 – a Heterog. Estrutural na questão regional nacional

(WCano) .o problema não pode ser tratado como o fez AP, pensando numa relação Centro-Periferia interna, pois o país é um só e só há uma política de comercio exterior e cambial. Não há alfândegas ou barreiras inter-regionais.

Mas, evidentemente aqui podem se manifestar efeitos do tipo “Centro-Periferia”, decorrentes de:

- estruturas diferentes do comercio exterior de cada região, não compensadas por transferências de renda gov. inter-regional e/ou fed/regional
- forte deficiência na dotação regional de infraestrutura;
- ausência (ou deficiência) de políticas de desenvolvimento regional compensatórias e de desenvolvimento.

6.5.3.2.3 – a Heterog.Estrutural que decorre da relação Centro-Periferia internacional

A HE se mantém e até se amplia, nos PSD, em decorrência das relações econômicas com os PD. Elas decorrem do poder monopólico, do poder concentrador de C&T, do financiamento externo, e do IDE (objetivos, sentido, interesses, alocação setorial ou regional, etc.). Decorre também de forma da relação X primárias/M manufaturas em que, como mostrou a Cepal, apresentam o predomínio de períodos com relações de preços cadentes para os PSD e com problemas de longo prazo para a estrutura e dinâmica da demanda de primários. Prebisch desenvolveu a questão, mostrando a relação da queda dos preços com o problema do subemprego e dos baixos salários da economia primário exportadora. Este item constituiu também a base para a discussão – também pela Cepal –, do tema da Dependência. (Estes temas serão tratados no item 7 – Teorias – quando serão examinadas as da Cepal e de CF, além de outras.

T 1 Estrutura produtiva do PIB (%)

	A. L.		ARG			BR		MX	
	1939	1950	1900	1920	1939	1920	1939	1920	1939
Y total	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Y agrop.	25,4	20,1	28,9	28,7	23,2	23	21,4	24,1	20,1
Y miner.	3,7	4,2	0,1	0,1	0,7	0,5	0,5	11,2	6,1
Y transf	16,2	19,2	15,2	16,8	22,7	12	15	10,2	15,9
Y serviç	48,6	53,1	47	40,8	48,7	...	55,7	...	54,4

Fonte: Cepal

T2 Estrutura produtiva da Ind. Transformação (% dos BK nos totais)

	AL	EUA	MCE	Japão	P. Social
1975	26*	44	40	46	49

Fonte: FF

* Sobrestimado, por conter partes de BI e de BCD

T3 % de bens menos complexos em alguns ramos

Setor/ramo	AL	PD
BCD/mat. Elétrico	57	20
Automot./mat. de transporte	65	33
Maq. não elét./mecânica	30	17

Fonte: FF

NOTAS DE AULA – HO-016 - Prof. Wilson Cano
7– TEORIAS:

7.1 - Fisiocratas, Clássicos, Neoclássicos, Schumpeter, Keynes

7.1.1 – Fisiocratas (s. XVIII)

Os precursores:

- Sec. XVI: Bacon, Bodin, Maquiavel,
 - Sec. XVII: Hobbes, Descartes, Hume, Cantillon; ...
 - Locke: Direito Natural (utilitarismo), propriedade privada, Estado para assegurar direitos
 - Petty (cálculo racional), tributação; valor e preço; valor trabalho; excedente
 - Raízes da Fisiocracia: trabalho produtivo e improdutivo
 - Reprodução simples
 - Base agricultura e indústria “doméstica”; Pr. constantes
 - Classes - A produtiva (arrendatários e MO agr.)
 - B proprietários da terra, clero, estado, nobreza
 - C “estéril” (indústria, bens suntuários, comércio..)
 - Produção
- Ya (ou Produto Bruto) – (sementes + subsistência A) = Produit Net, que sustenta as classes B e C (consumo suntuário e subsistência)

Só a Agricultura agrega valor; C não agrega valor

- Filosofia Ordem Natural: livre cambismo, laissez faire;
Contra o protecionismo, a indústria e o Estado.
Política: Reforma agrária; imposto sobre a renda da propriedade
- //////////////Economia fundos acumulados (“K”), rotativo anual

Contudo Quesnay quer estímulos do Estado para os setores produtivos (agr. e ind.) e a infraestrutura.. Quer ainda o controle da Taxa de juros.

7.1.2 – Clássicos (sec. XVIII e XIX)

- Base: S1 (agropecuária) e S2 (indústria)
- Reprodução ampliada
- Ordem natural: (do meio físico e do social)
- Utilitarismo – individualismo sec. XVIII (Benthan, J.Mill, J.S.Mill)

(“Felicidade do indivíduo é meio para obter a felicidade para maior número de pessoas”

- Liberalismo – Livre câmbio; vantagens comparativas
- Padrão-ouro
- Estado mínimo (- Δ impostos, - Δ intervenções, RG=Dg)
- Regulamentação MO: lei dos pobres, restrições ao sindicatos
- Teoria do Valor-trabalho; Teoria do Valor de uso e valor de troca
- Renda da terra; Teoria da População
- Economia: Divisão de trabalho; mercado; “mão invisível”
- Classes: A empresários (S1 e S2)
 - B proprietário de terras
 - C Mão de obra
 - D (estado mínimo + resto nobreza)

$Y = w, l$, “rendas” (distribuição)

$P: (f) [K, T, MO]$; Coeficientes fixos (A_{ij}), em cada situação \rightarrow (rendimentos constantes à escala)

$\Delta K (f) \{ \Delta s (f) \text{ desejo de poupar} + \text{frugalidade} + \text{expectativa } L/K \}$

$Y = P$; $[P - (C \text{ subsistência}) + (\text{Reposição do } K \text{ ou } I \text{ de rep}) = \text{Excedente Bruto}]$

Excedente Bruto - (Inv. Reposição + C kista) = **Excedente Líquido**

$K = (B_k) + (\text{mat.primas}) + (\text{fundo de salários ou estoque de subsistência})$

w: de subsistência (“mínimo social de subsistência”) a L.P.

- Renda da terra

$\Delta D S1 \rightarrow \Delta mo S1 + \Delta$ terras tipo **A**: férteis (extensiva) ou **B** na mesma terra (uso mais intensivo $\rightarrow -\Delta Pt$), ou seja: $\Delta Q A / \Delta MO A > Q B / MO B$ “renda diferencial” e $\Delta Q B / \Delta MO B < Q B / MO B \rightarrow \text{LRD (lei dos rendimentos decrescentes)}$;

Assim: $\Delta D1 \rightarrow \Delta Q1 \rightarrow \Delta \text{custos} \rightarrow \Delta Pr 1 \rightarrow \Delta Y1$ (renda da terra) e $\Delta w 1$ e 2 e, **dado que** $Y = w + \text{rendas} + L \rightarrow \Delta w + \Delta \text{rendas} = -L \rightarrow \text{queda } L/K \text{ em } S2$

- TP (Teoria da População)

população com w subsistência $\rightarrow \Delta \text{pop.} = 0$

mas (Malthus): se $\Delta \text{Pop.} > \Delta Q$, \rightarrow crise, pois:

$\Delta \text{Pop.} \rightarrow \Delta D, \rightarrow \Delta Q, \rightarrow \Delta Pr, \rightarrow c/ \Delta w \rightarrow < L/K \rightarrow \Delta K = 0, \rightarrow -\Delta w$ (crise, desemprego, estado estacionário);

mas, se houver $\Delta C\&T \rightarrow$ **i:** a queda de ΔK é atenuada e retardada; mas, **ii:** p/ os clássicos $\Delta C\&T$ não é contínuo nem constante e também sofre efeitos da LRD

Estado estacionário (f) da LRD e da TP: como cai $\Delta K \rightarrow I$ líquido $\rightarrow 0.. \Delta \text{Pop.} \rightarrow 0$; e $i\Delta Y \rightarrow 0$

A controvérsia de Malthus e D.Ricardo:

Malthus: defende $S1$ e critica os lucros excessivos de $S2$, que tornam a ΔK insustentável (crise de super acumulação e produção). Propõe: “a formação de um exército de MO improdutiva para $\Delta C + \Delta C$ conspícuo dos ricos p/ ΔD efetiva.

Ricardo defende $S2$ e propõe a M alimentos

Teoria das Vantagens Comparativas (lembrar Methuen)

Horas empregadas na produção de:

	em Portugal na Inglaterra	
1 Q Vinho	80	120
1 Q Tecido	90	100

Os limites p/ as trocas: p/ Portugal:

1Qvinho = $80/90 = 0,89$ tecido

1Q tecido = $90/80 = 1,125$ vinho **{0,89 a 1,125}**

Os limites p/ Inglaterra

1Qvinho = $120/100 = 1,2$ tecido

1Q tecido = $100/120 = 0,83$ vinho **{0,83 a 1,2}**

Anexo de 7.1.2 “O pioneirismo de Smith” (de F. Mazzuchell in *Economia e Sociedade* 18 (1-6/02))

Crise feudal/ absolutismo (Kc) \rightarrow política econômica do mercantilismo:

Estado forte (protecionismo / marinha mercante / escravidão/ $\Delta X > \Delta M$. necessário p/ subordinar MO, conquistar mercados, reprodução do K , **até que haja Kismo: forças produtivas plenamente Kistas... (FM): “A Economia é escrava da Política”.**

Economia com estatuto próprio: precisou de um Kismo plenamente constituído (Rev.Indl.)

Não é via “pacto de submissão” (Hobbes, XVII), e sim via “contrato social, homens; livres e proprietários, direito natural” (Locke XVIII)

Economia liberta-se da religião: - racionalismo e Δ “ciência da natureza”

Racionalismo (Descartes): a **ON: Ordem Natural**, Leis Naturais, “a economia como Ordem Natural”; a vida social como Ordem Natural”; “são as leis naturais que regem a economia”, a propriedade é um direito natural” \rightarrow no “enigma do mercado” (Smith); a “mão invisível”

A visão de Newton sobre a tendência da natureza ao equilíbrio \rightarrow [não intervenção do Estado]

Smith: a nova sociedade é composta por 3 classes:

A- donos da terra (Y da terra)

B- donos do K (lucros)

C- donos do trabalho (w)

...”há uma tendência natural à troca”...(ver crítica de Marx)

a Fisiocracia também tinha por base a ON,mas : i- só S1 era produtivo (classe agrária); ii- não há explicação para o lucro, iii- o motor da sociedade não são os atos dos indivíduos

- A busca pessoal das vantagens \rightarrow Δ divisão do trabalho e Δ concorrência
- Naturalismo + individualismo \rightarrow na futura “ciência econômica”
- Smith: “Egoísmo, perdas e fadigas da MO”; Benthan cálculo da dor e do prazer
O valor provém do trabalho; descontados do preço os salários e as matérias primas, resta o **excedente, que apropriado pelo kista, se distribui em rendas e lucros.** Smith vai atenuar esta (grave) afirmação, adicionando que “mas não é exclusivo do trabalho...” abrindo espaço para a T. dos Fatores de Produção;
- Livre concorrência
- Prodigalidade x Parcimônia \rightarrow na Poupança e no I
- Maximização individual..... [Bentham: valor e utilidade; Say: a produção cria seu mercado] \rightarrow eficácia da mão invisível
- Mas Smith não foi só isso, dado que formulou: **Valor de Uso/Troca** (água, diamante...) e **medida de valor: trabalho produtivo**
- A contradição de Smith: “A renda da terra e os lucros são apropriações unilaterais...” \rightarrow pistas p/ Ricardo (T. da Renda da Terra)e p/ Marx (T.da Exploração)
- $>\Delta K \rightarrow \Delta w$; mas ΔPT compensa; mas $>\Delta K \rightarrow >$ concorrência $\rightarrow < L \rightarrow \Delta mo...$ “muitas vezes suas proposições tendem a iludir e oprimir a sociedade”
- Mercado: Natureza ideal x realidade do mercado \rightarrow “desconfiança” (e intervenção) do Estado” (WC e FM)

7.1.3 - Neoclássicos

(p/ CF, os clássicos foram revolucionários, contra o feudalismo, pelas reformas; os neoclássicos foram conservadores)

- Visão de classe e otimista: (Sec. XIX Inglaterra; Δ Y, X,M, MO,...e bem estar social)
- Reformulam alguns traços da T. Clássica e incluem vários “instrumentos de análise”
- i- Estado não estacionário, ascendente, gradual e contínuo; porém, não apresentam uma visão de processo, e sim situações de equilíbrio;

- “natura non facit saltum“ (Marshall). A concepção é a de que a economia sempre tenderá para o equilíbrio e o pleno emprego; a L.P. não há crise
- Mas temem, como os clássicos, que alto Δ população conduz à estagnação,
- ii-desenvolvimento é harmônico, equilibrado
 - iii-bem estar social; Δ MO; + educação;+ C&T; +X,M,.....

Visão Geral

A sociedade kista progride indefinidamente, ... é a “sociedade definitiva”

- Analogia orgânica (biológica, cadeia natural).... Spencer, Darwin,
- Suas principais teorias (consumo, firma, produção, utiliza noções da Mecânica Racional (“a toda ação \rightarrow uma reação contrária \rightarrow equilíbrio”
- (ver crítica de Myrdal {e de CF} sobre a continuidade das reações e suas reações derivadas; ver a crítica do “equilíbrio (PR. e Q) determinadas pela intersecção da Of/D
- Estado: intervenção é nefasta
- Economia é ciência – formalização matemática

Dados e pressupostos

- Ausência condições sociais, políticas, históricas, institucionais
- Equilíbrio e Pleno emprego
- Difusão internacional de C&T via X,M
- C&T: (Δ C&T “força autônoma da sociedade”)

Teorização

- Teoria do equilíbrio parcial e geral; T. do consumidor
- Teoria das vantagens comparativas (Lembrar Methuen e a velha “receita” de que os PSD deveriam seguir sua “vocação agrícola”)
- T. do ajuste monetário do Balanço de Pagamentos
 - Teoria da produção P (f) K, L, T: (fatores de produção)
 - i- substituição de fatores (criticar o absurdo da Curva de Possibilidades de Produção e Transformação : “canhões x manteiga” Samuelson)
 - ii- é a PT marginal de cada fator que determina seu preço ou rendimento
- Alguns admitem a Teoria da população e a Lei dos rendimentos decrescentes (Marshall, Wicksel)
- T. do Investimento: I (f) Δ Pop, Δ D (mas também I (f) S), ij; S poupança (f) ij, Y, e da frugalidade, abstinência, sacrifício, espera...
- Teoria subjetiva do valor: utilitarismo de Benthan “sacrifício do trabalho pelo prazer do consumo”, ou seja, uma forma de Psicologia humana simplificada (racional)
- Economias externas e economia de escala; economias internas e externas (rendimentos crescentes)

Δy (estado não estacionário): ele é evitado por Δ C&T e substituição fatorial (mas na agricultura o problema é difícil (terra, fertilizantes)

Movimento da economia:

1. Δ população \rightarrow - Δw \$ \rightarrow Δm_o e/ou - ΔPr (este compensa a perda nominal do w) $\rightarrow \Delta wr$
2. $\Delta Q \rightarrow \Delta MO$

Mas, ΔPop , com LRD, \rightarrow estagnação

$\Delta C\&T \rightarrow \Delta I \rightarrow \Delta Dbk \rightarrow i: > Pr\ bk/Pr\ BC$ e $ii: \Delta ij$: ambos limitam ΔI , que pode ser atenuado pelo Δij , que eleva o desejo de poupar e portanto da oferta de crédito;

Mas, quando ΔI matura $\rightarrow -\Delta I \rightarrow -\Delta PR\ bk, -\Delta ij \rightarrow \Delta L/K \rightarrow \Delta I$

Correntes:

- NC (Marshall, Wicksel, Walras,....)
- Síntese neoclássica, Novos clássicos, Nova Síntese neoclássica, Monetaristas,

7.1.4 Schumpeter (TDE)

Base: Empresários (A), inovação (B). A é imprescindível; B: é insuficiente sem A

ΔI é risco e incerteza

“ K_{-} ” é crédito e não “ Y s poupadas”; S = “lucro e bancos”

Crítica aos clássicos e NC: “ $\$$ é o véu que mascara as forças atuantes”

- É o crédito dos bancos ($\$ cp$) que $\rightarrow \Delta OF$ recursos, que \rightarrow liberação de S para ΔI

Poupança forçada ($-\Delta C + \Delta S$): é o crédito que $\rightarrow \Delta I \rightarrow \Delta Qbk \rightarrow \Delta Of$

Mas ΔQbk (e $\Delta \$ p/ BK \rightarrow$ “desvio de recursos” de ΔQBC

Importância do crédito do consumidor...

É a produção que muda a “soberania do consumidor” e não o contrário!

Desenvolvimento Econômico

Fase I do ciclo (t_1)

- (fluxo circular) Concorrência pura, Y em equilíbrio; pop. com pleno emprego. Mas há oportunidade de IL novos: que poderão ser efetivados, se:
 - 1. Se a empresa obtém crédito: $S(f) \{j(f) L/K\}$
 - 2. $\Delta D \$$ para $\Delta I \rightarrow -\Delta OF \$$ para BC (“poup. forçada”) $\rightarrow \Delta$ preços (j, Pr)
 - 3. com Δ preços e $\Delta L/K \rightarrow \Delta$ especulação

Fase II do ciclo (t_2)

$QBC/\Sigma Q$ se altera \rightarrow estímulo à inovação \rightarrow “destruição criadora” (BC e BK)

Fase III do ciclo (t_3)

Empresas liquidam o crédito \rightarrow forças deflacionárias \rightarrow ajuste \rightarrow recessão

Fase IV do ciclo (t_4)

Fim $t_3 \rightarrow$ desaceleração e fim de t_4 : retorno ao equilíbrio com pleno $MO +$ alto

Entre t_1 e t_3 : ΔI foi financiado: por $S(f) Y$; há $\Delta Pop.$; há Δ concorrência imperfeita

Kismo e Socialismo {ver também: “Capitalismo. socialismo e democracia”

- Sucesso do Kismo \rightarrow “freios” (modificações institucionais) \rightarrow ascensão do socialismo
- Individualismo racional do Kismo (custos, cálculos; Δ “lógica”...) \rightarrow infiltra-se nas artes, cultura, religião, ciência, costumes, administração, causando:

1. Rotinização e burocratização da inovação (idem da empresa e dos consumidores)
→ surgimento dos “gerentes”
2. Δ concentração do K (grandes empresas): debilita a liberdade contratual; o conceito de propriedade privada; e o poder do governo
- → Destruição estruturas das instituições Kistas
3. Δ movimento de sindicatos e sociais; Δ quantidade de intelectuais; Δ White Collor críticos;
- Desintegração família burguesa; Δ custos da família; Δ “trabalhismo”
- Destruição de estratos políticos protetores

O “Hotel” do Kismo (o estrato mais rico da sociedade) (TDE, cap. IV pag. 105)
Ambigüidades de Schumpeter “Conceito de desenvolvimento” ((ver TDE cap. II e CF TPDE cap 4).

7.1.5 Keynes

- Kismo é um sistema em permanente tensão, ao contrário da noção (NC) do equilíbrio e do pleno MO. Equilíbrio instável. Há falhas no sistema → necessidade da Pol. Econ.
 - Incerteza: gastos atuais (I) x C futuro via Y futura necessidade da Pol. Econ.; baixa racionalidade e risco. A Lei de Say
- PPL- Pref. Pela liquidez e insuficiência da D efetiva
- Y (f) I; I (f) ij; eficácia marginal do K, expectativas de lucros
 - ij (f), PPL, Of \$
 - Não neutralidade da \$
 - Política fiscal: orçamentos devem ser equilibrados, mas, para manter elevada a D efetiva, pode-se e deve-se produzir déficit fiscal, preferentemente p/ Investimentos
 - Estado: deve ser um Administrador-Coordenador do Investimento, p/ tentar manter alta a D efetiva
 - A T. da D efetiva possibilitou tanto o revigoramento quanto a criação de uma série de questões como: Revisão crítica da TNC;
 - TDE e T do Crescimento
 - Políticas de Welfare State
 - Modelos de crescimento e desenvolvimento
 - Revisão crítica da Política Fiscal

Aceitação e Desenvolvimento de Políticas Anticíclicas

7.2 MARX

Notas sinóticas de economia marxista sobre algumas questões para o estudo do desenvolvimento Kista.

Prof. Wilson Cano

Advertência: Marx via o Kismo como um fenômeno de crescente manifestação e extensão internacional. Não tinha por objeto análise de uma economia nacional específica. A noção

de *Desenvolvimento* aqui presente será a do desenvolvimento das forças produtivas Kistas e da dinâmica, da concorrência e das crises do Kismo.

I-Valor, Preço e Mercadoria

Valor (V) = $c + v + m$

c = capital constante (depreciação ou desgaste do K fixo) + insumos usados na produção das mercadorias ou serviços

v = capital variável (total dos pagamentos feitos ao trabalho)

m = mais valia: **geração**: trabalho não pago, ou trabalho excedente dos trabalhadores produtivos + excedente gerado por outros trabalhadores não assalariados); **apropriação**: lucros dos empresários, renda da terra, juros, alguns impostos do Estado e rendimentos de trabalho improdutivo; **destino**: consumo e acumulação dos capitalistas, e do trabalho improdutivo.

c / v = composição orgânica do K

m / c+v = taxa de mais valia; **m / v** = taxa de exploração

Preços:

preço de custo = $c + v$

preço de produção: $c + v + m$, sendo que **m** aqui tem o conceito de “lucro médio”

preço de mercado ou comercial = o efetivamente praticado na compra/venda

Mercadoria (M):

Valor de Uso; Valor de Troca: **tem forma aparente e independente de Valor contido na mercadoria**; M é produto do trabalho

-a troca homogeneiza os diferentes trabalhos, convertendo o trabalho privado em social e resultando no trabalho abstrato (“socialmente necessário”);

-o V é a materialização do **trabalho abstrato**;

-se: $xq Ma = yq Mb \implies yq Mb \text{ equivale a } xq Ma$;

-não é a troca que regula essa equivalência, mas sim as magnitudes equivalentes do Va e do Vb;

-via processo histórico, várias mercadorias representaram um “equivalente geral de trocas”, que terminou nos metais preciosos e finalmente na forma dinheiro

Obs. Dada a incerteza (em Keynes e Marx) na determinação do preço, L e W, não se pode aceitar a afirmação da TNC de que Rmg (receita marginal) = Cmg (custo marginal)

Biblio básica: Belluzzo (1998) cap. 1 e 3; Marx (1984, v I, caps. I,II e III)

II- Reprodução simples e ampliada

Simples: não há IL; I = IR;

D1 (produz BK + BI) = $c1 + v1 + m1 = VBP1 = c1 + c2$

D2 (produz BC) = $c2 + v2 + m2 = VBP2$

$c1$ = gasto dos Kistas de D1 p/ repor BK e insumos do processo produtivo de D1;

$c2$ = gasto (venda) dos Kistas de D2 (D1) p/repor BK e insumos do processo produtivo de D2;

$v1+v2$ = consumo dos trabalhadores produtivos

$m1+m2$ = consumo dos Kistas e dos trabalhadores improdutivos

Ampliada: $I = IR + IL$

$m_1 + m_2 =$ consumo dos Kistas + IL ; $IL \rightarrow \Delta c + \Delta v$ como frações de m : $\{1 - (kcm + kvm)\}$; em termos do tempo: $Mt \rightarrow (\Delta c_{t+1} + (\Delta v_{t+1}))$

Essas frações podem variar, devido a, por exemplo, $\Delta C\&T$, $\pm \Delta$ preços, efeitos e expectativas na concorrência e outros;

À medida que o processo se manifesta no tempo, as relações ΔI , ΔQ , $\Delta C\&T$, ΔPt , $m/c+v$, c/v e m/v se alteram e podem gerar as chamadas *desproporções* (gerais ou setoriais), precursoras das crises de produção e realização.

Biblio básica: Marx, II: ii, iii, xx, xxi

III- Tendência Decrescente da Taxa de Lucro**Acumulação Kista (já examinada nos itens 2 e 3 do programa)**

As duas grandes contradições:

i- K/MO: “lucros x salários”; mudanças via $\Delta C\&T \rightarrow c'/v' \neq c/v$

ii- K/K : a luta entre os Kistas (concorrência) \rightarrow : $-\Delta$ custos/q ; $-\Delta$ preços, problemas de realização, ...

. se c'/v' aumenta, e se m/v constante, $\rightarrow m/c+v$ decrescente;

. mas $-\Delta$ preços com $< -\Delta$ custos/q \rightarrow também em queda de $m/c+v$; ou ainda, uma $c'/v' > \Delta m/c+v$;

. $\Delta C\&T$ pode $\rightarrow > c/c+v$, mas economias de escala podem $\rightarrow -\Delta$ custos/q, atenuando ou superando o problema;

. $<$ custo pode $\rightarrow >$ lucro $\rightarrow \Delta I \rightarrow \Delta c/v$...e se a concorrência $\rightarrow -\Delta$ preços, pode $\rightarrow -\Delta m/c+v$ e em $-L/K$;

. $\Delta c/v$ é mais rápido do que $\Delta m/v$, mesmo com salário constante;

. $\Delta C\&T$ tem limites \rightarrow no “pós limite” uma dicotomia entre $-\Delta$ custos/q $n < -\Delta$ preços $\rightarrow >$ ou $<$ massa de L;

Atenuantes da $-L/K$:

. $-\Delta w$, $\Delta m/v$; superpopulação relativa;

. $-\Delta$ preços BK;

. Diversificação setorial de ΔI onde $c/c+v$ é menor

. Migrações do K (p/ o exterior ou outras regiões do país);

. Nas S/A: dividendos $<$ lucros; debêntures,

. Mas isso não elimina a tendência de queda de $L/K \rightarrow <$ massa de L, $-\Delta I \rightarrow$ crise

Limites do Kismo: i- queda de L/K e $>$ número de crises; ii- ΔMO não

pago $> \Delta MO$ pago; ΔMO excedente $\rightarrow > m/v$; mas isto tem limites nos confrontos c'/v' e $-\Delta$ preços

Crise final: Marx não a prevê, salvo pela tomada do poder pela classe trabalhadora;

(WCano: aproximadamente pós 1970, a dominância do K financeiro $\rightarrow \Delta L\$$, compensando a $-\Delta L$ produtivos

(WCano) Um exemplo hipotético:

. $c n/c+v n > \dots \dots c/c+v$; pode ocorrer que: $m n/v n > \dots \dots m/v$;

. **cn** → massa de valores de uso > c e, a longo prazo, > massa de c e < $\Delta mo/q$ mas isso → Δ volume depreciação K → - Δ valor de K (elevação dos custos fixos no total de custos; pode ainda → superprodução e superacumulação de K → crise; o exemplo: m/v constante; c/v crescente; → m/c+v decrescente e massa de lucros constante

Q	C	V	m	VBP	Σ custos	preço	custo un.	L unit.	Σ L	m/c+v
100	50	100	100	250	150	2,5	1,5	1,0	100	0,66
200	100	100	100	300	200	1,5	1,0	0,5	100	0,5
.....										
800	400	100	100	600	500	1,33	0,625	0,125	100	0,25

Biblio básica: Marx, III: xiii-xv, xxvii, xxv xxx, xxxi

IV- Dinheiro (D)

É o equivalente geral socialmente aceito. Duplo Valor de Uso: como \$ e K

Valor e \$: só pode ser medida de valor algo que seja produto do trabalho, que tenha Valor-Trabalho: valor do ouro → valor do \$ → valor da mercadoria

Funções:

i- medida de valor ouro-dinheiro-mercadoria

ii- meio circulante Ma-D-Mb,

iii- meio de pagamento diferido (há um certo prazo entre débito e crédito, entre dever e pagar)

iv- reserva de valor

v- dinheiro universal

- a quantidade de D como meio circulante e como meio de pagamento depende do desenvolvimento da economia, de seu sistema de crédito da velocidade de sua circulação

- diferentemente da TQM, um excesso de D sobre um estoque constante de ouro-lastro ==> depreciação do D (papel moeda) e não variação dos preços;

- nas economias mais desenvolvidas há forte Δ crédito, mas em momentos de crise aguda, o D tenta reassumir seu clássico papel, tendo em vista a restrição e constrangimento do crédito

Biblio básica: Marx I: i, iv

V-Crédito (WCano)

Evolução histórica:

i- crédito direto;

ii- crédito indireto (intermediação);

iii- dinheiro metálico e dinheiro fiduciário;

iv- bancos: “notas de banco”; depósitos-empréstimos-depósitos: multiplicador;

v- crédito comercial (títulos comerciais);

vi- crédito bancário

v- “clearing houses”

vi- títulos de propriedade e de crédito: NP, LC, Hipotecas, (mercantis e de propriedade), CDB, Fundos (quotas), Ações (ord. e pref.), Debêntures, Warrants, Derivativos

vii- cartão de crédito

Formas estruturais produtivas e necessidades de crédito:

i- pequena, média e grande empresa; tempo de rotação do K na produção e na circulação;

ii- escalas e fragmentação de cadeias produtivas, especialização, “nichos” e terceirização;

iii- natureza e precibilidade: agricultura e pecuária;

iv- estoques de insumos (temporalidade de produção e “época de consumo”), de produtos semi-elaborados e de bens finais;

v- especificidades setoriais: agricultura (lavouras temporárias e permanentes), extrativa, pesca, indústria da mineração, da construção, de serviços de utilidade pública e de transformação (há diversas especificidades de fluxos, tempo, etc); serviços;

vi- financiamento para a produção, para a comercialização e para o I; K fixo e K circulante

vii- caso especial do “franchising”

Biblio básica: Marx III, xxvii; Hilferding i e vii ; Hobson, v-x; Rosdolsky, 27;

VI- Formas do K

1- conceitos

- Na economia clássica: constitui a imobilização (fixa ou temporária) de coisas reais e financeiras, como instrumentos auxiliares da produção (ativos fixos e insumos), reservas, estoques de produtos e o *fundo de salários*; na neoclássica, é o conjunto dos bens de capital, avaliado em termos de valor; na economia marxista: é uma *relação social de dominação*. São meios financeiros e reais com os quais o empresário Kista adquire o Investimento Fixo, ingressa e financia o processo produtivo, os meios de produção (c) e submete, via compra, Força de trabalho (v), através da qual produzirá mais valia (m).

2-formas

- **K\$ (D):** dinheiro propriamente dito ou ouro

- **Kii (industrial ou produtivo)** na forma de M ou D, aplicados no processo produtivo p/ produzir m. **É o único K que pode produzir m.** Quando vende M não transfere Valor ao K comercial, pois o **D (dinheiro ou título de crédito)** que recebe incorpora o valor equivalente de M.

- **K comercial:** (D-M-D1), que atua na circulação de mercadorias e para isso utiliza \$ e títulos comerciais (crédito).

- **K mercadoria** (M) é o D metamorfoseado em M na produção e na realização;

- **K bancário:** sua base é constituída por \$ (do banqueiro e dos depósitos das empresas e do público), ouro e títulos. É representado por \$ e títulos e valores comerciais (Letras de câmbio) e *públicos* (Dívida Pública, ações, hipotecas, etc.). A maior parte destes (os *públicos*) se constituem em K fictício.

- **Kj (K a juros ou de empréstimo):** modernamente, é o K bancário que é emprestado ao Kii (ou ao K comercial), por tempo determinado (ou não, no caso de ações). Recebe **j** (ex ante ou ex post) como uma fração de **m**.

Ao ter cedido temporariamente sua propriedade ao Kii, se metamorfoseia no capital produtivo e/ou em c e em M (mercad.). Não é um K vendido ao Kii, e sim emprestado.

Assim, não cede o Valor contido em D. Opera com a premissa de que seu empréstimo será empregado como K, para obter uma renda > os juros que deverá receber ($D \rightarrow D'$; $D' = D + \Delta D$), dado que seu objetivo básico é obter um rendimento (j). Assim, sua premissa é de que $j/D < L/K$. Notadamente em momentos de crise, parte substancial dele pode permanecer inativa. Grande parte dos títulos que o compõe constitui K fictício.

- **K fictício** (multiplicação ilusória da riqueza existente, ou o “K que se valoriza a si mesmo”): “todo título de propriedade \rightarrow Y futura (j), mas nem toda Y futura é um ganho real (j, L, K.)” Mas embora não agregue valor, exige uma renda para seu uso.

a) títulos que resultam em duplicação (triplicação, etc.) do valor nominal da riqueza real por eles representada. Ex. ações e outros títulos negociadas nas BV nos mercados de 2ª mão; títulos comerciais duplicados ou triplicados em novos papéis negociados, debêntures, warrants, derivativos etc.

b) títulos da dívida pública emitidos: b1- para gastos correntes ou b2- para investimentos realizados no passado, mas que já se desgastaram ou foram sucateados ou substituídos;

c) valorização ou desvalorização de títulos não relacionadas com mudanças no valor real da riqueza neles representada. Ex. o clássico *ganho do fundador* e variações diárias do valor nominal de títulos (como ações ou outros)

(**Hilferding, conf Guillém**): K financeiro é o K bancário que se converte em K produtivo; é a “síntese do K usurário e do K bancário;” “é uma nova fração da burguesia que comanda não só as Instituições Financeiras mas também o *modus operandi* da estrutura econômica” \rightarrow imperialismo moderno;

. o K fin surge c/ o auge da S/A, c/ a monopolização da indústria e c/ o processo de Δ da concentração e centralização do K, que estimula e provoca a separação da propriedade do controle da empresa; \rightarrow > poder ao K fin p/ emitir títulos de K fictício;

Biblio básica: Marx, II: i, III: xvi, xix, xxi, xxv, xxix, xxx; Hilferding: iii-vi; Rosdolsky 27; Carcanholo. e Nakatani., Carcanholo e Sabadini, Germer, Guillén, Paulani, Sabadini.

VII-CIRCUÍTO DO K

. **No pré Kismo:** o K não comanda a produção; j são “lucros”, são ganhos; foi via acumulação primitiva que o \$ se converteu em K

. **No Kismo:** - o K comanda a produção, com objetivo de Lucro; $L > J$; o lucro permite o j;

- O \$ tem valor de uso p/ comprar Trabalho, criar Valor de Troca e **m** (mais valia).

Autonomização (substantivação) das várias formas do K

- **Objetivos do K:** i-acumular K; ii-atenuar os efeitos da Lei de Tendência da queda da L/K

- Ciclo do K: o \$ como K p/ ΔK (a valorização do K, o aumento do valor do K):

M1

D1 ----- \rightarrow + **m** \rightarrow M2 \rightarrow D2 = D1 + **m** (ou K + ΔK)

(c+v)

- K é valor que se valoriza na produção (o mistério do valor em M e em D)

Formas do K produtivo industrial (K ii):

No modelo abaixo, K foi totalmente tomado de empréstimo a um Banco, e lhe pagará um montante de juros= JK, sendo que **m** > JK

em T1: $D1 = K\$1 + jK \rightarrow$ em T1-2: Kii (K produtivo) ou, (c+v) = M1 \rightarrow

em T2: $M1 + m = M2$ ou $K \text{ produtivo} = K \text{ mercadoria}$; \rightarrow

em T3: $M2 \rightarrow D2 = D1 + m = K\$1 + m$ (Realização) = K valorizado)

- **Autonomização** das formas: circulação, reprodução e metamorfoses do K (com a > divisão do trabalho, especialização, etc.)

- **Antes** (nas economias Kistas em estágios mais simples): só há um Kista produtivo em T1, T2 e T3; que integra o processo;

- **Após** (nas economias mais desenvolvidas), surge a autonomização das várias formas do K:

i- em T1: K\$, D, jK;

ii- em T2: Kii, K produtivo (só ele pode produzir **m**);

iii- em T3: K mercadoria, K comercial e K bancário (crédito bancário)

Resumo: (economia mais desenvolvida)

. em T1 o K a juros (Banco) empresta K\$ ao Kista Industrial, que o converte em K produtivo ($M1 = c + v$);

. em T1-T2: Kii incorpora $m \Rightarrow M2 = M1 + m$;

. em T2-T3: Kii vende M2 (em \$ ou a crédito comercial ou bancário) ao K comercial;

. em T3: K comercial realiza a venda (em \$ ou a crédito comercial ou bancário).

Destino do Valor ($c + v + m$): i- proporções de c e de v , p/ repor materiais gastos e reservas de depreciação; ii- proporção de m , p/ pagar j e apropriar lucros aos proprietários e acionistas

Biblio básica: Marx: II i-iii, III i-iii, xvi-xviii; Rosdolsky 6-8;

VIII- Juros (j) e Investimento (I)

j: “preço natural” do K?

Keynes: j (f): Pref pela Liq (PpL), Of \$

Marx: **j:** i- não é o preço do K, pois este tem Valor e é este que lhe confere o preço e não o j ; ou seja, o juro é o preço do \$ convertido em K
ii- j (f) Of e D de \$ e da concorrência entre os diferentes Ks

I: Keynes: I (f) ij e Efic.Mg. do K (expectativas dos lucros futuros);

Marx: Lei Geral da Δ Kista; concorrência, Lei da Tendência da queda da L/K

Biblio básica: Marx: III, xxi-xxiv, xxvi

IX- CRISES (“a crise geral”: não será discutida nestas Notas)

. O Kismo funciona em permanente tensão; não no “equilíbrio do pleno emprego” neoclássico:

. Contradição entre K e MO; Δ C&T \rightarrow > concentração do K; há Δ da interdependência internacional; a Δ do Kismo \rightarrow > “contágio” (externo e interno) às crises;

. conflitos: > papel do Estado, compromissos de classe e intraclasse, partidos políticos, ambientalistas;

Keynes:

i- o I (e, portanto, a Y) varia pelas expectativas; pela PpL; pela ij; a crise se manifesta por insuficiência da Dem. efetiva;

ii- a PpL depende das expectativas dos Bancos, que flutua entre a liquidez e a rentabilidade do empréstimo → contração/expansão do crédito e expansão/contração da ij, → expectativas e contrações no I e no C.

Minsky:

i- expectativa entre ij e L/K, diante do comportamento (e expectativas) das modificações dos Pr. dos BK/BC e dos Pr. Of e D de BK vis-à-vis a relação Pr/L.

Kalecki: são crises do lado real (princípio da D efetiva), em que a instabilidade decorre das decisões de gastos e de realizações dos setores produtivos: “o Kista ganha o que gasta” e o “trabalho gasta o que ganha”

i- Crise financeira: excepcionalmente pode ocorrer independentemente do movimento do lado real, mas em geral ela é fruto da contaminação da crise real;

ii- Crise real: a contradição “trabalho x K, salários x L”:

a- pelas causas apontadas na Lei da Tendência geral da queda da L/K: concorrência, Δ &CT, Δ c/v e $-\Delta$ preços, $<L/K$;

b- ou pelo movimento cíclico da economia. Nas fases de:

1- **Recuperação:** Δ Of e D, Δ L/K, crédito, com baixa ij;

2- **Expansão;** Δ : Dem, Of, L/K, e Δ crédito com ij crescendo, continua Δ I em setores já recuperados e início nos outros setores;

3- **Auge:** Δ : Of e D, Δ I (e da capacidade produtiva), $>c/v$, ij e especulação; surgimento de “desproporções setoriais”, etc.→, crise de realização e de sobrecapacidade ou de superprodução, não pagamento de crédito diferido (contaminação setor financeiro);

4- **Crise real e financeira:** Δ ij com contração do crédito.

(MCT e Belluzzo) efeitos nos PSD:

i- estruturas oligopólicas: Kx/Kn ; Kn : Gr, Méd. e Pequenas empresas

ii- as Peq. como “colchão amortecedor”

Biblio básica: Marx: I, xxiii, III: xiii-xv, xxvii, xxv xxx, xxxii; Belluzzo e Tavares (2009), Tavares (1998, 1-2;

Bibliografia (utilizada para este item)

Belluzzo, L.G.M. **Valor e Capitalismo. Um Ensaio Sobre a Economia Política.**

Instituto de Economia, Unicamp, Campinas, 1998. (caps 1 e 3)

Belluzzo, L.G.M. **Finança global e ciclos de expansão.** In Fiori, J.L.(Org) Estados e moedas no desenvolvimento das nações. Vozes, Petrópolis, 1999. (caps. 1 e 3)

_____. *Cap. V – Sistema de crédito, Capital Fictício e Crise* (livro inédito; texto extraído no site http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17901 em 14/6/2011

Belluzzo, L.G.M. e Tavares, M.C. **Capital Financeiro e Empresa multinacional – o surgimento do capital financeiro**. Revista Temas de Ciências Humanas, v.9, 1980. Republicado em: Belluzzo, L.G.M. Antecedentes da Tormenta, UNESP-Facamp 2009.

Carcanholo, R.A.A, e Sabadini, M.S. **Capital fictício e lucros fictícios**. Revista da SEP, no. 24. São Paulo, 2009.

Carcanholo, R.A. e Nakatani. P. **O capital especulativo parasitário: uma precisão teórica sobre o capital financeiro, característico da globalização**. Ensaio. FEE, v. 20 no. 1, Porto Alegre, 1999.

Chociay, H. e Neves, L.S. **O conceito de juros em Marx e Keynes e sua influência sobre os modelos de crises financeiras**. Revista (virtual) Contribuciones a la Economía. In www.eumed.net/ce/ em 16/6/2011.

Germer, C. M. **O sistema de crédito e o capital fictício em Marx**. Ensaio FEE, Porto Alegre, 1994

Guillém, A.. **Capital Monopolista, Financiarización y Ganancia Financiera**., in "Capital Monopolista, Financiarización y Ganancia Financiera", E. Correa, A. Girón, A. Guillén y A. Ivanova coord. "Estrategias de desarrollo sustentable frente a las tres crisis". México, Miguel Angel Porrúa editores, 2013.

Hilferding, R. **El Capital Financiero**. Tecnos, Madrid, 1973 (caps iii-vi, xvi-xx)

Kalecki, M. *Estudios sobre la teoria de los ciclos económicos*. Ariel, Barcelona, 1973, 2ª Ed.

Keynes, J.M. **Teoria Geral do Emprego, do Juro e do Dinheiro**. Abril, São Paulo, 1983. (caps 3, 5, 11, 13-17, 22)

Miglioli, J.(Org) **Kalecki**. Ática, São Paulo, 1980. (caps 3-9)

Marx, K, **O Capital**. SP, Fondo de Cultura Económica, Mexico, 1973, 7a. reimpressão, 3 v.

Paulani, L.M. **A autonomização das formas verdadeiramente sociais na Teoria de Marx: comentários sobre o dinheiro no capitalismo contemporâneo**. Rev. Economia, v 12 n. 1, jan-abr 2011, Brasília.

Rosdolsky, R. **Gênese e Estrutura de O Capital de Karl Marx**. Contraponto, Rio de Janeiro, 2001(caps 6, 8, 11, 23 e 27)

Sabadini, M.S. **Valor, formas funcionais do capital e capital fictício em Marx**. SEP, XIV Encontro Anual, SP, 2009.

Tavares, M. C. **Acumulação de Capital e Industrialização no Brasil**. Unicamp/Instituto de Economia, Campinas, 1998

7.3 - Algumas questões sobre Desenvolvimento em Myrdal, Hirschman e Kalecki

7.3.1- Myrdal, G – “Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas.”

(31)- Cap. 2 Causação circular e acumulativa

- “círculo vicioso” (“...um país é pobre porque é pobre...”)
- Equilíbrio estável: falsa analogia à estabilização do sistema; o processo é acumulativo e não há “auto-estabilização” automática. Mas o processo pode ser sustado por ações para isso objetivadas.

(35) – EUA – negros (analogia)

(38) Causação circular: preconceito (do branco) → pobreza (do negro) → preconceito →...

- Essa “acomodação” estática não → em equilíbrio estável; cada elemento (preconceito ou a pobreza) é multicausal → a necessidade de estudar as principais causas para romper o círculo vicioso.

(43) - mas a ruptura positiva → efeitos cumulativos > “gasto” com a ruptura

(47) - Cap. 3: Tendência para as desigualdades econômicas regionais em um país..

- Causação negativa: $-\Delta Q \rightarrow -\Delta m_o \rightarrow -\Delta y \rightarrow -\Delta D \rightarrow -\Delta Q' \rightarrow \dots$

(48) Ex.: Δ impostos: se $-\Delta y \rightarrow -\Delta R_g$; e se $-\Delta R_g \rightarrow \Delta$ tributação, $\rightarrow -\Delta y$ família $\rightarrow -\Delta D \rightarrow -\Delta R'g...$

(51) – Mercado Kista opera as desigualdades; o jogo das forças de mercado $\rightarrow \Delta$ desigualdades.

- um local “x” pode dar origem a um processo concentrador (ex. o: café em SP); isso pode gerar um processo cumulativo local, às expensas de outras regiões (crítica de W.,Cano: nem sempre o efeito líquido sobre outras regiões será negativo (ex.o café em SP).

(52 – 57) – são efeitos dessa concentração (do I) local; sobre outros locais são: **regressivos (Back wash)**: o progresso de “A” atrai, de “B”, migrações, mo qualificada, I, crédito via sistema bancário, M bens e serviços de A p/ B (dado que S_{ii} de B é atrasado), além de exercer forte influência, em B, sobre fatores não econômicos, como saúde,educação, cultura, valores,costumes de B...

(58)**Ou efeitos propulsores (spread effects)**: ΔD MP, transmissão de C&T;

Δ mercado para regiões, etc.

...Cap 4 ação ativa do Estado

Cap 5 Desigualdades internacionais

Cap 6 Políticas do Estado nos PSD

7.3.2 Hirschman, A.

- 1) Do livro “Estratégia do desenvolvimento econômico” (esse livro foi muito utilizado nos 60’s e 70’s, para estudo e formulação de políticas e projetos de desenvolvimento, notadamente na área regional)

Cap. 3 e 4 – Crítica a teoria do desenvolvimento equilibrado, notadamente a proposta do “Big Push” de R. Rodan. Mostra a impossibilidade do equilíbrio e sua inutilidade para pensar o desenvolvimento nos PSD, e as vantagens/desvantagens do (necessário ou inevitável) desequilíbrio que ocorre com: $x, m, Pr, SBP, Rg-Dg, RLx...$

Cap. 10 Efeitos inter-regionais e internacionais do desenvolvimento econômico

- **EF fluentes:** positivos, emanados da região A (local do I) para a B, C,...
- **EF de polarização** atração e concentração na região A (local do I)
- Ef de encadeamento** (backward and forward, para trás e para frente), ou efeitos de interdependência estrutural que decorrem da demanda de insumos que uma empresa faz para seu processo produtivo, e da oferta de seus produtos (ou semiprodutos), que possibilitam a expansão da produção de outras empresas, que os utilizam. Tais efeitos podem transcender o espaço da região A, originados na própria região A ou que beneficiam a região B, C..

2) – artigo: *Grandeza e Decadência da Economia do Desenvolvimento*, contido no livro *A economia como ciência moral e política* (Brasiliense; 1976)

- A “conjunção ideológica” heterogênea na formulação dos principais textos precursores sobre a T.D.E.
- Grande parte desses textos provocou muitas esperanças e frustrações sobre as possibilidades do desenvolvimento econômico
- (WCano): AH faz várias simplificações juntando numa só crítica, correntes ideológicas muito distintas, como por ex, a ortodoxia com a “neo marxista” (que suponho ser a corrente “dependentista”).

7.3.3 - Kalecki, M. (do cap.III *Economias Subdesenvolvidas*, do livro *Kalecki, de Jorge Miglioli (Org.)*)

PD: principal problema: o nível da D efetiva (“inadequação inerente ao pleno emprego no Kismo: ‘credo’ x 1929”

$Y = C_m + C_k + L$: para pleno emprego: $I = L$

Se: $I < L \rightarrow \Delta$ estoques, $\rightarrow -\Delta I \rightarrow -\Delta y \rightarrow -\Delta m \rightarrow -\Delta C, \rightarrow \dots -\Delta L$

Nas economias socialistas é diferente:

“L” = excedente = Δw e/ou $-\Delta PR$, e/ou ΔI

No Kismo, a equação dos lucros é: $L = C_K + (x-m) + (R_G - D_G)$

Ou, em Keynes: $Y = C + I + (x-m) + G$, ou

$C_{priv.} + C_{gov.} + S_{priv.} + S_{gov.} = I$; e, em termos ex-post: $S_{priv.} + S_{gov.} = I$

Se ΔI for financiado por impostos (ΔG), c/ orçamento equilibrado, $\rightarrow -\Delta L$

Mas se ΔI for financiado por ΔG (mas c/ com déficit: $D_g > R_g$) $\rightarrow \Delta L \rightarrow \Delta I$

$\Delta G \rightarrow (\Delta C + \Delta I) = \Delta y, \rightarrow \Delta L$

- No socialismo: $\Delta G \rightarrow \Delta C$ ou ΔI
- No Kismo, $\Delta G \rightarrow$ armamentos
- Nos PSD: não há pleno emprego; a insuficiência da D ef. é menos provável
- A questão é: ΔI p/ Δy p/ Δ nível de vida, e não p/ as FFAA
- Dificuldade para ΔI :
- 1- debilidade e incerteza do I priv.;

- 2 - Deficiência na produção $Q_{bkn} + Q_{cn}$ pode $\rightarrow \Delta M$;
- 3: $\Delta I \rightarrow \Delta y \rightarrow \Delta m_o$ e ΔC , mas se $\Delta Ofbc$ (especialmente alimentos) for insuficiente, $\rightarrow \Delta Pr$, podendo $\rightarrow -\Delta$ w real;
- É uma situação complexa: pressões feitas por ΔL e/ou Δw podem se defrontar com $x \Delta$ impostos e inflação, $\rightarrow -\Delta L$ e/ou $-\Delta$ w real;
- Alternativa: planejamento de L.P. para gradual ΔI e $\Delta Ofbc$, mas para isso será preciso tributar C suntuário, ou seja: é preciso $i\Delta I > i\Delta C$ p/ que $\Delta L \rightarrow \Delta I$, mas isto tem sérios obstáculos políticos

Essa sistemática é para tentar um desenvolvimento mais equilibrado num PSD, mas \rightarrow obstáculos:

- 1- Intervenção Governamental para volume e estrutura de ΔI , $\rightarrow \Delta I_g$ p/ suprir as "lacunas" do I_p ;
 - 2- ΔOf alimentos \rightarrow : ΔI agr. e ΔI ind. (máquinas e fertilizantes). Mas há atraso social, técnico e político na agr. além de problemas de financiamento agr. Seria necessário uma reforma Agrária, c/ financ. Público e assist. técnica
 - 3- Tributação adequada aos mais ricos, combate à evasão e sonegação fiscal, \rightarrow problemas com o poder político .
- "1+2+3 são mais graves do que uma Revol..Francesa"...

C. 11- "Fin. III Plano Índia" (propostas de Kalecki)

Hip: não inflação, Δ tributação C classes mais ricas (sobre BC não essenciais)

E garantir que: " $i\Delta Y / i\Delta Ofbc$ (de massa) seja constante ou adequada no tempo"

Para que ΔS agr seja compatível com Δy e Δm_o ;

- Reforma agrária; arrendamento; Δ tributos sobre a terra
- ΔS público para romper relação kC / camponês; compras pelo gov. de excedente agríc. do camponês
- Controle PR agr. e estímulos para ΔQ agr.
- Disciplinar melhor o arrendamento da terra

"Captar S priv. p/ financiar o I essencial"? Não. É preciso $-\Delta I$ priv. não essencial e canalizar esses recursos \$ p/ o Gov, via Δ dívida ou empréstimos.

Quanto à "Ajuda" externa: evitar a falsa ajuda (WCano: e a especulação); exame crítico das "condições" apresentadas pelo K_x ; adequação aos objetivos nacionais; exame da capacidade de absorção e de pagto. da dívida e serviço (A+J); avaliação crítica das RLx e dos reinvestimentos.

7.4 A Cepal e a problemática do subdesenvolvimento (período 1948-1970)

I – a Teoria Cepalina

Base: Prefácio (de Prebisch) e caps. 1 e 9 do livro La Teoria Económica de la Cepal, de O. Rodriguez. Inclui ainda referências ou conteúdos de Furtado, Pinto e Sulkel e Paz.

Cap. 1 Centro (C) e Periferia (P)

1. A noção de desenvolvimento econômico
 “ Δ bem estar social”; $\Delta y/h$
 “ ΔP_t é (f) de ΔK que $\rightarrow \Delta K/MO$;
 $\Delta K \rightarrow$ Câmbios estruturais; mas ocorrem diferenças no tempo e espaço, entre os países

2. Diferentes estruturas entre o Centro (C) e a periferia (P): conotação estática
 Em C: o desenvolvimento ocorreu no Kismo originário (ou no dos primeiros retardatários (*late comers*))
 Em P a produção é atrasada: ΔK se dá em S_x , com menor propagação de C&T;
 As estruturas da Pop., MO, K, PT, X, M, distrib.de Y...:
 P tem estrutura produtiva especializada e heterogênea (X_i : MP e alim.)
 C tem estrutura diversificada e homogênea (X_{II})

3. Termos de intercâmbio: P_x/P_m (conotação “dinâmica”)
 - As diferenças entre C e P se alargam a L.P. ampliando o desenvolvimento econômico no C e embora haja crescimento em P, não se eliminam as estruturas subdesenvolvidas, no máximo modificando-as
 - ΔP_t em C $>$ em P; ΔY_{real} em C $>$ em P, processo reforçado pelos efeitos de intercâmbio, ($-\Delta Pr X/Pr M$ e RL_x); \rightarrow Transferência implícita de Y de P p/ C

4. Causas do $-\Delta P_x/\Delta P_m$
 - a) O ΔD_{ii} p/ C (seus mercados internos e externos) $>$ o ΔD_x primários, dado que ϵ_y $>$ ϵ_x de primários;
 - b) Em P: $\Delta Pop. Total > \Delta MO S_x$; mantendo (ou diminuindo pouco o subemprego de S_{sub} , o que pressiona p/ baixo o w de S_x ;
 - c) o baixo w (ou sua queda, nas crises) em P permite ou possibilita $-\Delta Pr_x$, afetando menos a L/K em S_x

- Tendência a L.P. (Ciclo):
 No Auge: $\Delta P_{RX} > \Delta P_{II}$, mas na queda: $-\Delta P_{RIX} > -\Delta P_{R} II$
 Há $>$ resistência em C p/ :
 - a) $-\Delta w$ (f): sindicatos mais organizados, legislação social, partidos progressistas,....
 - b) $-\Delta Pr_{ii}$, em (f) estrutura concorrência industrial e poder dos monopólios
 - c) Em C, o $\Delta D_x < \Delta D_{II}$.

5. Desenvolvimento desigual (dinâmica)
 C, P: apresentam diferentes Δy e principalmente Δy_{real} (dada a $-RL_x$) + diferentes estruturas \rightarrow processos de desenvolvimento diferentes;
 É a característica $>$ da fase “para fora”, mas pode subsistir na industrialização (muda estrutura de M mas mantém a de X) \rightarrow reforçando a permanente tensão no STC e no SBP.

6. Hacia adentro
 A passagem “hacia fuera \rightarrow hacia adentro” $\rightarrow \Delta y_{II}$ segundo OR teria sido “espontânea”, devido a “fatos conjunturais, Guerras, Crise 29, e mais as transformações estruturais da economia mundial”... (aqui OR erra e Prebisch, no prefácio lhe chama a atenção sobre esse erro, reafirmando que a ΔY_{ii} foi **deliberada**. Ver crítica de Prebisch no prólogo do livro, p. viii).

À medida que os EUA passam a liderar a economia mundial e nossas exportações, estas crescem menos do que cresciam c/ a Inglaterra, pois os coeficientes M/Y desta eram altos e os dos EUA muito baixos, o que acentuaria a diferença entre $n/\Delta X$ e ΔM .

A forte Δy no C \rightarrow automaticamente em ΔX primários p/ P pode levar P a um $>$ desenvolvimento? Não necessariamente, pois Δm_0 e $\Delta C\&T$ na P podem $\rightarrow -\Delta w$ (face ao problema do subemprego) e $-\Delta PrX$ (face à $< \epsilon y$ de primários)

Assim, a ΔY ind. é necessária para “equilibrar” Δm_0 ; (f) $\Delta pop. > \Delta m_0$ S_{sub} e S_x

7. Contradições da $\Delta Y_{ind.}$ em P:

- Tendência ao desequilíbrio externo agravada por $-\Delta$ termos de troca
- Tendência ao subemprego rural e urbano e baixo nível de emprego urbano, resultado distinto do que ocorre em C, c/ $\Delta C\&T$
- Escalas técnicas e K/m_0 , face ao tamanho do mercado.
- Infra para S_x e não para S_{II}
- Estrutura fundiária: latifúndio p/ X primários e minifúndio S_{sub} , podendo $\rightarrow < Of.$ Alimentos

8. Políticas de desenvolvimento e Planificação

- Planejamento x “livre jogo de mercado” para \rightarrow lidar com problemas acima e ter Δ industrialização deliberada

Cap. IX Síntese Crítica

1. A unidade do pensamento da CEPAL

- Pode não haver absoluto rigor, mas há grande coerência em entre os distintos aportes.
- A multiplicidade de documentos $\rightarrow >$ dificuldade para um entendimento integrado.
- São formulações em termos de análise – teoria – política econômica. [pragmatismo]

2. A concepção inicial

- Centro – periferia: diferentes estruturas// no processo dinâmico alteram, eliminam e geram novas diferenças. O processo compreende:

estrutura: relações e proporções mutáveis no tempo e no espaço

sistema: Complexo coerente de estruturas

dinâmica: mudança de estruturas e do sistema

3. Heterogeneidade estrutural e subemprego

- Emprego: diferenças setoriais e regionais de MO , Pt , w e K/MO
- S primário $>$.atraso $\rightarrow >$ heterogeneidade; agriculturas modernas e atrasadas mas competitivas entre si;;
- Paradoxo: $\Delta C\&T$ no setor atrasado, melhora as condições desse setor mas \rightarrow necessidade $>$ geração emprego setor moderno, o que requer $> \Delta I$.mas,
- \rightarrow em que ΔY e ΔQ fossem semelhantes a ΔPEA mas isso é praticamente impossível pois exigiria uma bateria ampla de alternativas técnicas, que não existem ou não são facilmente disponíveis

- Assim, a tendências ao $-\Delta m \rightarrow >$ heterogeneidade // fruto de tecnologia inadequada, da estrutura da propriedade e da debilidade da ΔK

4. Especialização e desequilíbrio externo

- P. X prod. primários se defronta com baixa DM primários em C, dada $< \epsilon_y$ de primários;
- o ΔX e $\Delta Y \rightarrow > \Delta M$ bens consumo em P \rightarrow desequilíbrio externo \rightarrow na necessidade de ΔY industrial; mas isto $\rightarrow > \Delta m$ (bk e insumos industriais)... \rightarrow ...
- Há graves desproporções no Δy setoriais diferentes e nas suas demandas derivadas \rightarrow diferentes DM_s
- -STC não pode ser resolvido por ΔK_x , pois $\rightarrow \Delta RL_x$, \rightarrow agravamento desequilíbrio externo

5. Especialização, heterogeneidade e deterioro dos termos de intercâmbio (*)

- Há dois setores modernos: S_{I_x} e S_{II} ; $Pt_x < Pt_{II} \rightarrow Y(\text{média})_x < Y(\text{média})_{II} \rightarrow W_x < W_{II}$

Nos PD: ϵ_y de primários $< \epsilon_y$ de bens inds.; nos PSD: X é primária e não diversificada $:\rightarrow$:

i: $i\Delta Q_X$ (PSD) $> i\Delta D_X$ (PD) $\rightarrow -\Delta Pr_X \rightarrow -\Delta Y_X$;

ii: $Y_x = W_x + L_{IX} \rightarrow -\Delta Y_x = -\Delta W_x$, ou seja: W_x é “colchão” para $-\Delta Pr_x$

iii: $-\Delta Pr_x \rightarrow -SBP \rightarrow \Delta T_x$ câmbio $\rightarrow \Delta P$ internos (via câmbio) $\rightarrow -\Delta W_I$ reais

II-i. Parte de $\Delta I_{II} \rightarrow \Delta$ capacid. ociosa $\rightarrow >$ custos produção \rightarrow possível $-\Delta Pt$ (fator A)

ii. S_{II} , com $> T_x$ câmbio $\rightarrow \Delta Pr_{m_{II}} \rightarrow \Delta$ custos $_{II}$ (fator B)

iii. $(A+B) \rightarrow \Delta$ geral de custos, Pr , inflação $\rightarrow -\Delta W$ real, preservando em parte L/K , dado o $>$ grau de monopólio das novas atividades de ΔI_{II} .

III. Efeitos de $-\Delta Pr_x$ atingem em $>$ grau S_x , Y_x e W_x , tornando-os ainda mais inferiores aos de S_{II} ; que se distancia ainda mais de $S_{sub.}$ e de S_x , agravando a heterogeneidade estrutural.

* (**W. Cano**) Neste tópico, O.R. apresenta de início, por questões de forma, uma estrutura econômica de “PD” sem as diferenças observadas num PSD. Eliminei isso, por julgar desnecessário (e confuso aos alunos), tratando as estruturas como as de um PSD.. Também retirei o uso do gráfico (p. 260), por razões didáticas.

6. Natureza estruturalista do Pensamento da Cepal

- A concepção originária e as definições e hipóteses básicas são feitas com base nas estruturas produtivas de **P** e em suas transformações; nas suas proporcionalidades ou desproporcionalidades
- Com ΔY_{II} , muda a estrutura, mas a heterogeneidade se reproduz em novos níveis e as $\neq s$ entre **C** e **P** se ampliam.
- Dados estruturais: mo, x, m, w, PT :
 - i-na Y_{II} (substitutiva de importações): início: BCND geram novas M de insumos e $bk \rightarrow \Delta m > \Delta x \rightarrow$ novo desequilíbrio externo, desvalorizações, T_x câmbio $> \Delta x$...
 - ii- no Início dessa Y_{II} : o mercado não proporciona maiores possibilidades de usufruir de economias de escalas, $\rightarrow >$ custos...

7. Alcance e limites

- Caráter estruturalista → na originalidade da idéia do subdesenvolvimento
- SD é fruto de um processo, e não um estado, situação ou fase do Desenvolvimento
- Análise cepalina é mais abstrata do que o pensamento convencional; separa as transformações da estrutura produtiva dos fatos culturais e sociais, não integrando-os na análise. É inadequada para analisar a evolução de L.P., que envolve muito mais coisas que a transformação das estruturas produtivas. Seria necessário: i) incorporar a análise no processo de geração-apropriação-utilização do excedente e ii) incluir as relações sociais de produção. **(OR)**.

8. Ideologia

Contudo, OR reconhece neste item, que a proposta cepalina de industrialização contempla algumas das questões controversas apresentadas pela crítica:

- i- a modificação da propriedade e posse latifundiária, colocando a reforma agrária e modernização do agro como uma necessidade econômica e social;
- ii- um desenvolvimento com forte conotação nacional e controle do Kx;
- iii- iii- uma política econômica que necessariamente prioriza a indústria e, portanto, beneficiaria mais esse grupo da burguesia nacional em relação aos outros, induzindo a idéia de uma “neutralidade” da política econômica;
- iv- . Assim, a proposta envolveria a aceitação de certos “privilégios” a esses setores, intervenção do estado na condução da política de desenvolvimento, através do Planejamento
- v- uma política de emprego e distribuição de renda, o que poderia indicar atitudes de conotação um tanto “populistas” (WC: acho complicado identificar isto c/ “populismo”)

Crises nos 60's

As crises econômicas, políticas e sociais que atingem a maioria dos países da Am. Latina nesse período trazem um desapontamento ou frustração em relação ao que se imaginava que a industrialização fosse capaz de resolver: marginalidade social, piora da distribuição de renda, estagnação da economia, crise do setor externo, aumento da dependência externa, que imprimiam fortes tensões políticas e sociais, que culminaram, em muitos de nossos países, em golpes e ditaduras militares.

A Cepal fez uma revisão crítica, enfatizando a necessidade urgente de reformas estruturais: agrária, tributária, financeira, maior intervenção e planejamento, reformulação das políticas de emprego e distribuição de renda.

Neste tópico OR resume suas observações críticas sobre questões políticas e sociais inseridas em vários documentos cepalinos, e que dizem respeito à intervenção do estado; nacionalismo; defesa dos interesses da burguesia nacional; presença e proporção do Kx no I; efeitos negativos do Kx; reforma agrária. Temas que na década de 1960 tiveram amplitude maior nas análises cepalinas. Trata ainda da revisão que a Cepal faria ao final dessa década sobre o processo de industrialização, seus efeitos, desequilíbrios e estagnação, propugnando por um conjunto de Reformas Econômicas e Sociais.

(WCano): no mesmo prólogo, às p.viii-xii, Prebisch, de novo chama a atenção de OR, que, com essas e outras passagens do livro, daria a entender que a velha Cepal (e notadamente Prebisch), tiveram *certas influências neoclássicas* e “populistas”, o que Prebisch rechaça. OR (ver item 8 do livro, ps.276-ss) reexamina as críticas à Cepal, através de textos posteriores à década de 1950, constatando uma “forma de ver as relações sociais de produção” com as críticas cepalinas à estrutura da propriedade fundiária, a reforma agrária, o planejamento e intervenção estatal, o capital estrangeiro, e outras, que, obviamente, não tem guarida nas hostes neoclássicas .

II – Algumas críticas heterodoxas (síntese feita a partir de leituras e reflexões de W. Cano sobre vários autores citados)

Além das críticas ortodoxas (FMI, BIRD, e economistas de várias instituições latino-americanas, principalmente do Brasil), carregadas ideologicamente de liberalismo, antinacionalismo, e até mesmo de antindustrialismo, das quais não vou tratar, pensadores heterodoxos também fizeram duras críticas à Cepal.

Estas são críticas abrangentes, abordando não só aspectos teóricos (o suposto “neoclassicismo” da Cepal e o seu “viés” keynesiano), mas principalmente pelo seu menor conteúdo político e social (explícito) de seus textos e propostas, além da ausência de conteúdo marxista. Neste tópico resumo as principais críticas, sintetizadas em termos da “Teoria da Dependência”, da “Crítica à Razão Dualista” e da “Escola de Campinas”:

1-É preciso lembrar que a noção de **Dependência** já está presente nos primeiros textos cepalinos, principalmente no que se refere à presença do Kx, especificamente a itens como: financiamento externo, C&T, alocação setorial de IDE, RLx e comércio exterior. O esforço inicial cepalino resultou, com Furtado, numa construção teórica mais ampla, a da *Teoria do Subdesenvolvimento*. Com os trabalhos de C.Furtado, essa noção foi ainda mais aprofundada, com a discussão que fez sobre Desenvolvimento e Cultura Nacional. A visão cepalina, pelo menos tenta enfrentar alguns dos interesses do Kx e sua aliança interna, propugnando por uma política econômica com ativo papel do Estado e maior conteúdo nacionalista.

A maioria dos autores que criticam a Cepal (a “velha”, não a “nova”) parecem não se dar conta da temporalidade em que foram produzidos seus principais textos e propostas, no pós guerra, (em que o keynesianismo ainda estava no auge), em plena vigência da Guerra Fria e do *Macartismo*. Parecem não se dar conta, ainda, que, como um organismo da ONU, a Cepal tinha que se pautar de forma muito comedida, uma vez que era apenas tolerada pelos EUA. Por outro lado, o aparente *marginalismo* empregado pela Cepal não resiste a um exame metodológico frente aos cânones da teoria neoclássica, entre estes, sua a-historicidade, sua a-espacialidade, o livre mercado, o “equilíbrio geral” e a não intervenção do estado.

Katz (ver bibliografia item 7.4) faz uma boa síntese, centrada nos três principais autores marxistas dessa corrente (Marini, Bambirra e Teotônio dos Santos,) que denunciam entre fins dos 60’s e dos 70’s, o capitalismo dependente (política e economicamente) da América Latina, a superexploração do trabalho, e o subimperialismo. No mesmo texto, Katz contrapõe o livro “**Dependência e Desenvolvimento**” (de 1967) –, que critica a Cepal e a corrente da T. da Dependência -, e no qual F.H.Cardoso e E.Faletto propõem

um caminho (alternativo ao socialismo, segundo eles), que chamam de “desenvolvimento associado” ao capital internacional. Katz vê nesse texto, um prenúncio ao neoliberalismo.

De minha leitura do livro de Cardoso e Faletto, entendo que a *tese central do livro é de que somos um Kismo dependente* e que a Cepal parece ter ignorado as consequências mais profundas desse fato e da “não consideração dos interesses de classe” em nosso processo de desenvolvimento. Ou dito de outra forma, teria faltado a integração política, econômica e social na análise cepalina. Para os autores, não haveria outro caminho além do socialismo, ao que trilhamos: tivemos (e temos) um Kismo “associado” (Kx e parte da burguesia nacional). Portanto, somos suscetíveis a essa aliança, e à composição interna dos vários segmentos da burguesia nacional, Kx e Estado.

Quanto à questão da “limitação do mercado interno”, Cardoso e Faletto acreditam que a partir daquele momento (1967), seria o mercado supranacional o objetivo a conquistar, parecendo se referir à era neoliberal, que se aproximava naquele momento.. O livro é uma visão que apresenta uma postura negativa em termos de defesa de interesses nacionais que possam contrariar os interesses daquela aliança. É, como chamou Katz, uma (precursora) *involución neoliberal*.

2-“Crítica à Razão Dualista” (Base: Oliveira, F. *O Ornitórrinco*) É crítica de caráter Marxista. O texto do Ornitórrinco (2003) faz um “mea culpa” de parte do conteúdo do primeiro (1972), reconhecendo certo exagero às críticas à Cepal ali formuladas. Critica-a por esta não ver ou não tratar certas “heranças” históricas de nosso subdesenvolvimento (como o terciário inchado, o atraso agrícola, marginalidade urbana e outras) como funcionais ao nosso Kismo selvagem, que, mesmo após a industrialização atingida, não cessou de praticar formas de acumulação primitiva em cima daquelas heranças. Entre as outras críticas, Oliveira acompanha as de Cardoso e Faletto, no que tange à não consideração analítica, pela Cepal, do papel das classes sociais, da mediação dos conflitos de interesses entre as classes, e da aliança entre o Kx e segmentos da burguesia.

Essas críticas precisaram ser relativizadas, dado que a Cepal, -embora não em termos marxistas-, desde seu início (1948), analisou e teorizou grande parte dessas questões em seus textos sobre emprego e subemprego, agricultura e reforma agrária e, notadamente, nos de heterogeneidade estrutural.

Parte das críticas que apresentou já foram atenuadas pelo próprio autor. Contudo permanecem algumas, sendo talvez a principal delas, a do caráter teórico e ideológico dos textos e análises da Cepal, que a juízo do autor estariam impregnados do *marginalismo* e do keynesianismo, que já comentei mis acima.

3- A crítica da Escola de Campinas. Base JMCM, O Capitalismo Tardio e MCT, Acumulação de Capital...

A crítica, resumidamente, abarca as seguintes questões:

- a periodização do processo na A. Latina: economia mercantil-escravista e/ou pré Kista durante a colônia e primeiras décadas do início da nação.
- a periodização da industrialização:
- i- de fins do sec. XIX a 1930: industrialização induzida pelas exportações (como advertiu C.Furtado)

ii- industrialização pós 1930 chamada pela Cepal, de industrialização por substituição de importações, que na revisão crítica se subdivide em dois períodos: a do período 1930-55, de "restringida" e a posterior, quando são implantados os principais setores da indústria pesada (bk e insumos), de industrialização propriamente dita. Ela é restringida, por não ter ainda implantadas as necessárias bases técnicas e financeiras, além do mercado para seus produtos e da geração de divisas p/ BKm e BIm. Há que ressaltar ainda que nossa industrialização é ainda mais retardatária no mundo subdesenvolvido, ocorrendo após o capitalismo mundial passar de sua fase inicial ("capitalismo concorrencial") para sua fase avançada ("capitalismo oligopolista").

- a ΔK se daria via impulso externo (Cepal) x endogenia (críticos). A crítica é correta, quanto ao fato de que as decisões nacionais de ΔI na indústria são internas, decorrendo das condições da dinâmica do setor exportador (notadamente o cafeeiro), sua lucratividade e possibilidades de reinvestimento no próprio setor exportador ou na indústria (e em outros segmentos produtivos ou de infraestrutura. Ver WC *Raízes*).

Contudo há que ressaltar que a endogenia não pode ser "pura" e os próprios críticos chamam a atenção para o fato de que, se não houver suficiente capacidade para importar bk e insumos (além de outras condições requeridas, como por ex. o financiamento), a inversão não se realiza. Dessa forma, fica clara a forte dependência que a indústria nascente tem para com o setor exportador, não só em termos de suas divisas, mas também nos mercados (de trabalho e de consumo de bens). criados pelas exportações.

Na ΔK no setor exportador, havendo lucratividade (preços altos ou normais, ou ainda garantidos via ação do Estado (como em 1918-19; 1920-21, 1923-25 e após, até 1929) as decisões de investir são endógenas, mas, se houver um "impulso negativo" externo (queda de preços e/ou demanda), o I se contrai, podendo ou não vazar para o setor industrial. Os vazamentos, como mostrei em *Raízes* (cap. 1) tanto podem ocorrer no auge como na crise dos ciclos do setor exportador cafeeiro.

7.5 Contribuições de Celso Furtado

Base: *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico; Estagnação...; O Mito do Desenvolvimento*

(do livro TPDE: caps. 3-9, 13-22)

Cap. 3

Teoria Neoclássica

Uso do excedente na soc. Kista: Distrib. de Y; ΔC ; ΔM ; ΔX ; ΔI , armas, ornamento privado e social; giro comercial;

Excedente: clássicos: Y - C = Exc. ; Marx: Teoria da exploração;

Neoclássicos: (a fuga à T. do Valor Trabalho): as rendas são determinadas pelos custos e produtividade dos fatores, \rightarrow não há "excedente" apropriado durante a produção; o lucro tende a desaparecer em concorrência perfeita e equilíbrio.

é a abstinência, espera ou o sacrifício que → poupança

Cap. 4 – Wicksell e Schumpeter

Wicksell é o precursor de Schumpeter que rompe com a Lei de Say; apontando as “desproporções” da Of (entre C e S) e da D (C e I). Empresário, C&T, e crédito. A ”destruição criadora”

Cap. 5. – Keynes e a questão da procura efetiva

Y (f) I; pleno emprego?

A instabilidade da procura efetiva $Y = [C (f) Y] + [I (f) j, \Delta L/\Delta K; expectativas]$

Risco e incerteza; S= I: ex post

Suas idéias sobre as Políticas anticíclicas abriram portas para reformas sociais; e sua análise do Investimento, da intervenção do Estado e dos problemas estruturais que o afetavam forneceu importantes pistas para a TDE. Seus seguidores aprofundaram o exame de outras questões (estruturais) que atuam no sistema, e da dinâmica do Investimento, dando início à produção e discussão de modelos dinâmicos de crescimento.

Cap. 6 e 7 – Modelos Econômicos:

Apresentação e críticas aos de:

Harrod – Domar, Solow, Kaldor

(WCano) O ensino sobre modelos econômicos é complexo e requer, além de um conhecimento fundamental da Teoria Econômica, uma base maior de conhecimento de matemática. Por outro lado, ele comumente está contido dentro de disciplinas do tipo de Teoria do Crescimento. Portanto, seria impossível tratar esse tema dentro de uma disciplina semestral como a de Teoria do Desenvolvimento, com o forte conteúdo que tem de História e de Política Econômica, como as de HO-335 e HO-016. Assim, neste curso apresentamos basicamente o primeiro modelo {Harrod-Domar e o que lhe deu seqüência (Solow,1956), este, neoclássico, do qual derivaria grande quantidade de modelos, basicamente da mesma corrente. Incluímos também uma breve informação sobre as mudanças apresentadas pelo modelo de Kaldor.

São modelos de caráter macroeconômico, pouco ou nada se prestando à análise e formulação de programas setoriais ou regionais, salvo aqueles construídos ou adaptados para esses fins específicos, como por ex. os modelos de insumo-produto (ver Cap.7) que, além da dimensão macro e nacional, podem ser também setorializados e regionalizados, desde que haja uma base satisfatória de dados para isso.

A partir da década de 1970 houve grande desenvolvimento da aplicação da Matemática à Economia (Econometria), com um grande desenvolvimento de modelos - basicamente de corte neoclássico – que contaminou o trabalho e a reflexão da maioria dos economistas, e esse movimento faz parte das mudanças político e ideológicas que se instauram a partir daí, com o crescimento do neoliberalismo e da dominância do K financeiro, este o maior usuário de modelos que só previram o “sucesso”, mas que foram (e são) incapazes de prever os trágicos desastres do Kismo ocorridos a partir daí.

- São sempre altas simplificações da realidade.. Em geral, ignoram as causas estruturais da dinâmica do sistema Kista e do subdesenvolvimento. Praticamente

todos eles ignoram questões políticas e sociais envolvidas na dinâmica de seus objetos de estudo.

- **modelo de Harrod-Domar**, de caráter keynesiano; resulta da junção dos modelos de Harrod (1939) com o de Domar (1946); este modelo simples foi muito utilizado nas décadas de 50 e 60 em formulações de Planos de Governo, além de vasto uso em muitos documentos oficiais de Instituições Públicas e na Universidade.
- o de Harrod (1939) estima o efeito de indução sobre o Investimento causado por um acréscimo na Renda, ou o *princípio de acelerador*:
- variáveis e parâmetros: Y produto ou renda; I investimento; K estoque de capital; $\beta = Y/K$ (**constante**)

$$Y/K = \Delta Y / \Delta K; \quad Y/K = \beta \rightarrow \Delta Y = \beta \cdot \Delta K; \quad \Delta Y = \beta \cdot I$$

- o de Domar (1946), também keynesiano, calcula o efeito de um aumento no Investimento e seu efeito no crescimento da Renda, ou o *princípio do multiplicador*: variáveis e parâmetros: (além de Y, I e K): C consumo; S poupança; $Y - C = S$; $S/Y =$ propensão média a poupar = PMP; $\Delta S / \Delta Y =$ propensão marginal a poupar = **pmp**; **pmp = α** ; **k: o multiplicador = $1 / \text{pmp} = 1 / \alpha$**

usando o multiplicador na fórmula de crescimento da renda:

$$\Delta Y = k \cdot \Delta I = 1 / \text{pmp} \cdot \Delta I = 1 / \alpha \cdot \Delta I$$

Juntando os dois modelos:

$$\Delta Y = (\beta \cdot I) = (1 / \alpha \cdot \Delta I);$$

E simplificando as 2 equações: $\Delta Y / Y = \{(\beta \cdot I / Y) = (1 / \alpha \cdot \Delta I / Y)\} = (\alpha \cdot \beta) = \Delta I / I$

Supondo-se que a pmp = 0,2 Y e que $Y/K = 0,25 \rightarrow \Delta Y / Y = 0,05$ ou 5% anual

Completando o modelo, p/ projeções: $Y_{t+n} = Y_t (1 + (\alpha \cdot \beta))^n$

- **o modelo de Solow: $Y_t (f) K_t (At.Lt)$**

É um modelo com pressupostos rígidos: só inclui 1 bem; a economia é fechada; governo ausente do modelo; só utiliza 3 insumos (K capital, L trabalho e A, conhecimento e eficiência do trabalho (C&T); regime de pleno emprego.

Apresenta rendimentos constantes à escala; mas rendimentos decrescentes na produção.

As relações I/Y , S/Y e Y/K , são constantes assim como as taxas de crescimento de K, L e A

Uma das questões mais críticas é sua concepção de substituição de fatores de L por K Na realidade, não se substitui uma “fração” de uma máquina por um certo número de unidades de trabalho; nem se substitui, no todo ou em parte, uma máquina nova, pior uma certa quantidade de trabalho.

A estrutura do modelo faz com que essa economia tenda ao “estado estacionário”, com $\Delta Y/h = 0$. Para que os países pudessem elevar mais sua Y e “fugir” (durante um certo tempo) do estado estacionário, precisariam contar com uma elevada S / Y e um baixo crescimento populacional.

- **o modelo de Kaldor (1962)**, fugindo da T. Neoclássica, formulou outro modelo que permitia maiores graus de liberdade em relação à importante questão da constância de parâmetros e de taxas de crescimento, introduzindo a questão da distribuição de renda. Mostra como decisões de ΔI tomadas por empresários, podem deslocar recursos e volumes da produção de bens de consumo para bens de capital, mudando a proporção entre a renda da propriedade e do trabalho, e assim elevar S/Y e I/Y

Cap. 8 – Interação entre Decisões e Estruturas

Propagação, alcance e limites das decisões.

Decisões:

- Controle: Quem as toma?; Aquele (o Estado, um ou vários empresários, ou mesmo determinados consumidores que julgam ter as informações necessárias p/ tomar a decisão
- Âmbito: local, regional, nacional, mundial
- Autônomas:
 - 1 – utilização de Y em C e/ou S; contraposição à T. do Consumidor?
 - 2 – Utilização e transformação de recursos econômicos em outros recursos econômicos
 - 3 – Alocação de S em I para ΔK : T.D.E,
- induzidas: são "respostas" a decisões anteriores levadas a efeito por determinados agentes;

Tipologia: - consumidores: diferentes (f) de nível de Y

- Empresários: diferentes setores; conflitos de interesses,
- Agentes: não podem ser considerados "isolados; fazem parte de um todo" (a nação em relação ao mundo; uma empresa em relação ao setor,...)

Informações: 1- Inf. Para tomar decisões; a própria inf. pode → novas decisões

2- Decisões → novas inf.

3- Inf. de mercado são incompletas e insuficientes para a TDE

- Mercado e T. da inf.
- Eficácia da decisão do agente (f) acesso à inf.
- Não há a "resposta automática" do agente, como diz a Teoria Neoclássica
- Não há "automatismos articulados" (como no conceito de equilíbrio)

Myrdal e o conceito de equilíbrio

- O Equilíbrio não decorre de observação da realidade social; é uma abstração
- Deriva da Mecânica Racional ("a toda ação → uma reação contrária")
- Na Mecânica Racional, a ruptura do Equilíbrio restabelece um novo equilíbrio
- Fenômeno econômico (f) decisão do conjunto de decisões de agentes com uma função social;
- Of e D são dois fenômenos autônomos, o que não impede que interajam;
- Decisões de D podem ou não → reação da Of para restabelecer o Equilíbrio; as reações da Of podem ser diferentes;
- O processo social não se realiza na direção de um Equilíbrio;
- Toda variável exógena → reações, que se confundem com o sentido da variável;
- Mudanças de uma variável → outras variáveis → transformações secundárias → reações causais em cadeia → Reações em cadeia → processos cumulativos, e não na anulação de uma ação inicial; Daí a tendência à concentração econômica;
- Uma decisão econômica para iniciar uma ação (para ex.: Δ capacidade produtiva) → transformação estrutural
- Efeitos: de Propulsão (spread effects) e de retrocesso (backwash effects)
- **Hirschman**
- Cadeias produtivas reagem a ΔI → Efeitos para trás (backward) e para a frente (forward) → modificações estruturais

- **Perroux** (eficácia das decisões)
- Variáveis macro (Y, I, C, X,...) são ex-post; são fruto de decisões ex-ante, de diversos agentes
- Planos individuais → reações que condicionam o comportamento de outros; só ex-post se sabe se os planos foram compatíveis ou não;
- O funcionamento da economia não se processa pela adaptação micro aos preços
- A macrodecisão do Gov. ou da empresa dominante: → previsões sobre “efeitos de dominação”
- Importância de certos agentes nas decisões e nas transformações estruturais

Cap. 9 – Esquema macro do desenvolvimento

- Os dois elementos centrais da T.D.E.: ΔK e ΔPt via $\Delta C\&T$
- Mas se Y é baixa, Pt é baixa e I/Y é baixo
- Δx pode ser “impulso externo” para → ΔPt
- Se ΔPt → mudança estrutura de D → (via apropriação > do excedente, por grupos de empresas e/ou pelo Estado) → > e novas oportunidades de ΔI ;
- > ΔI acelera ΔY ; $\Delta y/y > \Delta C/C$

Cap. 13 parte 4: Formação Histórica do Subdesenvolvimento:

Desenvolvimento Kista:

1ª linha: I e II revolução industrial (Inglaterra e os late comers)

2ª linha: Europa desloca K, C&T, MO para as colônias

3ª linha: Regiões já ocupadas → estrutura dual (caso extremo: enclave) Origem do subdesenvolvimento, não é etapa necessária para a formação de uma economia Kista. É caso particular, resulta da $\Delta Kista$ (PD) → ΔD de Recursos Naturais e MO das economias pré-Kistas

Estruturas subdesenvolvidas

“Grau superior”: $> Y_{ind}/Y$: Arg., Brasil, México

“Grau inferior”: Baixa Y_{ind}/Y ...

Cap. 14: Características estruturais do Subdesenvolvimento

(e crítica a Lewis e Nurkse)

O excedente de MO pode - Δ ou ser \emptyset (f) Δx

Δx pode → Δ recursos naturais + ΔMO + $\Delta C\&T$ → $\Delta PtMO$ mas, se

1) se houver $-\Delta Prx$ → ΔPt economia = 0

2) lucros Sx : se não → ΔI → não altera D MO → mantém W e a distribuição da Y

Hip; $Y = Y_A$ (setor moderno) + Y_B (s. atrasado); são condições para que haja desenvolvimento:

1. $\Delta Y_A/Y_A > \Delta Y_B/Y_B \rightarrow \epsilon_{y_A} > 1$

2. $MO = MO_A + MO_B$: $\Delta MO_A/MO_A > \Delta MO_B/MO_B$; $\epsilon_{MO_A} > (\text{ou } =) 1$

- Se $\Delta w_A/w_A < 0$, mas se ΔMO_A “compensar” $\Delta Y_A \rightarrow$ efeitos ainda positivos;

- Mas se ΔW_A . ΔMO_A não compensar → (salários médios) $w_{TN} < w_{TN-1}$

- Para que haja desenvolvimento → $Y_{h_{TN}} > Y_{h_{TN-1}}$ (f) absorção de Y_B e ΔMO_B por Y_A e MO_A

- **Lewis:** S_A e S_B ; $PT MO_B =$ ou $< 0 \rightarrow$ saída de MO_B . para $S_A \rightarrow \Delta$ excedente e ΔI ; **mas diz CF:** quem garante a Of de alimentos? Ou seja, como conter ΔC em B e evitar que haja uma Δ Excedente em B ?
O modelo de Lewis: p/ romper o dualismo $\rightarrow \Delta$ Excedente e alocá-lo no S_A ;
a Of MO_B é ilimitada ($Pop. B = PEA_B$) $\rightarrow \Delta Pt_B$ é = ou < 0 ; $W_A > W_B$;
Se há K disponível \rightarrow é possível ΔI_A e ΔMO_A , ocorrendo o processo de:
 - 1- (início) $PT MO_B = 0$; havendo $\Delta I \rightarrow \Delta MO_A$, e.....;
 - 2- Com $-\Delta MO_B \rightarrow Pt_B > 0$... o processo ainda continua,...
 - 3- sS integrado o mercado de trabalho, pode-se atingir uma situação em que: $Pt MO_S_B = Pt S_A$ e $W S_B = W S_A$
mas, diz CF, atingido esse ponto, i) $-\Delta MO_S_B \rightarrow -\Delta Q$ alimentos $\rightarrow -\Delta$ Excedente;
ii) ΔMO_S_A depende de ΔX , que é variável externa, e,,,,,?.

Nurkse: (“Poupança oculta= subsidio oculto no S_B e sua Pt é nula ou negativa”): suas hipóteses: “Não há terra ociosa; não há excesso de K ”

$PEA_B > MO_B \rightarrow PEA - MO =$ excedente de MO (mas que consome, auto consumo), e que, se MO_B se transferir p/ $S_A \rightarrow \Delta$ Excedente (físico ou \$) de B , mas, p/ converte-lo em ΔI é preciso K .

Hipot. de Nurkse: Of limitada de terra, $Pt marg_B = 0$:

Mas, diz CF: 1) se houver ΔOf terra $\rightarrow Pt marg_B > 0 \rightarrow -\Delta MO_B$ que se transfere p/ $A \rightarrow -\Delta Q_B \rightarrow$ eliminação do excedente e portanto da poupança oculta. Não se pode esquecer que nos PSD sobra terra no latif. e falta no minif. 2) Δ Excedente B pode $\rightarrow \Delta C$ em B (de alim. ou C diversificado) \rightarrow poupança = 0 como contornar a estrutura fundiária e evitar a Δ do latifúndio e/ou do minifúndio?

- Dualismo (S kista e S não Kista): há interdependência entre ambos, mas mesmo se S não Kista for extinto, isso não \rightarrow extinguir o subdesenvolvimento, pois há muitos outros problemas não “resolvidos”

Cap. 15 Agricultura e Subdesenvolvimento

Excedente S_I

$mo_I / \sum mo =$ ou $> 40\%$; $Pt mo S_I = 0,2$ a $0,5$ $Pt mo S$ urbano; $w_1 < w$ urbano....

$Y_I - Y$ Subsist. = excedente em grande parte apropriado por: K , kC , governo, proprietários] (tradicional)

W_1 : $x\%$ é \$ $y\%$ é excedente in natura, $>$ excedente \$

Exced. In natura é base para Δmo urbano; 50%: auto consumo em S_I ; $< 25\%$ venda ao comercio

Estrutura S_I : é necessário organizar e disciplinar MO_1 , para limitar seu $C \rightarrow >$ excedente in natura

Tipologia:

- i – Terra abundante e população crescente; rendimentos constantes \rightarrow excedente pode ser crescente;
- ii – Terra escassa e população crescente; rendimentos decrescentes \rightarrow excedente decrescente
- iii – Terra escassa e população estacionária: rendimentos constantes \rightarrow excedente \emptyset

Formas

- I “artesanal”, familiar: Pt alta, não incompatível com Δ do Kismo
 II – outras, não Kista (parceria,... w = \emptyset) ou cooperativa moderna
 III - Kista

	Acesso		
Terras	Difícil A	Fácil B	CA= (I); reserva mo para S Kista (III) CB= (II): tradicional e/ou moderna
Abundantes C	CA	CB	DA= (II): convive com latifúndio tradicional
Escassas D	DA	DB	DB= (II) Δ C&T para S _I familiar sobreviver

A Agricultura itinerante {base: CF in Cano: Furtado, (livro Ensaios)}

CF; referindo-se à velha atividade do açúcar no NE, mostra como essa cultura se expande, ocupando áreas de antes ocupadas principalmente pela agric. familiar; extrapola o fato para o sec.xx inclui tanto a cafeicultura do início sec.xx quanto a agric. moderna dos 70's, (W Cano atualiza p/ pós70's, com a nova fronteira que se estende para o CO e o NO;ver texto in Ensaios...)

Cap. 16 Comércio Exterior: transformação das estruturas dualistas

Teoria clássica: especialização fatores abundantes x escassos

- M/Y Inglat. 1820 – 30: 8,5% \rightarrow 1900 – 10: 30% \rightarrow grande Δ D_I, para A.L.
- M/Y EUA 1919: 9,2% \rightarrow 1959 = 4,1% \rightarrow < Δ D_I p/AL; além disso, precisa considerar a Lei de Engel e os substitutos artificiais e sintéticos. Haverá permanência (LP) da atual D da China?

Cap. 17 Industrialização: transformação das estruturas dualistas

- $\Delta y \rightarrow \Delta e >$ diversificação D \rightarrow ϵy p/ C ind., para D_{II} e Q_{II}
- $\Delta y \rightarrow >$, M/Y, Δy_{II} mercado interno $>$ ΔY_{II} ou ΔY_{IIx} : M/Y; (1929 e 1950): ARG: 17,8 e 7,3; BR 11,3 e 7,3; Mx 14,2 e 8. É a contração sofrida a partir da crise 29 e da industrialização posterior.
- $\Delta y \rightarrow \Delta y_{I,II,III} \rightarrow \Delta D$ bk, bi e BC $\rightarrow \Delta M_{ii}$;
- $\Delta y_{II} \rightarrow$ muda estrutura Y_{II} (BC, BI, BK)
- substituição de M; embora restringida pelo tamanho do mercado \rightarrow nova estrutura de M, c/ $>$ ΔBK e BI; e contrai o peso de BCm

Cap. 18 Dependência externa e subdesenvolvimento (ver também *Cultura e Desenvolvimento*),

- Grupos culturalmente “enclavados” nos PSD:
- Hábitos de C: grandes M de BC; estruturas produtivas
- Os PD passam aos PSD: novas formas e técnicas produtivas; com alta K/mo e K/Y, mas sem o benefício de maiores escalas; $\rightarrow >$ % de ΔI vai “compulsivamente” para esses setores, sem atender as necessidades básicas da população
- Efeito demonstração amplifica isso: PD \rightarrow PSD: adoção e difusão novas formas de C (público e principalmente privado); mas: PD tem altos e crescentes Pt e W e preços inds. decrescentes ao contrário dos PSD, que tem P_R e Custos inds. ascendentes e W baixos
- Kx e grandes empresas: ΔS_{II} PSD $\rightarrow >$ dependência. ; Δ C&T $\rightarrow >$ vínculos externos (patentes, royalties, BKm, que $\rightarrow >$ concentração Y, $>$ K/Y e $>$ K/MO

- Até 1960: os efeitos cumulativos externos geravam crises BP
- Pós 1960: passam a gerar Δ dívida externa

Cap. 19 – Coordenação das decisões econômicas

Decisões de política econômica \rightarrow :

- a – Utilização dos bens disponíveis
- b – Utilização dos fatores já incorporados
- c – o Δ capacidade produtiva
- d – o equilíbrio monetário
- e - exportações industriais (xii)

a e b: “eficácia” via decisões do mercado, graças a informações mais descentralizadas; inclusive nos países socialistas

c e d: decisões coordenadas de forma mais centralizada (planejamento e suas técnicas e métodos)

No Neoliberalismo: **a, b, c e xii**: determinadas pelo mercado; **d**: decorrem de controles para equilíbrio \$ para assegurar bom funcionamento do mercado

Nos PSD, as reformas estruturais resultam de Δ tensões sociais, (f) mudanças circunstanciais, relações de forças sociais, etc.

Cap. 20 – Modificação das estruturas

PD Política econômica com objetivo central de pleno emprego \rightarrow > desenvolvimento e pode \rightarrow ajustes (f) inflação, SBP,

PSD (> complexidade; maiores diferenças...): desenvolvimento não é (f) uso maior da capacidade produtiva e sim de uma ação exógena: ΔD_x ; Pol. Ec, governo, substituição de M (tensões).

\rightarrow Política econômica deve ser qualitativa: planejar mudanças estruturais: (x/y, I_{II}/y , infraestrutura, educação; diversificação x;...)

A proposta de R. Rodan (o Big Push) e a de Nurkse, “contornam” o desequilíbrio e propõem “Tipo de desenvolvimento equilibrado” \rightarrow mas as dificuldades grandes para PSD são incontornáveis ou muito difíceis:: [tamanho do mercado; economia de escala; C&T \rightarrow “ S_{II} é inviável”; pois é baixa a s/y , é baixa a Y , \rightarrow baixo ou nulo desenvolvimento.

Pólos e Big Push

Hirschman: “os PSD tem condições de previsibilidade”?

Perroux: T. dos Pólos: indústria chave, concorrência imperfeita

R. Rodan Big Push: um polo com maior diversificação possível

A via “Substituição de Importações” foi um caso concreto de desenvolvimento desequilibrado

- Situações de PSD:

1. Desenvolvimento causado por Δx
2. Estagnação com baixo desenvolvimento
3. Desenvolvimento via subst. de M
4. Estagnação com médio desenvolvimento

Historicamente: a) 1 tem levado a 2 e 3
 b) 3 pode levar a 4
 c) a questão maior é como evitar 2
 d) 1 e 3 é no campo da T. do desenvolvimento desequilibrado e do planejamento

Cap.21 A Tendência à Estagnação

Base: CF *Subdesenvolvimento e Estagnação...*; e *Desenvolvimento e Estagnação na Latina* in Bianchi, A. Latina: Ensaio de interpretação econômica. Ed. Universitária, Santiago, 1969. Crítica: Tavares, MC e Serra, J, *Além da Estagnação...*)

Estagnação (“esgotamento processo de substit. de M”)

- i- pelo lado da oferta: intensificação de C&T → elevação de K/MO e queda de Y/K, problemas que ainda se defrontam com restrições de capacidade p/ importar, câmbio e preços dos BK importados; a queda de Y/K levaria a reduzir a lucratividade e inibiria o Investimento;
- ii- pelo lado da procura:
 - Concentração Y e segmentação de mercado: 1 - Massa pobre (subsistência), 2 – Massa urbana pobre (subsistência) (Δ mo com alto K/MO) e 3 – Ricos 5% (nível de MO?)
 - Of BC corrente= S_{II} “fácil”
 - Of BCD: é mais complexo, C&T, patentes, K/MO, escalas, Δm , Δ financiamento;...

A industrialização → ΔS_{II} com baixo ΔMO → $< \Delta S$ BCC, $S_{I, \dots}$ ΔMO ; e $>$ concentração Y; Δm ; → ausência de maiores economias de escala, maiores custos de produção;

AL. 1960	% Y	Y/h US\$	
50 + pobres	16	120	...
45 seguintes	50	400	
3 “	15	1.750	
2 + ricos	19	3.500	

se as rendas dos 3% e dos 2 % +ricos fossem mais tributadas, reduzindo seus níveis de C (p/ aproximadamente 60% no primeiro caso e p/ 2/3 no segundo, a poupança total poderia se elevar, e se elevaria também o I. Com efeito, isto poderia permitir que I/Y saltasse de 8% p/ 12%; a $i \Delta Y$ de 4% p/ 6% e a $i \Delta Y/h$ de 1% p/ 3%

- a crítica de MCT / JS:

- i- CF está tomando por tendência à estagnação, a crise do início dos anos 60, que é uma crise produtiva e de realização e também significa uma transição para um novo padrão de desenvolvimento;
- ii- concentração de renda, “marginalidade”, exclusão, são seqüelas do subdesenv. e não obstáculos ao **desenvolvimento**; (WC: melhor dizendo: ao **crescimento**)
- iii- tomar a relação Y/K (variável de resultado) pode conduzir a análise a erro, pois mesmo com essa relação caindo, os salários baixos e a oligopolização da indústria podem resultar em maior taxa de Mais Valia (e de Lucro);
- iv- maior reconcentração da renda e expansão do crédito e do gasto público pelos efeitos das reformas financeira e tributária, postergam o problema mas funcionam como “alargadores da demanda”, possibilitando a retomada do crescimento e da industrialização

Cap.22 Tendência ao desequilíbrio externo

- Alta $C_y m$ → $\Delta m > \Delta y$ e, se $\Delta x < \Delta m$ → -SBP
- Para FMI (teoria monetária do BP): a “normalidade” do BP é dada pelo Equilíbrio.
- Se - SBP → $C + I$ (ou $C + S$) $> Y$ → desequilíbrio a) esporádico, resolvido por uso de Reservas ou entrada de K_x , ou b) permanente ou persistente, de complexa solução.

- 1- mas se -SBP (f) - ΔX ; $-\Delta X \rightarrow -\Delta Y_x \rightarrow a$) - Δm : reequilíbrio ou b) -SBP
- Mas se $-\Delta x$ for “compensado”, na D agregada, via ΔG_g , \rightarrow inflação e não reequilíbrio \rightarrow e é interpretado como um desequilíbrio fiscal e não por $-\Delta x$;
- 2- se -SBP (f) + Δm : $\rightarrow C + I > Y \rightarrow$ inflação de D
- Mas: $Of = D$; $Of = P + M = C + I + M$ (em pleno MO);

$D = P + X = C + I + X$; e, se Δm (f) valorização câmbio, então a \emptyset do -SBP só com desvalorização

3- Com causas estruturais: FMI não aceita essa “anormalidade” \rightarrow todo -SBP \rightarrow inflação; FMI diz que há “desequilíbrio fundamental”, mas nunca o definiu

317/ Triffin o definiu como “-SBP persiste, mesmo com câmbio desvalorizado, Δ tarifas, controles, para manter pleno mo”;

P/ o FMI, no entanto, \rightarrow em entender que “-SBP é problema para a política \$” !!!: deflação, desvalorização; ajuste de $+\Delta x$ e $-\Delta m$, via modificações tributárias, de preços, e transferência interna de recursos produtivos, mas, pergunta CF; “mas como, se a hipótese é de pleno emprego”?

Dados o alto M/I, quando $> \Delta Y \rightarrow > \Delta M$ e, assim $>$ inflação. “Logo, não pode haver ΔY ”

O mito do Desenvolvimento (Base *O Mito do Desenvolvimento...*)

Nesse livro (1973) CF critica as conclusões catastróficas de *Limits of growth*, do Clube de Roma, que negavam a possibilidade de estender a toda a população mundial, as benesses do consumo (notadamente de duráveis) que havia crescido no pós guerra, especialmente na Europa e Japão. Os limites estavam determinados pela dotação mundial de recursos naturais e pela poluição ambiental que desencadearia. A crítica central de CF reside em sua tese central sobre a problemática do subdesenvolvimento periférico, na concentração da renda e na impossibilidade de que os PSD possam atingir os padrões de consumo dos PD. Sua tese, portanto, não é pela negação da possibilidade ambiental e sim pela negação da possibilidade de desenvolver os PSD

7.6 – algumas contribuições de M. C. Tavares

M. C. Tavares – “Território, Dinheiro e Império”

A “República do Encilhamento”: ajuste recessivo e a adesão do padrão ouro-£: moratória e renegociação dívida externa.

- 1822 – 1889: geopolítica e Geoeconomia interdependentes:
 - Localização “excêntrica” do Brasil no mapa mundial das potências;
 - Permanente oscilação entre: uma ordem liberal oligárquica e uma ordem interventora autoritária
 - Apropriação do território pelas oligarquias exportadoras, como um “negócio”
 - “ $\$N$, $\$X$, R_G , D_G : enquadramento da burguesia”
- Passagem autoritarismo explícito para pactos de conciliação não resolveram democraticamente a luta das elites
 - descolagem entre ideologia das elites liberais e libertárias, e ou pactos conservadores;

- “medo do Império e do Povo” (elite); as Repúblicas (Velha e Nova) e a revolução de 1930: nunca incluíram o povo;
- Muda o pacto oligárquico, sempre há ruptura entre $\$n$ e o $\$x \rightarrow$ apoio às FFAA (30, 63, 68); é o autoritarismo da terra e do $\$$;
 - “**Não á terra (ref. agrária), à educação e ao trabalho**”;
- Δ fronteira agrícola + Δ urbana para compatibilizar ΔS agrop. e ΔK , via Δ migrações internas;
 - A sociologia brasileira explica atraso, em (f) escravidão e colônia...
A sociedade é autoritária, mesclando cultura atrasada e moderna; mas não explica (via economia política), o caráter político do estado e o caráter dinâmico do Kismo;
 - As elites “empurram para a frente”; mudam as regras; (WCanó: são lastreadas pelas migrações e pelo Estado);
 - I-Alianças políticas (30-35, 62-64, 82-85,...): latifúndio + imperialismo x industriais mais progressistas e ii- alianças populares ;i e ii: ambas fracassaram
 - Crises e saídas possíveis: submissão ou novos blocos de poder, ΔX , controle do câmbio,...
- **A questão da terra e o subdesenvolvimento** (base: *Subdesenvolvimento, Dominação e Luta de Classes*)

Aula organizada com textos de CF (*Mito*); MCT “*Subdesenvolvimento....*, e Ligia Osório (*A Lei de Terras*)

Visão de CF – i-Subdesenvolvimento é processo: resulta da penetração do Kismo na periferia; ii- processo constitutivo da Δ do Kismo; iii- articulação externa – interna(oligarquia e elites);

$X_1 \rightarrow M \rightarrow MC$ elites.... padrão C das elites

$\Delta Y_{II} \rightarrow$ Subst. $M \rightarrow \Delta Y_{II}$ que introduz C&T no processo produtivo (S_{II})

- Se instala o ap. produtivo para manter C elites
- Dominação externa/ dependência (CF precursor): C&T, $\$$, Cultural
- Pacto interno de dominação: {aliança: banco, governo, oligarquia/ elites
- Heterogenia estrutural e social
- Falta de autonomia à burguesia; falta de um projeto nacional

CF e Cepal: divisão internacional do trabalho, industrialização e C&T, centro-periferia; Releitura Unicamp – UFRJ (Kismo tardio) \rightarrow “introduzir” $\$x$ e a dominação Kx na periferia (Prebisch usou-o, mas não a Cepal)

Diferença de países:

- Rússia Sec. XIX: atrasado; mas era Império; Japão início sec. XX: era atrasado; mas era Império
- Índia CH: potências intermediárias
- EUA: diplomacia: das armas, do US\$, e do K financ.

A terra e o subdesenvolvimento

No Brasil: Capitânicas Hereditárias 1534

Capitânicas da coroa 1549

- Sec. XVI – XVIII sesmarias (Extintas em 1822)

- As improdutivas → devolutas) Posse/devolutas → Latifúndios – **cartórios**

1844 Bill Aberdeen...

1850 Lei Euzébio de Queiroz (Ø tráfico) → estímulo p/ ações de: migrações “oficiais” e espontânea ; colonização particular (café); “embranquecimento”

1850 Lei de terras: - só com venda; preço alto, posses legalizáveis até 1850 → grilagem e postergação da não regularização das posses;

1891: Const.Fer. passa as terras devolutas aos Estados → novas postergações p/ regularizar posses → Δ grilagem

1920: só 20% terras eram “atividades rurais”

1971: INCRA 1/3 do território era de terras devolutas

- Propriedade da terra: “Controle social”
Terra: ΔK (primitiva ou não)
- Valorização do K
- Poder

i- Donos da terra (oligarquias e elites) → população oprimida, “w” baixos, migrações, questão regional, marginalização urbana e rural

ii- Donos do \$: Estado autoritário e Fundos Públicos \$

iii- Kx (o elo frágil dessa”aliança”)

NOTAS DE AULA – HO 016- Prof. Wilson Cano

ITEM 8. Neoliberalismo, Globalização e Reestruturação nos países ”centrais” (1973-2002)

8.1 Crise financeira internacional e debilitamento do Estado Nacional. Financeirização da riqueza e Capital Fictício

(ver item 7.2 Marx)

1 – EUA: esgotamento padrão Δy e PT;

- crise US\$: da escassez (40’s e 50’s) à abundância do US\$ (60’s...):
- i- manutenção FFAA no Japão e Europa
- ii- Planos Marshall e ajuda ao Japão; ajuda externa, financiamento externo
- iii- IDE EUA (Europa, principalmente) Empresas e bancos
- iv- ($x < m$)??e ($Dg > Rg$): debilitamento fiscal e externo;
- (Δ off shore); desvalorização US\$; inconversibilidade ouro em 71;
- → [Δ euro mercado US\$. Inflação EUA: p/ 72 = 100: 79 = 198; 84 = 260....
- Reação EUA 79 (Volker e a ΔiJ)
- Japão e Alemanha: substitutos da hegemonia americana ou simplesmente novas potências?
-

2 – Δ da financeirização: [Texto LGMB in Fiori “Estados...” ...]

- 60's: início desregulamentação financeira EUA;
- câmbio flexível (a partir de 73)
- estrutura patrimonial: famílias e empresas (90's): $-\Delta$ ativos reais (principalmente imóveis) $+\Delta$ ativos \$; “empresa produtivo-financeira” ou “bancos não bancos”
- estrutura financiamento empresas: $-\Delta$ financiam. próprio $+\Delta$ emissão títulos de dívida; estrutura de renda empresas: Δ rendas não operacionais; D...M...D' \rightarrow D...D' (“Zaitec”, Japão)
- estrutura rendas famílias: $> \Delta Y$ financeiras (não do trabalho ou de aluguéis);
- **inovações financeiras**: securitização, derivativos e outros papéis; Δ mercado \$ secundário; novas instituições: Fundos de Inv.; de Pensão,...; Δ mobilidade \$; Δ liquidez; Δ volatilidade e especulação; Δ incerteza e risco
- iJ passa a ser mais relevante;
- em 80 Σ ativos \$: 5 trilhões US\$: \rightarrow em 95: 35 trilhões: no período: $= i\Delta = 15\%$ anuais $> i\Delta Y, i\Delta I$;
- a euforia do ΔC e Δ endividamento; ΔK fictício;
- EUA: ($X < M$, principalmente, c/ Ásia) + ($Dg > RG$, financiam. principalmente via Alemanha e Japão); Tit. Div. Gov.EUA: “reserva mundial”
- \rightarrow Bancos Ásia c/ Δ ativos do exterior/ ativos nacionais;
- $\rightarrow >$ especulação imóveis e ações;
- $\rightarrow \Delta Kx$ na AM. Lat.
- ΔX e ΔM mundial: - é preciso atenção sobre seu crescimento efetivo, pois há muita “dupla contagem” devida à multiplicidade de “espaços produtivos” mundiais p/ insumos e produto final e re-exportações. . P.ex. o intenso comércio intra asiático;

8.2 – Retomada da hegemonia EUA (ver texto MCTavares)

- P. Volker e a Reação 1979 – 81: Política Fiscal e \$: Δij Prime, de cerca de 7% p/ 21%!!!) \rightarrow o US\$ forte
- Reenquadramento político e econômico: Japão e Alemanha: \rightarrow \$ p/ financiar EUA via compra Tit. Gov. EUA
- Grandes Quebras internacionais: devedores; URSS, Polônia, México, Brasil e vários PSD
- A “locomotiva” do crescimento mundial EUA: Δm entre 82/85 foi o responsável por cerca de 2/3 do ΔY mundial!
- 85 Acordo de Plaza: em 85: a desvalorização não abrupta do US\$
- 83 programa Star Wars e a crise da URSS
- 85 Perestroika e Glasnost...
- 89 Muro Berlim
- 91 \emptyset URSS e Comecon

8.3- Neoliberalismo, K financeiro e “III Revol. Indl.”: “todos contra o Estado Nacional”

1 – O esgotamento do ΔY , a inflação e a impossibilidade de retomar o crescimento pelo setor privado vão resultar na crítica ao anterior padrão de acumulação e de gastos sociais e nas propostas de reformas estruturais.

- o Neoliberalismo: suas raízes estão na crise dos 60's – 70's onde se atribui ao Estado Nacional o peso maior nas causas da crise.
- Δ déficit, $(RG - (Cg + Ig))$, cuja causa maior seriam o ΔG_6 sociais (o “excessivo” Well Fare State; e a ação “desenvolvimentista” do Estado
- os malefícios e ineficiências do Monopólio público “Estado Produtor” (as empresas estatais)
 - o déficit da Previdência pública;
 - a ineficiência do estado-planejador
 - o baixo $\Delta C\&T$.

As propostas de “Reformas Sociais” e o Consenso de Washington

- Desregulamentação sobre o movimento de capital internacional (a chamada **Abertura Financeira**;
- **Reforma financeira interna:** p/ viabilizar a abertura financeira; comprometimento internacional com os Acordos de Basileia;
- Livre Movimento de X e de M, a chamada **Abertura Comercial; substituição do GATT pela OMC (1994)**
- **Privatização de ativos públicos:** p/ “pagar” a dívida pública e acabar com os altos custos e ineficiências da produção pública de bens e serviços;
- **Estado Mínimo;** via reformas administrativas, fechamento de órgãos, dispensa de funcionários, abandono de várias funções e intervenções públicas;
- **Reformas da Previdência Pública**
- **Reforma dos Contratos de Trabalho:** p/ “flexibilizá-los” e adaptá-los às novas “necessidades” da III Revol. Indl ; p/ reduzir o custo do trabalho, p/ eliminar direitos trabalhistas.

2. a Reestruturação produtiva, ou “III Revol. Indl”.

A necessidade de reativar a $\Delta K \rightarrow$ na implantação do conjunto das Reformas Neoliberais, em profunda reestruturação produtiva-administrativa-financeira das empresas e na criação ou no aprofundamento de instituições internacionais que atuam sobre vários aspectos e questões sobre a globalização.

Bases da Reestruturação: que $\rightarrow \Delta$ da concorrência e da concentração e centralização de K (fusões, compra/vendas, desnacionalizações; profundo $\Delta C\&T$

- microeletrônica, informática e biotecnologia
- Novos materiais e novos produtos
- Novos processos e sistemas de cadeias produtivas
- Novos métodos de administração
- Novos padrões de financiamento das empresas
- Novas determinações p/ a localização industrial
- Instituições, Blocos e neo-protecionismo
- **MCE (hoje UE):** de 53 a 85 passa de 6 para 12 países (e em 2004 a 25 países); em 86: projeta o “Mercado Único”, p/ 1/93; em 91 assinam o Acordo de Maastrich, aprofundando seu processo de integração; 92: criação do EURO; 2016 saída da Inglaterra.

- **Japão**); ao longo dos 50's e 60's foi constituindo, de maneira informal, s/ área de influência comercial e financeira, primeiro com a Coreia do Sul, e mais tarde com outros 10 países asiáticos;
- **Nafta**: surge em 1992, como transformação de acordo (88) entre EUA e Canadá. Em 1994 incorpora o México.
- **OMC**, é criada durante a Rodada Uruguai no GATT, com o objetivo de alargar e liberalizar o comércio internacional.
- **“Economia do Conhecimento”** : nome dado pelo *mainstream* à “nova economia” que surgia com as transformações advindas da III Revol. Indl. Seu “templo” é a **“Nasdaq”** que é a Bolsa de Valores de empresas de HIGH TECH, instituição nascida em 1971 em NY e que cresce muito nos 90's no bojo daquelas transformações materiais, mas também no bojo da expansão vertiginosa do K \$ e da especulação. Teve profunda queda na crise 2001-2002
- **Acordos de Basiléia**: fundado em 88, com objetivos de indicar padrões de regulamentação sobre risco de crédito, capital de bancos, e outros,, como mecanismo de p/ conter os riscos que já se previam à época, com a crescente financeirização e volatilidade dos mercados. A questão central é que induzia os Bancos Públicos dos PSD (que assinaram os Acordos) a se comportarem com as mesmas regras com as quais se pautam os bancos privados. Contudo, suas regras seriam ineficientes (e burladas), como pode se depreender da crise financeira que eclode a partir de 2008...

8.4 – A reestruturação nos países desenvolvidos

(base: F. Fajnzylber, cap. iv)

1 – Rumo ao novo padrão industrial:

- 75 – 80; período de transição
- as grandes questões: C&T, energia, meio ambiente,
- > concorrência entre os PD
- poderia haver > concorrência entre os PSD e os PD?

2 – A empresa como centro da política econômica

→ Redefinição da relação governo/empresa:

- i- versão “manchesteriana”; houve intervenção “excessiva”
- ii- versão “japonesa”; houve intervenção excessiva “inadequada” para novas articulações
- iii- versão “socialista” descentralização, diversificação produtiva indl., preços públicos

1+ 2 → redefiniu relações: ETs / ENs; mercado nac. / mercado internacional. Ex: setor automotriz, setor eletrônico / especialização cadeias produtivas e novas políticas inds.

3 – Reestruturação **Automotriz**:

- ΔY automotriz / Y_{II} : de 10% → 10% – 30%: → ΔD energia, agravamento meio ambiente (WCanó: a questão urbana); flexibiliz, biomassa, carro elétrico
- concorrência internacional
- > ΔD nos PSD e socialistas
- Mudanças C&T, > escalas e ΔPT ; - Δ peso, - Δ tamanho, Motor + eficiente
- “carro mundial”, automação,
- acordos e fusões Ets;

- Diversificação novos produtos nas montadoras
- Agravamento meio ambiente
- **Eletrônico** – novo padrão: informática, telecomunicação, automação (em “todos” os setores inds. e nos bens)
- flexibilização produção e $-\Delta$ energia
- Apoio expressivo dos Estados Nacionais

4- Política Industrial

EUA: Tomada de consciência sobre a necessidade de revitalizar a ind. de BK;
Necessidade de $-\Delta$ M.inds / C. indl., “em tudo”; e de combater o $-\Delta$ mo (fracasso)

O debate: conservador

- i- “Estado foi pernicioso “; assumindo as críticas de ambientalistas, das minorias, dos movimentos sociais;....)
- ii- Estado foi incapaz de definir estratégias, articulações, excessiva regulamentação.
A exceção no Gov. Carter: Δ preferencialmente a Δ C; Δ BK;
A política: depreciação acelerada; Incentivos à mo, via Δ PT; objetivos de segurança nacional; atenção a necessidades sociais e regionais
Reagan: adotou a política ”manchesteriana”;

JAPÃO

Política Indl.

- Indústrias “deprimidas” (cap. ociosa; perda de mercados; obsoletas,
- 3 anos para “Of = D”, regulamentos e cartelização;
- iJ; preferenciais; subsídios para $-\Delta$ mo + Δ Pt
- Internacionalização do setor automotriz
- Setores prioritários: intensivos em C&T: BK., Eng. Genética,
- Compras governo BK p/ informática; farmacêutico

Europa Ocidental

- Subsídios e direitos sociais para evitar – MO, c/ políticas de transição de MO de setores deprimidos p/ setores em expansão;

França: Estado: “contratos de Δ ” p/ ind. nuclear, BK (máq.s ferramenta); microeletrônica; fusões; apoio às peq. e médias empresas; apoio do Estado à pesquisa: Airbus, trem veloz, central de comunicações, ind. nuclear.

Alemanha Peq. e Médias empresas e inds. c/ intensivo C&T

Itália: Peq. e Médias empr., energia, meio ambiente; Δ C&T na ind.

Apoio c/ financiamento público, via “programas de metas compromissadas

Holanda: Peq. e médias empr.;

- Subsídios para transferir cap. produção para o exterior
- C&T intensivos na ind.; pol. de recuperação de X inds
- Apoios direcionados a objetivos: meio ambiente, energia, deseq. Regionais, intensificar, C&T....

Inglaterra:

- Financiamento público p/ reestruturação industrial; estímulos p/ Δ C&T na ind.; apoio às peq. e médias empresas
- **Suécia:** Apoio c/ financ. Público p/ inds. com $-\Delta$ competitividade (naval, aço, e peq. e médias empresas.).

Países Socialistas (URSS): ΔPt , sem – MO; melhorias só c/ ΔPT ; prêmios; Diversificação e Racionalização setor indl.;

ITEM - 9 – América Latina: “o sonho acabou”? (1973-74/2002)

Base textos: WCanó *Soberania...*(cap. 1); Cepal: *Anuários e Estúdio Econômico...*; (usar PowerPoint WCanó)

9.1 - Endividamento e sua Crise: esgotamento ΔY pós 1973-74; crise 75-83 - A “década perdida” de 1980

-O ajuste ortodoxo dos 80's: e as “velhas” políticas de estabilização: $-\Delta Gg \rightarrow -\Delta Cg - \Delta Ig$;

($-\Delta W$, $-\Delta$ crédito, $+\Delta J$ + câmbio desvalorizado) $\rightarrow -\Delta Cpri$, $-\Delta I pri$, $+X - M$; efeitos: ΔY muito baixo Y total: 0,9%; agric. 2,0%; ind. de transformação 0,1%; serviços 1,8%); piora distribuição de Y ; Δ inflação; Δ e estatização da Dívida Externa; Δ Dívida Pública; “falência” fiscal e financeira do Estado Nacional;

- (usar gráficos de estrutura de $P = C + I + X - M$, “antes e depois” do ajuste;
- (usar dados Cepal)

9.2 1990's: o novo ajuste ortodoxo

-O novo ajuste: ($-\Delta$ crédito, $+\Delta J$ + câmbio valorizado) \rightarrow baixo ΔCpr , $-\Delta I pr$, $+\Delta M$ + baixo ΔX , $-\Delta Cg - \Delta Ig$;

-Efeitos: baixo ΔY , (entre 1989 e 2002: Y total, 2,5%; agric. 2,4%; ind. de transformação 1,4% e serviços 2,7);

-Hiperinflação,

$\Delta M > \Delta X \rightarrow$ déficits crescentes nas contas externas (as crises: México 1994-95 e do Brasil 1999-2001);

Δ Dívida Externa; Δ Dívida Pública;

As novas políticas de estabilização (Planos Austral e Real)

- (usar gráficos de estrutura de $P = C + I + X - M$, “antes e depois” do ajuste;

9.3 – as reformas neoliberais

Os casos precoces e fracassados: Chile 73, Arg.e Uruguai 75

NAFTA e México: a ind. maquiladora

As reformas do Consenso de Washington:

A renegociação da dívida externa;

Abertura financeira: desregulamentação fluxos Kx

Reforma sistema financeiro nacional (metas de inflação, BC independente, Basileia,.....

Abertura comercial: Rodada Uruguai/GATT/OMC 1994

Reforma da previdência

Reforma contratos de trabalho

Reforma do Estado: o “estado mínimo”; encolhimento de funções e do tamanho do estado; privatizações; reforma administrativa

Principais efeitos:

queda crédito/Y

valorização taxa de câmbio

Δ déficit público

$\Delta Kx \rightarrow >$ volatilidade; especulação; privatização e desnacionalização; Δ IDE

setor serviços;

privatização: estatais estratégicas; Agências; total ativos privatizados de 90 a 2001: 185

Bi US\$ ou o equivalente a 1,4% dos Ys desses anos; privatizações / IDE: entre 85 e 95; p/ 88 a 95, somaram cerca de 80% (PE), 31% (V), 45% (Arg).;

X-M: $i\Delta X$ 90/99: 9,1%; $i\Delta M$: 12,6%;

-STC (US\$ bi) acumulados: 80 a 89: 173; 90 a 99: 435; 2000 a 02: 114 total 720; $\rightarrow >$ dificuldades integração AL e Mercosul;

Dívida externa: (US\$ bi) 1979: 180 \rightarrow 1990: 453 \rightarrow 2000: 740;

Transferência Líquida de Recursos: 1980-1990 US\$ bi 225!!!

FBKf: I/Y 27,6% 1980 \rightarrow 19% e Ig cai drasticamente; CC/FBKf: 1980: 49%; 1990: 58% 2002: 60%; (no Br: respectivamente, 47%, 64%, 74%):

Estrutura produtiva, início desindustrialização; Δ serviços e ΔM ;

Estrutura ocupacional: ΔMO : 83% se dão em serviços; 60% informais..

Outros dados sociais: distribuição de renda, pobreza e indigência,...

9.4- A dinâmica do novo modelo: p/ manter um ΔY médio (digamos 3%) \rightarrow

i- permanente e crescente ΔKx p/ “suportar” $\Delta M > \Delta X$, -STC e Δ dívida externa;

ii- forte ΔiJ (p/ atrair Kx), \rightarrow forte Δ Dívida pública e séria restrição fiscal;

iii- baixo $\Delta Y \rightarrow$ baixo ΔMO ;

v- política controle inflação \rightarrow baixo crédito/Y

NOTAS DE AULA – HO 016- Prof. Wilson Cano
ITEM 10 – o período recente (2.002 - ...)

Base: (além da bibliografia citada no Programa): dados e análises de várias instituições internacionais: UNCTAD, OECD, OMC, FMI, BIRD, CEPAL.

10.1 Uma nova economia e uma nova geopolítica (EUA, China, Rússia)

- Crise e nova divisão internacional do trabalho;
- Baixos salários e câmbios; (China, Nics, África e América Latina)
- *Boom* produtos primários (China)

10.2 Expansão e crise nos EUA – Crise na Europa

- Crise de “2007-2008”: raízes históricas e espraiamento internacional
- A crescente supremacia do K financeiro e do K fictício; a questão da L/K e o aumento da relação entre L/K não operacional e L/K operacional
- A crise estrutural do Kismo

10.3 A expansão da China: “o efeito China”; Índia e Rússia

- As bases legadas pelo período Mao; Reforma pós Mao
- O efeito China: finanças; IDE; Y, M; as três estruturas de comércio da China:
 - i) Com Japão e Coréia,
 - ii) Com OCDE
 - iii) Com os PSD
- Índia e Rússia; “BRICS”?

10.4 – América Latina e Brasil

Base: bibliografia indicada no programa, mais: (dados e análises):

Cepal: (relatórios anuais): i –“Panorama de la Inserción Internacional de A.L.”; ii) “Estudio Económico de A.L.”; iii) “Anuario Estadístico de A.L. y Caribe”.

10.4.1 – A “recuperação” do Δy pós 2002

- Determinantes do Δy (externos e internos). **Desindustrialização (este ponto passa para o item 11.2)**
- O modelo neoliberal II: câmbio, juros, crédito, \$, fiscal, I, Cf, x, m, ΔKx ; Δ dívida externa e pública interna;
- O setor externo: estrutura pautas de X e M, o “boom” dos primários; $> -STC$ e $> \Delta Kx$; a vulnerabilidade externa;
- Afastamentos “temporários” e parciais do modelo NL: Argentina, Bolívia, Venezuela, Equador; o caso do Br;
- Aprofundamentos da inserção México – EUA;

10.4.2 - Δ inserção externa (ocidental)

- Nafta e ALCA
- MERCOSUL; acordos EUA com: MX, CO, PE, CH
- África e AM. Latina (acordos, x – m, IDE)

10.4.3 – A inserção com a China (os “negócios” da China):

- Estrutura X, M: AM. L/ China
- ΔKx da China nos PSD: efeitos de longo prazo

NOTAS DE AULA – HO 016- Prof. Wilson Cano

ITEM 11 - Visões e críticas recentes da problemática do desenvolvimento

11.1– A problemática do desenvolvimento revista

- i- A “velha” Cepal e a “nova” CEPAL (Neoestruturalismo da CEPAL); o “regionalismo aberto”; a busca incessante da “competitividade internacional”
- ii -Os equívocos do neodesenvolvimentismo;
- iii-Furtado e os mitos do desenvolvimento, consumo, distribuição de renda e estrutura de Oferta; Dependência e cultura nacional. Novas reflexões de Furtado: as “Metamorfoses” do capitalismo;

Nota de aula: Furtado, principalmente a partir dos 90s, foi mostrando seu crescente pessimismo em relação ao Brasil. Em 2002 em conferência na UFRJ, tenta explicar as “metamorfoses” do capitalismo, ou seja, as grandes transformações na passagem da para a II RI, apontando o aumento da regulação da política econômica, e o aumento dos salários dos trabalhadores, resultando em grande expansão dos mercados. Mas coloca como lado as questões políticas e sociais e a luta de classe. Na passagem para a atual III RI, o avanço tecnológico, ao contrário da anterior, precariza o trabalho e desregula a política econômica, fazendo renascer a “primazia do mercado”

iv-Progresso Técnico e competitividade. Neoschumpeterianos. Modelos de crescimento endógeno; C&T e competitividade. Uma crítica marxista aos NS.

Nota de aula: esta corrente cujo lastro teórico está centrado em Schumpeter e, portanto, guarda fortes relações e fundamentos com a economia neoclássica (entre os quais o de sua a-historicidade e do “evolucionismo biológico”). Tem, na inovação, o “motor” e principal determinante do crescimento. e do desenvolvimento. Assim, a acumulação parece não obedecer aos imperativos do lucro e da concorrência. A acumulação parece conter, primordialmente, “conhecimento” e secundariamente ativos fixos. Se afasta, portanto, não só de Marx, como também de Keynes . O texto de leitura sugerido, de Astarita, apresenta uma excelente comparação com Marx, mostrando profundas diferenças explícitas na acumulação de “saberes” e não de infra e de bens de capital, ou nas questões atinentes aos problemas da concentração e centralização de capital, ou, ainda, nas determinações do capital financeiro sobre as decisões de produção. Cabe ainda lembrar, com Furtado (TPDE), que Schumpeter não tinha uma Teoria da Acumulação e sim uma Teoria do Lucro. Como nos neoclássicos, as questões políticas e sociais desaparecem ou passam a ser referências menos importantes na dinâmica de acumulação e desenvolvimento.

v-“Variedades” de capitalismo. e o novo Institucionalismo: uma nova teoria ou mais um “arranjo neoclássico” ?

/

Nota de aula: Variedades de Capitalismo (VC) é uma expressão relativamente recente que pode ser entendida como “Modelos diferenciados de capitalismo”, os quais, para a determinação de suas tipologias podem utilizar um ou mais elementos de seus si (ou sobre o Kx) sistemas políticos, jurídicos, econômico) s e sociais para caracteriza-los.

As VC podem se caracterizar (ou definir) por suas estruturas (ou por suas instituições), econômicas como por exemplo; países petroleiros; agroexportadores; de industrialização avançada; de estrutura tributária regressiva; onde o financiamento à produção é predominantemente público; onde o trabalho tem forte organização sindical; de forte regulação sobre o sistema privado ou sobre o Kx); etc.

As VCs tem sido objeto de tentativas de teorização e ideologização, ignorando as principais especificidades do capitalismo e suas hegemonias que exigem a presença, de uma ou mais delas, qualquer que seja sua VC, como por exemplo: a concentração e centralização de capital; escala; domínio tecnológico; poder de, etc. dominação internacional (dinheiro, armas, tecnologia, diplomacia). Outro ponto de quase impossível convergência são países “atrasados” alcançarão seus níveis de renda. o as VCs “desenvolvido” e “subdesenvolvido”.

Por outro lado, há ainda que ressaltar o fato de que o Neo Institucionalismo tem a pretensão de impor a ideia de que são os sistemas institucionais que possibilitam o desenvolvimento, esquecendo que o capitalismo é um animal que altera as instituições, sempre que isso se faz necessário. Não é copiando as instituições de países “avançados” que, automaticamente, os “atrasados” convergirão par seus níveis de renda e bem estar.

vi Desenvolvimento e Meio ambiente: o que restou aos PSD na nova divisão internacional do trabalho: recursos naturais, energia, devastação e trabalho barato.

Questionamento: como administrar o conflito existente entre desenvolvimento e meio ambiente? Idem, entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos? Idem, entre interesses privados e públicos na questão ambiental? A “precificação” ou “valoração” de recursos naturais e de prejuízos ambientais e a lógica da valorização do capital.

11.2.. Industrialização e Desindustrialização:

i- Desindustrialização como processo: causas e consequências; diferença entre o sentido financeiro e o produtivo da desindustrialização;

ii- a desindustrialização na América Latina e no Brasil: uma “reprimarização” .?

iii- O que mudou nas relações Centro-Periferia?

Nota de aula: o texto de Ribeiro e Albuquerque, sugerido como uma leitura para este tópico, é um trabalho de caráter pioneiro sobre o que significa hoje “Centro e Periferia”, palavras que caracterizavam a divisão do mundo capitalista pré 1930, entre os conjuntos dos países desenvolvidos e dos subdesenvolvidos, e suas relações de intercâmbio.

Os autores chamam a atenção para as principais transformações que ocorreram em muitos países Periféricos, com avanços progressistas em suas estruturas produtivas (industrialização), urbanização, comércio externo e instituições, mudanças essas muito diferenciadas entre eles. Chamam também a atenção para a descolonização e para a

internacionalização maior do capital, para o surgimento das ETS, algumas delas (poucas) com sede nesses países.

Entendem, por exemplo, que Coréia do Sul e Taiwan já não são periféricos, e que China e Rússia teriam passado a sê-lo, muito embora não entendo como um país socialista possa ser incluído nessa classificação.. Ressaltam ainda, que, a despeito dessas transformações os países periféricos não convergiram seus níveis de renda para os níveis dos desenvolvidos Chamam ainda a atenção para o fato de que a heterogeneidade entre eles continua enorme.

Trata-se de texto que abre profícua perspectiva de pesquisas sobre o significado dessas mudanças, em termos do conjunto e de suas relações com os desenvolvidos, que se tornaram ainda mais complexas. Lembro, por exemplo, que a dominação do capital financeiro internacional, atinge hoje níveis ainda piores do que no passado, sobre a Periferia, tolhendo grande parte de seu poder político atual e tornando-a ainda mais vulnerável.

11..3– Críticas e alternativas ao modelo neoliberal

- i- Uma “camisa de força”: os acordos internacionais; a OMC;
- ii-Efeitos do modelo neoliberal: mais dependência e vulnerabilidade;
- iii-insustentabilidade de taxas médias altas de crescimento no longo prazo: o “vô da galinha”
- iv-agravamento da crise econômica, política e social: a crise “permanente”; desemprego e precarização do trabalho; migrações; distribuição de renda;
- v-O caso do Brasil: Construção e Desconstrução do Desenvolvimento.